

REVISTA DA SEMANA

Ano XLV - N.º 20 - Cr\$ 2,50 no Distrito Federal - Cr\$ 3,00 nos Estados - 13 de Maio de 1944

No texto:

**A PRAGA DO
VENDEDORES
AMBULANTES**



Figuras e Fatos



FLAGRANTE DA CONFERENCIA REALISADA PELO DR. RAUL HARGREAVES, NO 1.º CONGRESSO SUL-AMERICANO DE HOMEOPATIA, SOBRE A TERAPEUTICA HOMEOPATICA EM FACE DA MODERNA CONCEPÇÃO DA TUBERCULOSE.

Aniversários da Semana

14 — Senhoras: D. Albina Leirão, D. Amelia de Almeida Machado de Oliveira; Senhorinha: Hilalecia Jorge; Senhores: Major W. Idemar, Dr. Domingos Segreto, Dr. Roberto de Lame, Alfredo Fernandes Lage, Fernando Ribas Carneiro, Dr. Argeu Guimarães, Dr. Pedro Hercilio Luz, Augusto Malta, José Bonifacio da Costa, Dr. Renato Bruce Botelho, Dr. Camilo Atilio Filho.

15 — Senhoras: Professora D. Eu-

nice Werneck Leoni Ramos, D. Edith Nobrega Carneiro, D. Amanda Sylvia do Vale Amaral. Senhorinha: Wanda de Oliveira Santos; Senhores: Dr. Gerson de Paula Lima, Dr. J. lio Cesar Tavares, Coronel Dr. Alarico Damazio, Manoel Gomes Ribeiro, Isaac Tapajoz, Mario de Paula.

16 — Senhores: Armando Waddington, Dr. Antonio Leite Gouvêa, João Nunes Monteiro, Wilson Marinho Barroso.



O SR. ANTONIO DE NAPOLIS, COMERCIANTE, RESIDENTE NA CIDADE DE CASTRO—ESTADO DO PARANÁ, COMEMOROU EM DIA DO MES DE MARÇO P. PASSADO, 50 ANOS DE FELIZ CONSORCIO. NESTA FOTOGRAFIA, TIRADA POR OCASIÃO DE TÃO ALEGRE ACONTECIMENTO, ESTÁ O CASAL RODEADO DOS FILHOS, GENROS, NORAS E NETOS.

17 — Senhorinhas: Luciola de Noronha, Dilma Freire Barreto Senhores: Tenente Coronel Artilla Magno da Silva, Dr. Manoel Petrarcha de Mesquita, Arthur Barbosa, Dr. Leite de Castro, Francisco Cabral Peixoto, José Luiz de Castro.

18 — General Eurico Gaspar Dutra.

19 —
20 — Senhorinha: Lourdes Gill; Senhores: Gudesteu Pires, Comandante Nelson Guilhebel, Sebastião Estanislau Ascensão.

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observa como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita as manchas, as asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

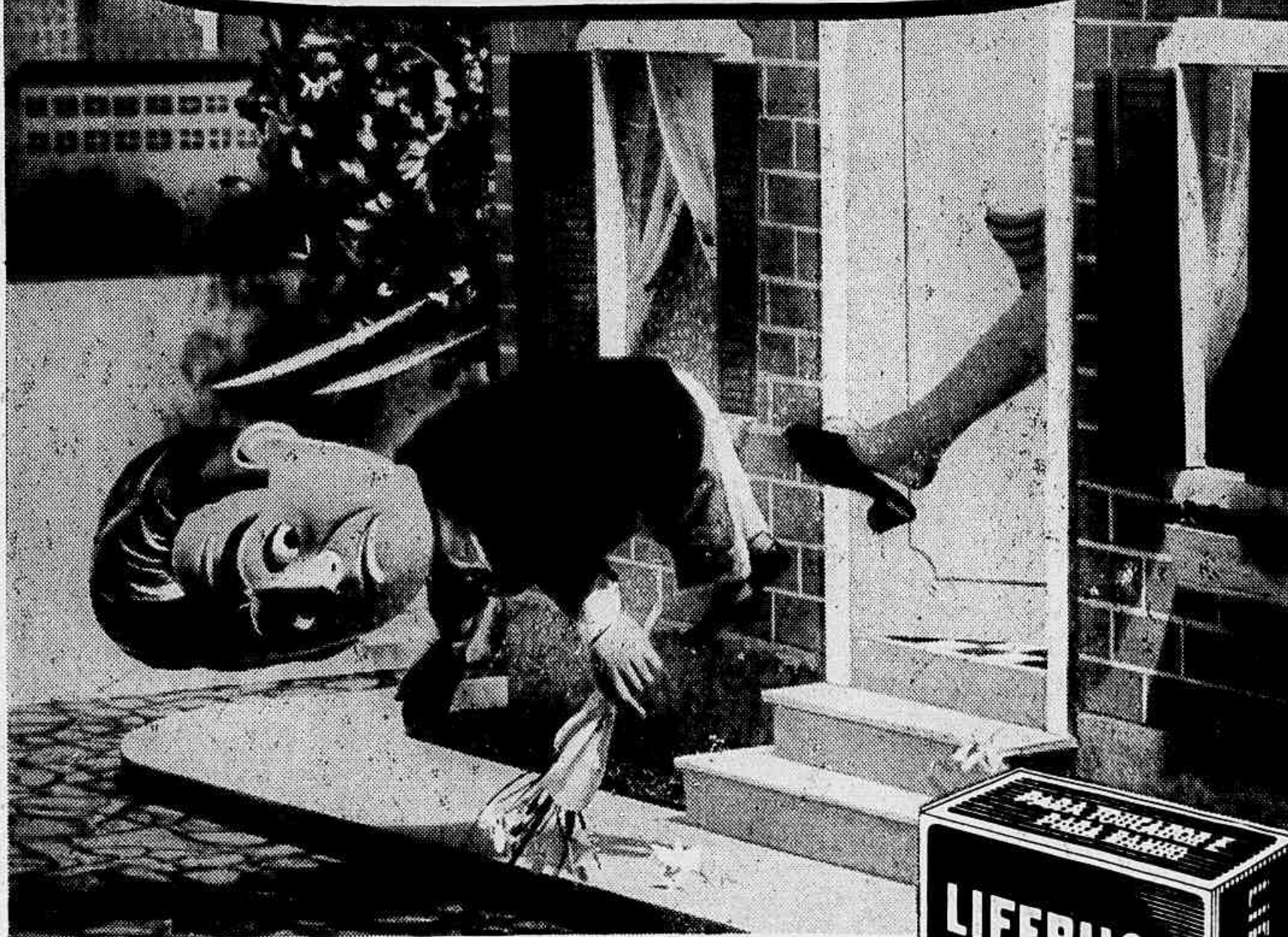
BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SAO PAULO - 1471 Av. Brig. Luiz Antonio
TRATAMENTOS CIENTIFICOS DA CUTIS
Foco enviar-me prospectos:
NOME _____
ENDEREÇO _____

LOTES DE LINHO, MIXTOS E DE CRETONE

Guarnições de mesa — Linhos avulsos — Cambráias, etc. Vendas por atacado e a varejo — Grande facilidade nos pagamentos — Solicitem demonstrações sem compromisso a JULIO HIRSCH.

AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 350
FONE 7-7669 — S. PAULO

O "tal" que não usa
LIFEBUOY



Cuidado! Se as coisas não lhe correm bem, tudo pode ser devido a odores desagradáveis, que Você não sente, mas os outros sim! Comece a usar Lifebuoy, cujo elemento purificador especial...

ASSEGURA SEU "ASSEIO CORPORAL"!

LINTAS LHS 75-0220 A

OUTONO LINDO

ALVARO MOREYRA



ROSAS na terra. Sinos no ar. Uma graça mística em torno de tudo. Tenho desejos mansos: entrar nas igrejas à hora das novenas, ouvir a música dos órgãos, encher o peito de incenso. Quando a noite vem — que saudade vem com a noite!

Como Dezembro é o mês dos pequenos, dos simples, dos humildes — maio é o mês dos que cresceram e se complicaram, dos que se vestiram de orgulho porque não querem que os outros vejam a sua pobre nudez.

Em Maio a gente se enternece por tudo... por uma velha que vende flores... por um realejo que esmigalha a sombra de uma música muito antiga... por um perfume que se reencontra... uma janela iluminada... o luar... todas as reticências do mundo...

Maio, outono lindo, recalque de primavera... Doçura do ano... Poeta sentimental que morreu moço, em trinta e um dias, mas que volta depois, sempre igual, sempre com o ar bom, a mesma camaradagem, um pouco triste, um pouco alegre...

Ignoro se foi de propósito que a princesa Isabel escolheu Maio para acabar com a escravidão no Brasil. Lembro-me da carta de um fazendeiro de São Paulo, mandada em 1888 a uma folha da Capital:

"Comunico, com muita satisfação, que em homenagem à patriótica lei de 13 de Maio, declarei livres todos os meus escravos."

E também me lembro de um funcionário público, chamado Cordeiro, que houve em Porto Alegre, e era amigo de um meu avô. Seu Cordeiro, quando um governo caía ou subia não tomava conhecimento do fato. Meu avô lhe perguntava:

— Então, lá se foram os Conservadores?

Ele respondia como se indagasse:

— Sim?

— Sim, homem! Estão no poder os Liberais!

— Bem. Mudei de patrões.

Governos de etiquetas diferentes partiam e chegavam. A resposta de seu Cordeiro permanecia igual diante da curiosidade teimosa de meu avô:

— Bem. Mudei de patrões.

Permaneceu igual no aparecimento da República. E igual permaneceria nos demais aparecimentos, se a morte não resolvesse dar antes, ao inflexível servidor do Estado, os patrões definitivos.

Seu Cordeiro era um símbolo. Foi pena que se chamasse assim. Eu preferia que possuísse um nome forte, de bicho independente: Lobo, Tigre, Leão; ou de pau proveitoso: Carvalho, Pinheiro, Brasil. Brasil seria ótimo.

E' que o Brasil, em geral, não tem idéias — tem sentimentos. A Abolição foi um sentimento. Herdamos do cativo uma expressão para o amor:

— Minha negra...

E consumimos muito tempo até a certeza de que o preto é um homem como qualquer um de nós, e não um escravo apenas.

O escravo agora é branco e atende pelo nome de fascista: uns italianos que restam, uns alemães que se acabam, uns infelizes que acreditam nesses. Quando o fascista é japonês, o escravo muda a côr, não muda mais nada. O grande senhor, Adolfo Hitler, nasceu na Austria, e envergonha todas as valsas.

A Princesa Isabel assinando a Lei Aurea, numa composição de Angelo Agostini, publicada em a "Revista Ilustrada", dias após aquele ato, pronunciado em maio de 1888.



LA AVISPA

PRECIO
15
CÉNTIMOS

AÑO V

NÚM. 196.

MADRID 30 DE MAYO DE 1888

PRECIO
15
CÉNTIMOS

HOMENAJE



A. S. A. I. la Regente del Brasil, por su decreto de abolición de la esclavitud, felicitan sinceramente y respetuosamente,
Los pueblos civilizados.

Reprodução da 1.ª página do jornal de Madrid, "La Avispa", comemorando a Lei de 13 de Maio.

A' ESQUERDA, REPRODUÇÃO DA 1.ª PÁGINA DE UM JORNAL ESPANHOL, "LA AVISPA", COMEMORANDO A LEI DE 13 DE MAIO, PUBLICADO DUAS SEMANAS APÓS A ASSINATURA DO DECRETO. NA LEGENDA, LIA-SE: "A S. A. I. LA REGENTE DEL BRASIL, POR SU DECRETO DE ABOLICION DE LA ESCLAVITUD, FELICITAN SINCERA Y RESPETUOSAMENTE, — LOS PUEBLOS CIVILIZADOS".

HA 56 ANOS...

...no dia de hoje, é assinada a Lei Aurea. Parece já ter sido há muito mais tempo, e realmente, na ordem das emoções por que passa o Brasil, o decreto da Abolição não tem apenas seis anos além de meio século, mas uma eternidade. Ninguém compreende que, faz tão pouco tempo, existisse a escravatura em nossa terra, e ainda menos se compreenderá levando em conta o reflexo que a medida da Princesa tão poderosamente fez sentir em outras nações. De fato, o nosso 13 de Maio não foi apenas um acontecimento nacional, mas um lance de repercussão muitas vezes além das nossas fronteiras. Aqui estão, nesta mesma página, duas oportunas reminiscências que fomos buscar aos arquivos de jornais contemporâneos daquele feito histórico. São as reproduções de duas alegorias, uma publicada em jornal espanhol, outra em jornal argentino, logo após a promulgação da Lei Aurea. E de ambas as nações chegavam-nos aplausos imediatos, fervorosos...

Mas as coleções de jornais antigos servem sempre para nos fazer recuar na ação do tempo, repondo-nos dentro das primitivas épocas e das atmosferas que elas representavam. Na página em frente, ainda a reprodução de uma "charge" de Angelo Agostini na "Revista Ilustrada", encontram-se os primeiros efeitos da lei de 13 de maio. Dias antes, festejava-se Nossa Senhora da Glória no outeiro do mesmo nome. E, pela primeira vez, muita gente sentia a falta dos seus escravos, enquanto nos bondes as rotundas emancipadas se misturavam com o "cartola" enfezado e pouco satisfeito com a vizinhança... A "verve" do carioca já então si fazia sentir... Ou melhor: então é que se fazia sentir em toda sua plenitude...

Enquanto "Pai Zuxé Congo" subia o outeiro, acompanhado de "madama" e dos "calungas", lá em casa o antigo senhor de escravos abanava o fogareiro, á mingua de quem o fizesse, e não conseguia aquecer o chá-sinho de cada noite...

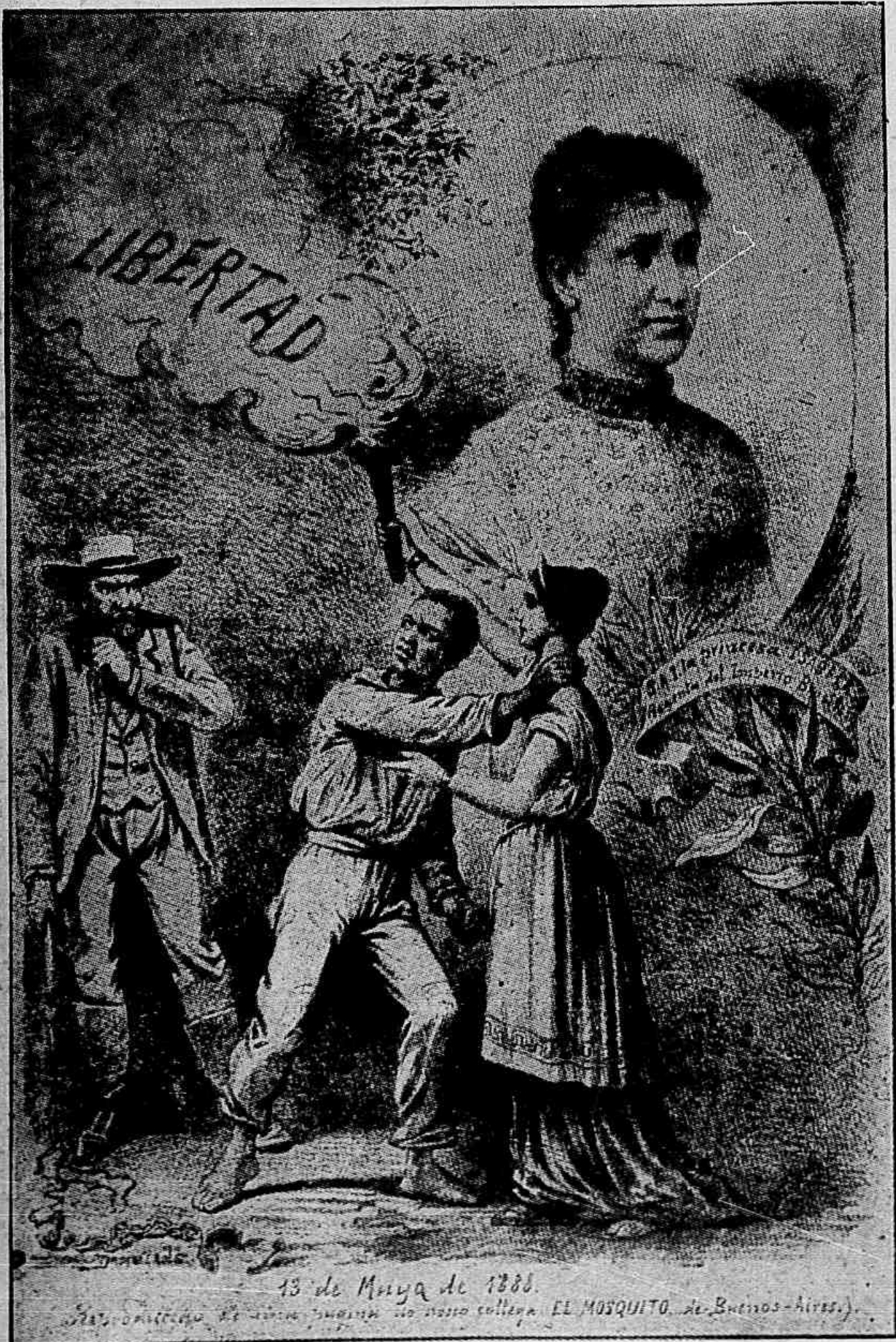
Em meio á subida da Glória, um liberto sentava-se no primeiro portal e reconhecia que... "Liberdade é muito bom, mas cria cálos que é o diabo"! E na residência do casal na rua do Cano a dona da casa levantava os braços em desespero, com a inesperada visita da família Pitada e seus quinze componentes:

— "Misericórdia! E nem uma rapariga em casa"!

Nada como um dia depois do outro, com cinquenta e seis anos de intervalo. A história repete-se "mutatis mutandi". Também hoje acomodados burguezes têm de esquentar o chá por falta de quem o faça e conspícuas donas de casa sofrem as amarguras de uma visita inesperada "sem uma rapariga em casa"...

A primeira patrão que sentiu a falta de empregada nasceu antes da Lei Aurea. E não havia "gafieira" nem escola de samba.

C. S.



13 de Maio de 1888.

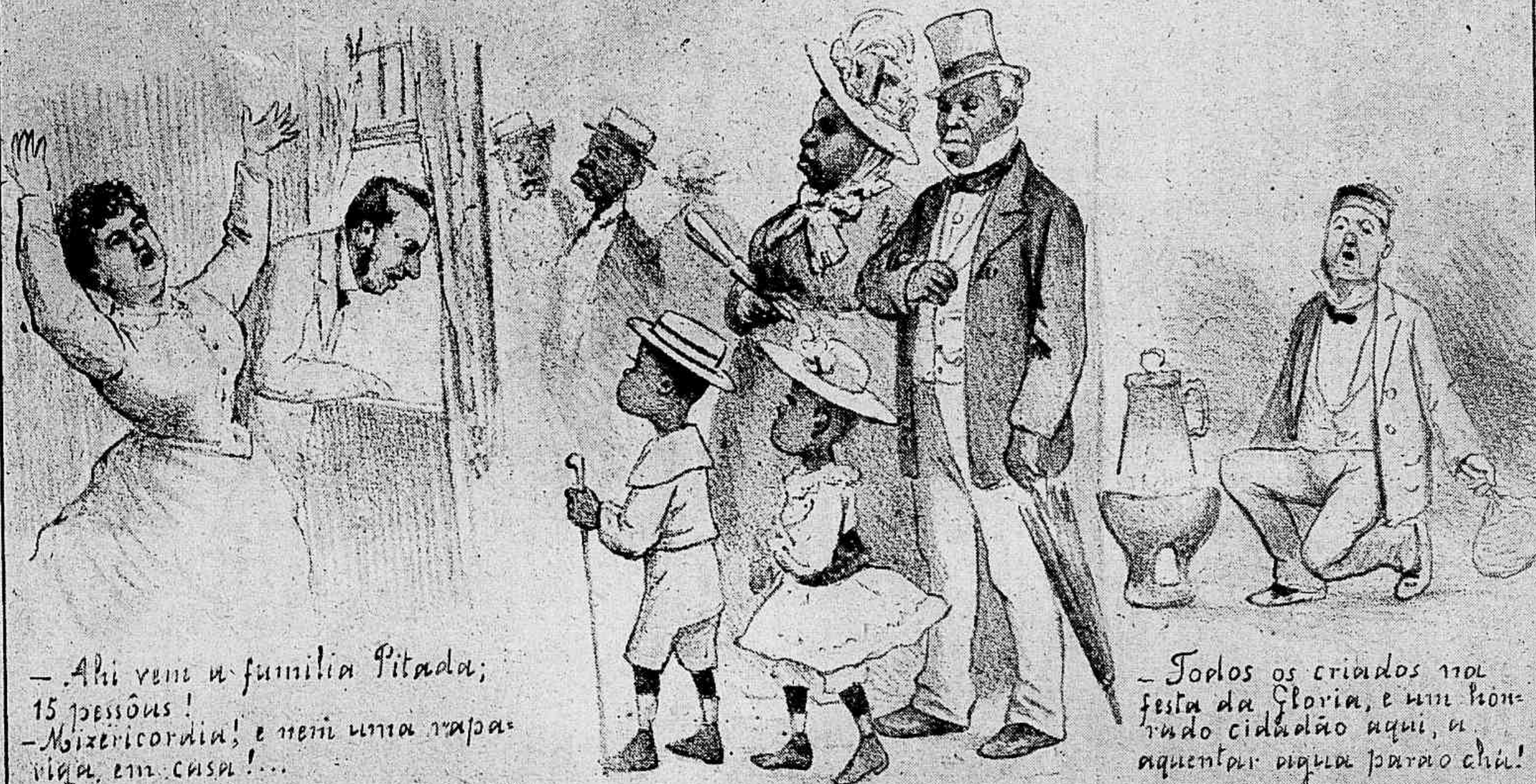
Reprodução da 1.ª página do jornal de Buenos Aires, "El Mosquito", comemorando a Lei de 13 de Maio.

TAMBEM NA IMPRENSA ARGENTINA REFLETIA EM LARGA ESCALA O DECRETO DA ABOLIÇÃO. AQUI ESTA O FRONTISPICIO DO SEMANARIO "EL MOSQUITO", DIAS APÓS O 13 DE MAIO, QUE ANGELO AGOSTINI SE APRESSAVA EM REPRODUZIR NA "REVISTA ILUSTRADA". E, A EXEMPLO DESSAS, INUMERAS OUTRAS HOMENAGENS SURTIRAM NAS PÁGINAS DE JORNAIS E REVISTAS DO MUNDO INTEIRO.

*A festa da Glória,
e alguns efeitos da lei de 13 de Maio.*



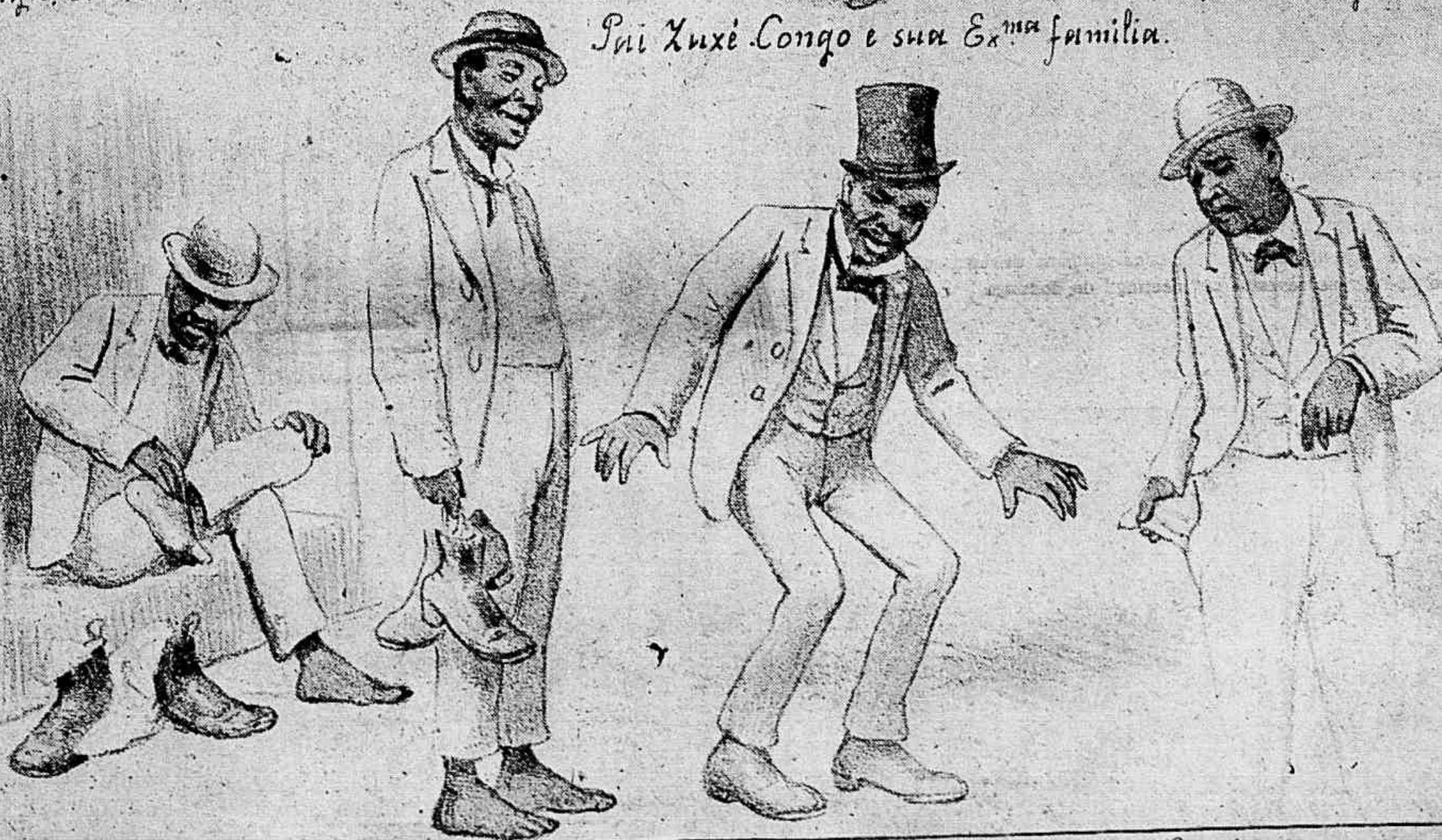
Nos bords.



— Ali vem a família Pitada;
15 pessoas!
— Misericórdia! e nem uma rapa-
vilha em casa!...

— Toplos os criados na
festa da Glória, e um hon-
rado cidadão aqui, a
aquecer a água para o chá!

Pai Xuxé Congo e sua Ex^{ma} família.



— Liberdade é muito bom,
mas cria callos que é o diabo!

— Fiquei com o corpo livre, mas
estou com os pés no cativeiro!

— Roubado pelos nativos! Eis
uma sensação que nunca tive
antes da lei!



JOCKEY CLUB MUNDANO

O Jockey Club Brasileiro continua dando a nota elegante dos domingos esportivos. A última reunião turfística congregou no Hipódromo da Gávea os elementos mais representativos do nosso mundo social, numa brilhante demonstração do crescente prestígio do nobre esporte no Brasil. As fotos que reproduzimos nesta página são uma demonstração eloquente do brilhantismo de que se revestiu o "meeting" de domingo.



REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia.

Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal

434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.

Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

ANO XLV --- 13-5-1944 --- N. 20

Sumario

LITERATURA:

Outono lindo (Alvaro Moreyra).....	3
Livros Novos.....	8-9
A Musica das palavras na voz das mulheres — (Genolino Amado).....	10-11
Curioso — (Affonso Schmidt).....	15
O Cartão Azul — (Stuart Palmar).....	18
A Conquista — (Escagnolle Doria).....	30

REPORTAGENS:

Figuras e Fatos.....	2
Joquei Clube.....	6
Por que se candidatou à Academia (Vinício da Veiga).....	12-13
Deixai vir a mim as crianças.....	16-17
A praga dos vendedores ambulantes — (Paulo de Sales Guerra).....	25 a 28
A mulher na guerra e no pós-guerra — (Juanita Borel Machado).....	32-33
Da Paraíba.....	34

FOTOGRAFICAS:

Aconteceu no Rio.....	24
Coisas do Brasil.....	31
A Nova Marta Eggerth.....	36-37

CINEMA:

De Cinema — (Pery Ribas).....	23
Hollywood.....	48-49

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos — e outras seções a começar de.....	35
--	----

SEÇÕES:

A Guerra em Marcha (G).....	19
De Rádio — (Djalma Maciel).....	22

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam:

Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e queimadura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	38
"Charge" de Raul.....	50

AVULSAS:

Ha 56 anos — (C. S.).....	4-5
A proposito de Jardim Zoologico.....	14
Em todos os "fronts".....	20-21

ANEXO:

Suplemento de Guerra

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr. \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o preço da capa.

SABONETE



Dorly

PRÊÇO POR PRÊÇO É O MELHOR!
MELHOR PELO PRÊÇO E PELA
EXCELENCIA DE SUA QUALIDADE!

À VENDA EM TODO O BRASIL

SÃ MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES

Prof. ARNALDO DE MORAES

3.ª EDIÇÃO

PREÇO: Cr\$ 15,00

Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

**Para maior valor...**

...insista em Quaker Oats! Nem toda aveia é Aveia Quaker. As palavras "Quaker Oats" são a marca registrada que identifica unicamente a original e legítima Aveia Quaker. Não há outro alimento, que contenha, de forma tão concentrada, os elementos essenciais para fortalecer o organismo, tonificar os nervos, enriquecer o sangue. Siga o meu conselho: Compre Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 gramas em cada lata.

Insista em

QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

DOR de ESTOMAGO?AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Popolo

BANKETS**PRISÃO de VENTRE?**

Pilulas

ALOICAS
REGULARIZAM OS INTES-
TINOS SEM TORTURA-LOS.**VARIZES
EM SENHORAS**

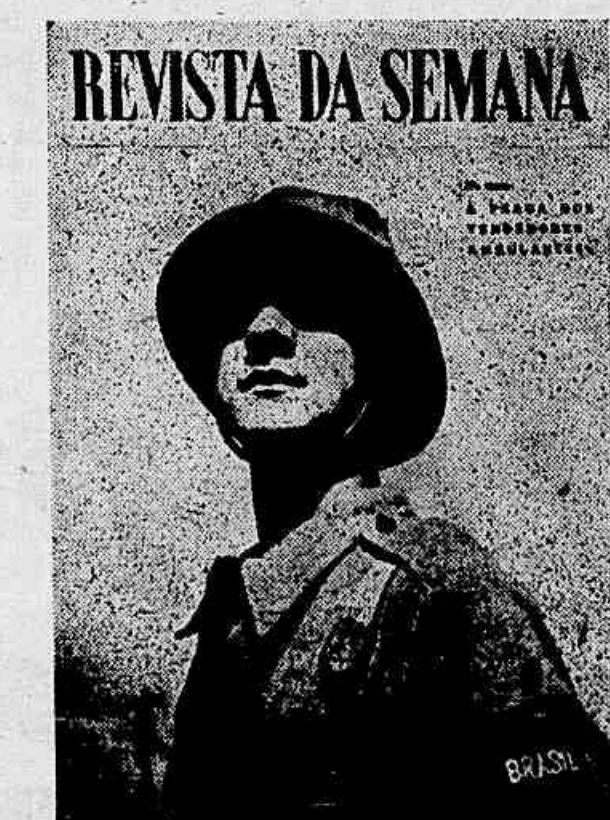
Novo Tratamento sem Operação

Após longos estudos foi descoberto um medicamento vegetal para o tratamento com ótimos resultados de varizes, que prejudicam a circulação venosa. Esta medicação, na dose de três colheres de chá ao dia, em água açucada, restitui as pernas o seu estado normal e a beleza estética. Em idêntica dose debela os males causados pelos maus hábitos intestinais e externos, inclusive os que sangram. Não encontrado nas farmácias ou drogarias, peça diretamente ao depositário: CX. POSTAL 1874 (um-cinco-sete-quatro) São Paulo.

HEMO-VIRTUS (Líquido)**A nossa Capa**

Desde quando se realizou, aqui no Rio, o grande desfile de um contingente da Força Expedicionária, nossos bravos rapazes que agora se aprestam para seguir, rumo ao campo da luta, ficaram em ordem do dia. Si desde agosto de 42 a população se interessava, ao vivo, pelas "demarches" na preparação do corpo expedicionário, tarefa a que se entregavam as nossas autoridades militares na capital da República e nos Estados, depois que uma parcela, apenas, dos soldados brasileiros se apresentou, garbosa, pelas ruas da cidade, esse entusiasmo aumentou consideravelmente. E' que a mocidade soube entregar-se, de corpo e alma, aos exercícios preparatórios para melhor dar conta de tão delicada tarefa, e por isso, nada mais justo que a homenagem da REVISTA DA SEMANA, dedicando a sobre-capa deste numero, ao Corpo Expedicionário. Quem terá sido o soldado que o nosso fotógrafo escolheu? Um qualquer. O nome importa pouco, porque, quem quer que ele seja, é apenas, na realidade, uma partícula da juventude do Brasil disposta a derramar o sangue para revindicar a afronta do inimigo.

Esses soldados estarão, num amanhã bem próximo, longe da pátria, defendendo as cores do nosso pavilhão e erguendo, bem alto, o nome do Brasil. Eles sabem que daqui os acompanha-



ção pais e esposas, irmãs e filhas, fazendo votos pelo pronto regresso vitorioso dessa falange de brasileiros e destemidos moços do Brasil novo, que não soube furtar-se ao cumprimento do dever, fugindo às encôlhas de uma neutralidade acomodaticia mas correndo os mesmos riscos das nações que mais estão empenhadas pela causa da Humanidade.

Livros

EFEMÉRIDES CARIOCAS. — Roberto Macedo. — Rio. — 1943



São pequenas crônicas, registrando os fatos pitorescos e curiosos da vida da cidade, onde são também focalizados os acontecimentos importantes que chegaram a ter repercussão na própria história do Brasil. Assim é que vemos ao lado da notícia do embarque de D. João VI de regresso a Portugal, em 26 de Abril de 1821, a circular de 27 de Abril de 1872, suprimindo oficialmente a formalidade aristocrática do beija-mão.

A propósito desses acontecimentos importantes ou apenas curiosos, o autor discorre sobre a repercussão que tiveram na opinião pública e os efeitos que produziram na cidade.

As manifestações do povo e da imprensa são descritas pelo autor, de modo que podemos avaliar a repercussão de cada um desses acontecimentos.

Trata-se assim, de uma pequena e pitoresca história da cidade, onde os leitores poderão encontrar mesmo algumas recordações.

♦ ♦ ♦

COMO VIVEM OS HOMENS QUE GOVERNARAM O BRASIL. — João Lima. — Rio — 1944.



Mostrando a vida atual dos ex-governadores do Brasil estando compreendidos nesta categoria os Presidentes da República, os Ministros de Estado e os presidentes e governadores de Estados, o Sr. João Lima dá-nos uma rápida notícia sobre a vida e a obra destes homens antes de ocuparem os lugares que os tornaram conhecidos, não deixando de falar sobre o seu governo.

Como vemos trata-se assim de uma resenha histórica, em que, através da biografia dos homens que governaram o país, podemos seguir os acontecimentos mais importantes da República.

Agora que os programas de ensino vêm dedicando especial cuidado ao ensino da história do Brasil, todas as obras que possam concorrer para incrementar o gosto por esta matéria, devem ser bem recebidas.

Nesses traços biográficos, podemos estudar a obra dos dirigentes do nosso país, tendo assim o autor contribuído de modo eficiente para solidificar o conhecimento da nossa história.

♦ ♦ ♦

ACONTECEU HÁ MUITO TEMPO. — Romance. — Margaret Kennedy. — Tradução de Herman Lima. — Rio. — 1943.



O título original é *A Long Time Ago*. O romance muito bem traduzido por Herman Lima, gira em torno da vida curiosa de uma mulher, mostrando a influência que podem ter as memórias de artistas sobre a vida de cidadãos pacatos. Não se trata aqui de alterações do temperamento do burguês, produzidas pelas memórias, mas do transtorno causado no seio de uma família cujo chefe, há muito tempo, conhecera uma criatura interessante. O fato, que na ocasião "passara despercebido" vem à baila depois de muitos anos, quando a artista já não existia, produzindo a discordância num lar feliz. Este é o tema, que em si nada encerra de extraordinário, mas que a autora consegue tratar com rara habilidade, levando o leitor a se interessar fortemente.

Os tipos são muito bem descritos e as ações contêm dramaticidade suficiente para tornar o romance recomendável a todos os que se interessam pelo gênero. Aliás, tem havido ultimamente uma grande procura de romances, por parte do público, o que se explica pela necessidade de dar ao espírito preocupado pelos graves problemas que todos temos de enfrentar nesse mundo atormentado pela guerra. Acreditamos que o livro em questão tem todas as probabilidades de agradar.

♦ ♦ ♦

BARÃO DO RIO BRANCO — Max Fleiuss. — Rio. — 1944.

Comemorando a data de nascimento do Barão do Rio Branco, a Academia Carioca de Letras, reproduz num opusculo o ensaio biográfico do historiador Max Fleiuss. É uma justa homenagem ao grande estadista brasileiro, nas vésperas do seu centenário.

♦ ♦ ♦

PAULO SILVA ARAUJO. — Carlos da Silva Araujo. — Rio. — 1944.

Esboço biográfico sobre Paulo da Silva Araujo, poeta, médico. "um santo que foi um sábio."

Novos

MES TORPILLES ET MES GLORIFICATIONS. — Jeannot-Griffarain. — São Paulo. — 1943.

O autor deste livro não é francês e "nunca viveu nem esteve mesmo na França" como acentua Jacques Funke, do Comitê da França Combatente em São Paulo, numa espécie de carta-prefácio, em que elogia os conhecimentos da língua francesa revelados pelo escritor nessa obra.



Não queremos pôr em dúvida esses conhecimentos. Não duvidamos que o livro desperte a gratidão e a admiração dos franceses que vivem entre nós. Só não podemos concordar com esse gênero de louvores choramingos, numa época em que a luta vai no auge e em que o próprio exército francês, se apresta para a mais formidável e arriscada empresa dessa guerra: a invasão da Europa, onde eles poderão reconquistar a própria França expulsando de lá os nazistas.

E' verdade que alguns versos do livro mantêm aceso o fogo da esperança, mas há outros que dão a impressão de uma derrota definitiva, em que o vencido se limita a prantejar o desastre, como este:

Paris sous les Allemands

Paris, belle cité, glorieuse Lutèce.

Où sont tous tes plaisirs, tes chansons, tes amours?

J'ai mon coeur accablé d'une immense tristesse.

De te voir à présent comme un nid de vautours.

Ora, isto tem um sabor saudosista que só pôde incutir desanimo e que por conseguinte não podemos elogiar.

♦ ♦ ♦

CRISTIANISMO E DEMOCRACIA. — Mário de Andrade Ramos. — Rio. — 1944.



São inumeráveis as obras que em todos os países civilizados, já foram escritas sobre esse tema inexgotável do papel social do cristianismo e da sua influencia na civilização ocidental.

Negada por uns, defendida por outros, esta influencia é entretanto incontestável.

A figura de Cristo como reformador social de sua época tem até hoje um interesse vivo, fato que por si, constitui um verdadeiro milagre.

Ninguém ignora o papel importantíssimo que a Igreja tem desempenhado na organização social do ocidente.

Assim é que a estrutura social do nosso mundo, a moral e os costumes dos países civilizados, estão fortemente ligados à história do Cristianismo.

O Sr. Mário de Andrade Ramos aborda esta importante questão no seu livro, de modo sério, revelando erudição no campo do Direito e da Sociologia.

Estabelece o autor as relações e as afinidades entre o Cristianismo e a Democracia, partindo do reconhecimento, comum a ambos, da dignidade e dos direitos da pessoa humana.

"Uma das funções do Estado Democrático, buscando o aperfeiçoamento e a garantia da liberdade dos seres humanos lhes faz observar a necessidade de limitar sua necessidade de expansão, inerente a todo ser vivo, pela consideração do direito de outrem."

Mostra assim o Sr. Andrade Ramos, que, tanto o Cristianismo como a Democracia reconhecem certos direitos à pessoa humana, "pela só razão que é uma pessoa humana, independente de classe, instrução, cor, raça, etc."

Como vemos, a obra é interessante e de grande oportunidade.

♦ ♦ ♦

RENOVAÇÃO

Esta seção destina-se ao registro e critica de livros novos. Abrimos entretanto, aqui uma exceção para registrar o recebimento de *Renovação*, revista de caráter cultural e literário. E' uma publicação fundada e dirigida por moços, que enviam a todos os seus leitores uma mensagem de fé e de coragem. Não pretendem estes moços colocarse em posição hostil em relação aos grandes vultos da geração que os antecedeu. Muito pelo contrário, esclarecem que estão prontos a receber os conselhos e aproveitar a experiência dos mais velhos. Pretendem apenas, prosseguir a tradição de luta e perseverança iniciada pelos seus antecessores. E' uma revista nitidamente anti-fascista, que se propõe lutar pelos ideais elevados da humanidade. *Renovação* quer ser uma revista vitoriosa e pretende realizar as suas finalidades. Esta confiança no futuro já é por si uma vitória.

♦ ♦ ♦

FILOSOFIA REALISTA DA VIDA, O ADVOGADO E A MULHER EM FACE DA VIDA, DO AMOR E DA MORTE. — Mario Gameiro.

O título parece indicar uma vasta e complexa obra de filosofia. E' entretanto apenas um opusculo, metade do qual é destinada a citações de uma quantidade de autores, jornais, etc. Na outra metade o Dr. Mario Gameiro faz considerações sobre estes assuntos transcendentais.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS /



TRANSPIROL

Publicidade para esta
"Revista" em S. Paulo

Tratar com Adalberto Mendes.
Rua D. José de Barros, 323.
Telefone 4-7866

Dr. SPINOSA ROTHIER

Membro do Círculo
Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS

(Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)

Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3367

A música das palavras na voz

Os homens vivem sempre reclamando contra a tagarelice feminina... Acham que as mulheres falam muito... falam de mais! Não se cansam de dizer que o palavreado fútil é o maior defeito de Eva. E quando sonham uma criaturinha ideal, a primeira qualidade que lhe emprestam é o dom de ficar silenciosa, só usando os lábios para a linguagem muda dos beijos...

No entanto, a voz das mulheres tem sido exaltadíssima na literatura. Principalmente na poesia. Ouvir a fala da amada é a suprema delícia de quem vive do amor e dos versos. E aí das criaturas caladas, taciturnas, que só dizem o que é necessário dizer... Não têm a menor cotação no mundo das letras... Perdem longe para as faladeiras, para as tagarelas...

Ainda no tempo colonial, já Tomás Gonzaga dizia na graça das suas rimas delicadas:

O vento, quando parte em largas fitas
as folhas que balança com brandura...

A fonte cristalina,
que sobre as pedras cai de imensa altura,
Não forma um som tão doce, como forma,
a tua voz divina!

Era assim no tempo colonial, isto é nos primórdios de nossa literatura. Depois, veio a Independência e, mais tarde, o Romantismo. E a voz da mulher amada continuou com

o mesmo prestígio e o mesmo encanto... Milhares de versos inspiraram na sua fala dominadora. E o velho Laurindo Rebelo, romântico da cabeça aos pés, dizia assim, com êsse inevitável exagero de todos os poetas apaixonados:

Quando ela fala, é tão suave, tão doce,
o leve som das palavrinhas mansas,
que ela canta ao falar, como si fôsse
um verdadeiro rouxinol de tranças...

Um rouxinol de tranças! Vocês, naturalmente, acharam a imagem muito exagerada... E com certeza atribuíram a culpa disso ao Romantismo, que era sempre excessivo, desmedido, pouco se importando de cair no ridículo com as suas extravagâncias...

Mas a verdade é que em todos os tempos e em todas as escolas poéticas se encontram os mesmos exageros em relação à voz da mulher amada. E a prova é que, em pleno parnasianismo, Luiz Murat dizia assim:

Tem toda a maciez das pétalas de rosa
sua fala gentil, que embriaga como os vinhos...
A sua voz parece uma árvore frondosa
subindo para o céu, carregada de ninhos...

Como vêem, o exagero de Luiz Murat é tão grande como de Laurindo Rebelo... Bem se vê, a voz feminina tonteia os poetas... E ainda mais: transforma em poetas os que em geral só escrevem prosa... E aí o exemplo de Osório Duque Estrada, homem que não gostava de rimas nem de métrica. Sob o efeito de uma vizinha mansa, o crítico barulhento se transformou num menestrel delicadíssimo, para dizer assim:

Si falas, doce e suave
a tua voz de cristal
é como o trino de uma ave
cantando num roseiral!

Catulo Cearense, entretanto, acha que a voz da mulher amada não é a dos passarinhos de jardim, mas a das fontes que murmuram na mata... É o poeta das inspirações sertanejas exclama nos versos do "Marroetro":

A fala dela, sá dona,
era o gemê do regato
que vai beijando as folhagens
que cai da boca dos mato...

O encantamento da voz feminina continua a existir mesmo para a poesia moderna. E Guilherme de Almeida assim procura defini-la no capricho de suas imagens imprevistas:

Em tua voz nervosa tumultua
essa voz de folhagens desbotadas,
quando choram ao longo das calçadas,
simétricas, iguais e abandonadas,
as árvores tristíssimas da rua...

Si os poetas revelam um entusiasmo tão grande pela voz da mulher, os prosadores também não ficam atrás neste assunto. Julio Dantas, por exemplo, é um enamorado da fala feminina. Toda vez que o escritor lusitano descreve uma criatura encantadora, dá um grande destaque ao poder envolvente da sua voz. Não há heróina dos seus contos e das suas fantasias literárias que não tenha uma voz muito bonita, muito musical... Mas, de todas as vozes femininas, a que parece ter produzido maior impressão em Julio Dantas é a voz de Berta Singerman.

A maravilhosa declamadora deixou inteiramente abafado o cronista de "Espadas e Rosas". E a página que Julio Dantas escreveu sobre a voz de Berta Singerman é uma das suas páginas mais belas. Assim falou o escritor:

GENOLINO AMADO CONTINUA APRESENTANDO PELA RADIO MAYRINK VEIGA O SEU CLASSICO PROGRAMA LITERARIO "BIBLIOTECA DO AR". SÃO REALMENTE MOMENTOS DE GRANDE ESPIRITUALIDADE E ENCANTAMENTO, OS QUE O CRONISTA DA CIDADE CONSEGUE REUNIR E OFERECER AOS SEUS OUVINTES. MAS PALESTRAS COM "A MUSICA DAS PALAVRAS NA VOZ DAS MULHERES" NÃO DEVEM PERDER-SE NO ESPAÇO. E POR ISSO, DEVIDAMENTE AUTORIZADA, A REVISTA DA SEMANA OFERECE EM CADA NUMERO, AOS SEUS LEITORES, UMA DASAS PRECIOSAS JOIAS, COMO FAZ TAMBÉM HOJE.



das Mulheres

"Quando Berta Singerman apareceu, num palco de Lisboa, para começar as suas recitações, foi — confesso — a mulher que em primeiro lugar me interessou. Um pequeno corpo de ave fíorenta; um sorriso tímido, chelo de inteligência e de candura; uns braços nus, de linhas harmoniosas, braços de bailarina, ao mesmo tempo musculosos e delicados, surgindo dum peplu branco e cruzados sobre o peito; a atitude modesta, hesitante, medrosa, de quem pede desculpa de ter incomodado tanta gente para vir ouvi-la. Bonita? Creio que sim. Uma beleza intelectual, aberta, iluminada — "a beleza difícil de precisar", em que fala Tolstoi — que nada tem de comum com a regularidade das feições e que procura apenas seduzir pela infinita graça de expressão. Tipo eslavo, pouco acentuado; cabeça pequena de deusa grega; malares levemente salientes; lábios finos; e — como duas chamais inquietas — uns admiráveis olhos, grandes, fendidos em amêndoa, inteligentes, penetrantes, um pouco frios.

Berta Singerman esperou, de olhos baixos, que o público se imobilizasse, que desaparecessem os últimos ruídos. Depois, quando se restabeleceu o silêncio, o seu corpo contraiu-se; começaram a agitar-se-lhe o tórax e os braços numa vibração quase imperceptível; semicerraram-se-lhe os olhos; tive a impressão de que ela procurava concentrar-se, suggestionar-se, acumular força nervosa, criar o estado de emoção indispensável ao trecho que ia interpretar. Subitamente, a fisionomia iluminou-se. Como nos instantes que precedem os primeiros acordes duma grande orquestra, um arrepiu percorreu a platéia: quando Berta Singerman, parecendo obedecer ao sinal duma batuta invisível, principiou a recitação da primeira poesia — "Alegria del Mar", de Capdevilla — todo o público estava suspenso dos seus lábios. Que tesouro, que prodígio de voz, quente, volumosa, rica de modulações, opulenta de timbres, voz em que há de tudo, estridências de clarim, tilintar de sinos, gorgheios de ave, rugidos do mar, murmúrios do vento, violinos que choram, cimbais de prata que retinem, uma inesperada riqueza orquestral que torna possíveis todos os descritivos, tôdas as onomatopéias, todos os efeitos sonoros! Foi assim a minha primeira surpresa. Ninguém diria que daquele peito mórbido, daquele corpo delgado pudesse sair uma voz assim. Compreendi então como a grande artista conseguiu fazer-se ouvir, ao ar livre, num Coliseu do México, repleto de povo. Mas o que há de admirável em Berta Singerman — e eu notei-o desde as suas primeiras palavras — não é apenas o maravilhoso órgão vocal que possui; é a maneira porque se serve dele, dominando-o completamente, graduando os seus efeitos, utilizando-o com uma segurança, uma nitidez, uma exatidão de valores, uma riqueza de inflexões, um instinto musical, um sentimento da cor e do ritmo que me levaram a comparar as suas recitações a bailados russos, porque Berta Singerman diz versos como Karsovína ou Napierowska dansam — com uma infinita e desesperadora virtuosidade.

Recitações, disse eu? Não. A grande virtuose não é, como toda gente julga e como eu próprio o supusera, uma recitadora, uma declamadora lírica de talento. Não se limita a dizer versos; arranca a esses versos o potencial de alma que eles contêm, sente-os, anima-os, vive-os, interpreta-os, consubstancia-se neles, numa palavra: representa-os. Não é apenas uma dissenso; é uma atriz. Foi essa a grande surpresa que Berta Singerman me trouxe; e é isso que constitui a verdadeira originalidade dos seus processos e da sua arte. Dotada duma viva inteligência crítica, duma aguda penetração psicológica, esta grande intérprete das literaturas estuda profundamente as composições que vai interpretar; completa-as, procurando, para além do texto de cada poema, o que nele existe e não foi traduzido em palavras — os seus "raios ultra-violetas", detentores do mais forte poder de emoção; realiza depois o trabalho da lenta trans-substanciação da alma do poeta ou dos seus heróis para a sua própria alma; e quando já é ela que sente aquelas paixões, que sofre aquelas dores, que pensa com aquelas palavras, quando a obra de identificação espiritual do poeta e da sua intérprete se completou, Berta vive na cena o poema, representa-a, realiza-o, não com a ênfase lírica dos declamadores vulgares, mas com a verdade humana, o sentimento, a sinceridade, a vibratidade, o gesto, a comunicativa eloquência duma perfeita comediante. Dizendo uns simples versos, toda ela é expressão: os braços, os olhos, a máscara, o corpo inteiro, que vibra, que estremece, que se transforma, todo ele, num equivalente expressivo da emoção do poeta. A mais ligeira poesia, interpretada por Berta Singerman, converte-se numa obra dramática, porque adquire, não só uma maior amplitude humana, mas uma realidade cênica integral. E' o que sucede, por exemplo, com o "Gigante", de Andrieu, com o "Soldado de chumbo", de Klingsow, com os "Sinos", de Poe e é isso que assombra e desconcerta os poetas que, pela primeira vez, ouvem as suas próprias composições ditas pela eminente artista. Muitos deles confessam-se surpreendidos pela quantidade de coisas novas que Berta Singerman encontrou nas suas poesias, e que eles nem sequer suspeitavam que lá estivessem. E o autor da "Ale-

gria del Mar" disse um dia a Berta Singerman, depois de a ter ouvido interpretar essa composição magistral:

— Não foi assim que eu senti a minha poesia, ao escrevê-la; mas era na verdade assim que a devia ter sentido..."

Si, apenas falando, as mulheres possuem tal encanto para os homens de letras, imaginem como se tornam encantadoras para eles quando cantam, em vez de falar!

Ai, então, os poetas entregam os pontos inteiramente... Ficam seduzidos, dominados, escravos da voz feminina. E em todos os tempos foi assim!

Em pleno Romantismo, por exemplo, Castro Alves dizia:

Quando cantas pendida
Por sobre o peito meu,
Ouves tu minha vida
Falando-te do céu?

A indolente cantiga
Desmaia de languor.
Cantai, formosa amiga!
Cantai, cantai, amor!

Quando rís, nesta boca
Rebenta amor a flux,
E minh'alma vai louca
Arder-se em tua luz.

Teu sorriso é quem briga
Em perfume com a flôr.
Cantai, formosa amiga!
Cantai, cantai, amor!

Quando dormes tão pura,
Dos astros ao clarão,
Teu alento murmura
Dos beijos a canção.

Manto ou véu não te abriga
O marmóreo palor...
Cantai, cantai, amiga!
Cantai, cantai, amor!

Quando passamos do Romantismo ao Parnasianismo, encontramos ainda a mesma fascinação da voz sobre a alma dos poetas. Parece que eles todos só amam primadonas, rainhas do bel-canto... E Luiz Guimarães Junior, apaixonado por algum soprano, escreveu este soneto:

Cantai — Parece — quando estás cantando —
Que eu já não sorvo o ar torpe e homicida
Dos pântanos malditos desta vida...
Sinto o meu coração fugir voando...

Ao teu suspiro mavioso e brando,
Minh'alma exulta e goza comovida
Com a abraçada planta humedecida
Dos orvalhos que a Noite vai chorando.

Ora me levas aos queixosos mares,
Ora à floresta umbrosa e recatada
Onde boiam perfumes e luas...

Oh! cantai! Estou a ouvir na madrugada
Os sussurros do rio e dos palmares
De nossa terra, ó companheira amada!...

Também Olavo Bilac não resiste à sedução infinita do canto da mulher amada... A sua voz tem para ele o efeito mágico das sereias. Toda a paisagem da vida se transforma ao gorgheio da criatura eleita... E o lírico murmura:

Quando cantas, minh'alma desprezando
O envólucro do corpo, ascende às belas
Altas esferas de ouro, e, acima delas,
Ouve arcanjos as cítaras pulsando.

Corre os países longes, que revelas
Ao som divino do teu canto: e, quando
Baixas a voz, ela também, chorando,
Desce, entre os claros grupos das estrélas.

E expira a tua voz. Do paraíso,
A que subira ouvindo-te, caído,
Fico a fitar-te pálido, indeciso...

E enquanto cismas, sorridente e casta,
A teus pés, como um pássaro ferido,
Toda a minh'alma trêmula se arrasta...

ALVARVS



NESTA PAGINA, UMA CARICATURA E UM RETRATO DE BERTA SINGERMAN, A PRIMEIRA DEVIDA AO LAPIS DE ALVARVS E FEITA POR OCASIÃO DE UMA DAS PRIMEIRAS VISITAS DA FAMOSA DECLAMADORA A' NOSSA CAPITAL. NA PG. A' ESQUERDA, UMA POSE DE DEANNA DURBIN, ATUALMENTE, A CANTORA EM MAIOR EVIDENCIA NO CINEMA.

POR QUE SE CANDIDATOU A' ACADEMIA?

"GOSTARIA DE ENTRAR PARA A ACADEMIA, NÃO POR VAIDADE, MAS PELO CONVÍVIO NA ESFERA DA MAIS ELEVADA INTELLECTUALIDADE NO BRASIL", RESPONDE VINICIO DA VEIGA — SEUS PRIMEIROS LIVROS PUBLICADOS EM INGLÊS, ALEMÃO E ITALIANO — EM PROJETO UM ROMANCE REGIONAL, SOBRE OS MINEIROS — UM AUTOR BRASILEIRO QUE SE PREOCUPA COM A LITERATURA CINEMATOGRAFICA — OS LIVROS DE AFRÂNIO PEIXOTO E LINS DO REGO TEEM POSSIBILIDADES PARA O CINEMA — A LITERATURA DE FICÇÃO SERÁ ABSORVIDA PELA "SÉTIMA ARTE" — O MODERNISMO ESTÁ DESORIENTADO NA LITERATURA — UM BOLETIM DE CHURCHILL JOGADO PELA RAF NA ITÁLIA — ONDE ENTRA BADOGLIO — UM ACÓRDO DE VÁRIOS CANDIDATOS ÀS VAGAS DA ACADEMIA REVELADO PELO AUTOR DE "HOMEM SEM MÁSCARA"

APESAR da sua aparência calma, do seu modo descansado de falar, não é difícil descobrir em Vinicio da Veiga um homem dinâmico e de espírito prático. Positivamente não é um contemplativo. Ele sabe descobrir o lado prático no cultivo das letras. E' bem um espírito do século XX. Na ampla sala em que fomos recebidos, o sr. Vinicio da Veiga tomou a palavra antes que pudéssemos dizer qualquer coisa:

— O senhor é da REVISTA DA SEMANA?

— Sim, e desejávamos entrevistá-lo sobre a sua candidatura à Academia.

— Tenho lido, com interesse, as razões por que os outros candidatos, tanto a vaga de Fernando de Magalhães como de Pereira da Silva e agora de Rodrigo Otavio, se apresentaram à Academia Brasileira, e não houve divergências a esse respeito. A Academia é a única organização literária do país que pode premiar, com a consagração da glória efêmera neste mundo, o homem que dedica toda sua vida ao labor intelectual, por vocação inata. Outros países, como os Estados Unidos, possuem organizações diversas que com seus prêmios não só consagram um escritor, mas lhe proporcionam meios folgados de vida juntamente com a fama. Assim é, mas já de caráter uni-

versal, o prêmio Nobel, que equivale para quem o recebe a um prêmio de estímulo, e para aqueles que envelhecem a um legítimo galardão de glória.

E continua:

— Conversei com um grande autor, que fôra apedrejado em Milão, depois da representação de sua primeira peça. A peça era "Seis personagens em procura de autor"; o autor, como sabe, era Luis Pirandello. Pois Pirandello, que era filósofo diplomado por uma universidade alemã, e à negação da vaidade, falou-me do prêmio Nobel que acabara de receber, com a maior alegria, considerando isso como a maior homenagem à sua inteligência e ao labor artístico de tantos anos de lutas e ansias. Eu, da minha parte, tenho tido grandes amigos na Academia, como Coelho Netto, Augusto de Lima, Mario de Alencar, João Ribeiro, tendo muitos deles escrito elogiosamente sobre minhas obras. Infelizmente já falecidos, mas conto bons amigos agora naquele cenáculo, companheiros dos primeiros passos e primeiros sucessos no Rio de Janeiro, como Olegário Mariano, Viriato Correia, Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto, Gustavo Barroso, Menotti Del Picchia, Ademar Tavares, Helio Lobo, Claudio de Souza e tantos outros respeitáveis, que me testemunharam sempre consideração e

estima. Gostaria de entrar para aquela companhia, não por vaidade, mas pelo convívio na esfera da mais elevada intelectualidade no Brasil.

Como autor, escrevendo os meus primeiros livros em alemão, inglês e italiano, para serem publicados ali, nos países onde minha carreira de diplomata me obrigava a viver, não pude jamais escrever um livro regional, sobre tipos e costumes do meu Estado, Minas Gerais, por exemplo, e tive, assim, que proceder e criar caracteres universais para os meus romances.

A aceitação que eles obtiveram no estrangeiro, sendo um deles premiado, e outros trabalhos dramáticos em estudo em Hollywood, já me deram grande satisfação e até compensação material, por serem as edições no estrangeiro mais numerosas que aqui e o trabalho intelectual mais bem remunerado. A crítica foi sempre benevolente nos grandes jornais, como o "Berliner Tagblatt", "Corriere della Sera", "Baltimore Sun", etc., alguns assinados por nomes de responsabilidade, mas o título de "brasileiro, escritor" em vez de "escritor brasileiro", não me seduzia. Não descansei enquanto não foram publicados os "Poemas Antigos", livro de versos em que não há influências nem ambientes estrangeiros. Até aqui justificamos o ditado de que "nem só de pão vive o homem". A família, porém, em geral vive do pão, e quem é por ela responsável deve ganhá-lo. Assim, além da carreira diplomática, sou técnico industrial, trabalhando também na Confederação Nacional da Indústria. Isto quer dizer que, obrigado a dar pareceres e conselhos práticos sobre vários assuntos, muitas vezes me encontro com Roberto Simonsen no mesmo campo, do qual ele parte para as letras, enquanto eu vou em caminho inverso. E nenhuma incompatibilidade achei até agora entre as coisas práticas e a literatura. A minha facilidade de expressão e apreensão sobre os assuntos técnicos tem sido de grande vantagem para a indústria, assim como os conhecimentos do presidente da Confederação dos Industriais de São Paulo tem sido úteis ao Brasil, traduzidos em suas obras de economia e finanças.

— Pensa então em escrever algum romance de caráter regional?

— Sim. Pretendo escrever sobre os mineiros, os trabalhadores de Mariana. Nasci nesse rico Estado do Brasil, e, como disse, só a força das circunstâncias me impediu, até aqui, de realizar o meu sonho. Este livro terá um caráter social. Será um retrospecto do trabalho de extração dos diamantes, abordando as dificuldades da vida dos mineiros.

— Tem algum livro em preparação, além desse?

— Tenho alguns "screen plays" para Hollywood. Um deles será até filmado no Brasil. O título é "As Últimas Máscaras", comédia baseada na honestidade dos bancários. E' a psicologia dos que lidam diariamente com milhares de contos sem se deixarem seduzir pela tentação da riqueza. Esta peça, aliás, já foi representada na Itália em 1938. No entanto, desde 1932 venho me dedicando ao cinema.

— Algum fato particular o levou a esse gênero de atividade?

— Sendo cônsul em Baltimore, recebi uma carta da Warner Brothers solicitando remeter os originais do "Presidente" novela de minha autoria já publicada aqui e nos Estados Unidos. Acedi ao pedido, e desde então tenho me dedicado ao gênero.

— E qual a sua opinião sobre a arte cinematográfica, do ponto de vista do autor?

— Julgo ser um campo de grandes possibilidades e aprendizagem para o escritor, pois o cinema exige um profundo estudo dos caracteres e ao mesmo tempo do movi-

O escritor e diplomata, no seu gabinete de trabalho. Vinicio da Veiga reúne às suas qualidades de escritor um espírito prático de iniciativa.



mento e da paisagem. O cinema não é mais do que a fotografia falada em movimento e em todos os tempos há de atrair a atenção do público. Acredito também que depois de 1944 todos os filmes serão coloridos.

— Qual a sua impressão sobre a literatura brasileira em face do cinema?

— A atual literatura brasileira é completamente inadaptável, havendo, creio eu, da parte dos escritores, o "handicap" da "intouchability", pois que um orgulho mal compreendido não lhes dá a elasticidade suficiente para se sujeitarem aos cortes, correções e acréscimos necessários para uma obra tão completa como é o filme social e artístico. Posso citar o exemplo de um grande autor inglês, Hugo Wallpole, que foi contratado para escrever peças em Hollywood e passou seis meses indo diariamente ao seu escritório, sem que lhe fosse dado trabalho algum, enquanto que ao mesmo tempo dois de seus mais célebres romances estavam sendo anatomicamente analisados e trabalhados por outros autores afim de serem filmados. Nesse caso, como em tantos outros, havia necessidade imperiosa, acima de todas as vaidades e preconceitos. Tendo vivido tantos anos nos Estados Unidos, desde cedo me habituei a sofrer tais arranhaduras na minha vaidade de escritor. Si entretanto quiséssemos, poderíamos encontrar na obra de Lins do Rego e Afrânio Peixoto grandes possibilidades para o cinema nacional. Também em alguns autores antigos como José de Alencar, Bernardo Guimarães e Afonso Arinos existem essas possibilidades.

— Acredita então que o cinema chegue a absorver a literatura?

— A literatura de ficção será totalmente absorvida pelo cinema. Este é uma forma viva de ação, mais condizente com a nossa época. A verdade é que já vivemos em quatro dimensões. Repare que todas as obras literárias escritas atualmente visam o seu aproveitamento pelo cinema. Assim, os autores jovens, por fenômeno de adaptação, irão procurando exprimir-se por esses meios.

Hoje em dia o escritor é obrigado a observar minuciosamente os fatos, mesmo nos seus menores detalhes técnicos, antes de apresentá-los nos seus romances.

— Como encara o panorama da literatura brasileira atualmente?

— Vejo-o num dos seus momentos de expansão ascendente. Seria necessária apenas uma proteção dos direitos autorais sob a tutela do governo, isto é uma sociedade de autores em que todos fossem membros, como existe na Europa e nos Estados Unidos.

— Na sua formação literária, qual a corrente ou correntes que mais influíram?

— Foi sem dúvida a corrente portuguesa, com Flalho de Almeida e o poeta Antonio Nobre. Além disso, -sotri uma grande influência de Ibsen e Nietzsche.

— Que pensa do modernismo no Brasil?

— Em literatura, acho-o desorientado. Como tenho observado em outros países, o modernismo é um modo de encarar a realidade sob um ângulo diferente, mas conservando a sensibilidade artística. E' mais provável que um homem de 1944 compreenda a poesia de Cassiano Ricardo do que a de Guerra Junqueiro. Ache que, entre nós, o modernismo tem deturpado o verdadeiro sentido da arte. Isto quanto à literatura. Quanto à pintura não faço restrições e considero Portinari como um dos líderes do movimento, tendo seu nome repercussão internacional.

— Que pensa das relações culturais do Brasil com os outros países?

— Assim como no momento procuro o convívio da Academia, há uma necessidade de conviver com outros elementos criadores da arte universal. Isto concorreria para arejar o ambiente literário indígena. Para mim o isolamento intelectual é pior do que o político.

— Que sugestão daria para produzir essa aproximação?

— O Pen Club poderia preencher essa lacuna promovendo a aproximação dos escritores do mundo inteiro. Isto é a verdadeira cooperação intelectual que não pode ficar a cargo exclusivo dos governos.

Nosso entrevistado, mostra-nos sua correspondência com escritores estrangeiros, entre os quais Hupion Sinclair, Catherine Cornell, Gertrude Lawrence e até mesmo uma carta de Goebbels, a propósito de um filme científico do Amazonas, realizado na Alemanha. Lá estavam ainda cartas de Pirandello e do romancista alemão Hens Falhada.



Vinício da Veiga em companhia da esposa, na sala da sua residência. Ao fundo vemos um quadro do pintor italiano Djalma Stultus, intitulado "O Sonho".

— E qual a sua opinião sobre o papel da Academia e a eficiência com que vem realizando seu trabalho?

— Creio que o Novo Dicionário da Língua Portuguesa é um dos exemplos da utilidade absoluta da Academia. Outro é o estudo da literatura retrospectiva dos autores mortos e esquecidos. Creio também que podemos considerar a publicação literária de "A Manhã", de Mucio Leão, seu presidente, como uma aspiração da Academia e de seus intuitos.

Apesar de tudo o que nos dissera Vinício da Veiga, focalizando não apenas a sua candidatura ao "Petit Trianon", mas a sua opinião sobre os fatos e problemas mais importantes e atuais no terreno intelectual, não estávamos ainda satisfeitos. Queríamos saber alguma coisa sobre a sua vida antes de ser conhecido como diplomata e escritor. A nossa pergunta, respondeu-nos:

— Nasci em Carmo do Rio Claro, Minas Gerais, no ano de 1892. Sou de origem anglo-saxônica por parte de mãe e portuguesa por parte de pai. Descendo de um dos ramos da conhecida família de Evaristo da Veiga, que ainda vive em Portugal. Tendo perdido muito cedo minha mãe, fui internado no Seminário de Mariana, onde concluí o curso secundário. Ali escrevi, aos 14 anos, o meu primeiro soneto. Fiz estudos universitários em São Paulo e em Munich, na Alemanha. Como sabe, sou diplomata. Comecei minha carreira no Ministério do Exterior em 1916, como "attaché" em Berlim, na primeira Guerra Mundial. Por estranha coincidência, fui permutado por diplomatas alemães em Lisboa, em 1942.

— Deve então ter presenciado muitos fatos interessantes desta guerra.

— Fui um dos fatores do contacto entre o marechal Badooglio e os Americanos e Ingleses, para facilitar a queda do Fascismo na Itália.

— Estava na Itália durante a guerra?

Como resposta, o nosso entrevistado levanta-se e apanha numa pasta de papéis um boletim com a assinatura de Churchill:

— Este boletim foi lançado no jardim da minha casa em Nápoles, pelos aviões da RAF, em 1940.

Em 28 de Julho de 1943, Vinício da Veiga fazia, pela Rádio Tupi de São Paulo, uma palestra, dirigida principalmente aos italianos daquele Estado, onde revelava as intenções pró-aliados do marechal Badooglio. Isto foi antes da capitulação da Itália.

Queríamos entretanto uma notícia de sensação, referente à candidatura de Vinício da Veiga:

— Ouvimos falar numa proposta sua, feita aos candidatos à vaga de Pereira da Silva, em que alvitava uma reunião particular fora da Academia, onde, por votação, fosse escolhido o candidato que, de acordo com essa votação, deveria concorrer. O nome do escolhido não seria divulgado. Os demais concorrentes, de prévio acordo, retirariam as candidaturas. Parece que Afonso Schmidt está de acordo com o alvitre. Podemos confirmar a notícia?

— Sim, a notícia é verdadeira e acreditamos que será aceita a sugestão.

Despedimo-nos do autor de "O Homem Sem Máscara", o intelectual realizador. Depois da entrevista a nossa impressão do artista dinâmico e prático encontrava-se fortalecida.

CARNEIRO LEÃO, O CANDIDATO MAIS MODESTO. — Já havíamos entrevistado dez candidatos à Academia Brasileira de Letras. De todos guardamos a melhor das impressões, tendo sido sempre atendidos com o maior cavalheirismo. Agora, quando faltam apenas umas poucas entrevistas, estava-nos reservada uma desagradável surpresa. Fomos procurar o professor Carneiro Leão, afim de que nos concedesse, como seus colegas, algumas palavras sobre a sua candidatura à Casa de Machado de Assis.

Entretanto, não publicaremos a entrevista, pelo simples motivo de que este professor negou-se a concedê-la. Alegou que o assunto não comportava uma entrevista e nada de novo poderia dizer.

Acreditamos, entretanto, que o motivo não seja este. O dr. Carneiro Leão, provavelmente por modéstia, não quer revelar ao público os traços da sua personalidade, a sua obra e as credenciais que apresentará para aquele pleito.

PORTO DA SILVEIRA DESISTIU. — Soubéramos há algum tempo que o dr. Porto da Silveira retiraria a sua candidatura. Nada queríamos entretanto publicar, antes de obtermos plena confirmação da notícia. Agora, podemos dá-la, depois de plenamente confirmada.

A PROPOSITO DO JARDIM ZOOLOGICO



"Ming", o urso gigante.



"Okapi", animal raro, originario das florestas do Congo Belga. Trata-se de um herbívoro.



Habitat artificial dos lobos.

A recente nomeação do Dr. Edward Hindle para Diretor Científico da Sociedade Zoológica de Londres veio chamar a atenção para um ramo das atividades dessa agremiação que talvez não tenha sido apreciado devidamente. Refiro-me à obra de pesquisas que aí se realiza constantemente. O Dr. Hindle, que é um membro da "Royal Society", ocupa o cargo de Professor Regi. de Zoologia na Universidade de Glasgow desde 1935 e tem-se especializado no campo de pesquisas quanto à transmissão de moléstias tropicais veiculadas por insetos e outros intermediários.

O aspecto científico do Jardim Zoológico de Londres estará sempre ligado ao nome do fundador da Sociedade, Sir Stamford Raffles, embora não tenha sido mencionado na Carta de fundação da mesma dada pelo Rei Jorge IV em 1839. A despeito disso, foi pela sua iniciativa que o "Zoo" de Reg. nt. Park, em Londres, se estabeleceu em 1826, ano da própria morte de Sir Raffles, o que explica a omissão referida.

Já em 1825, escrevia ele uma carta ao seu primo Dr. Thomas Raffles, na qual manifestava os seus propósitos de estabelecer uma grande coleção zoológica na Metrópole e de uma Sociedade para estudar cientificamente a vida e as espécies de animais. Sir Stamford Raffles viveu o bastante para assistir à fundação do jardim, tendo sido eleito o primeiro Presidente da respectiva Sociedade em 29 de abril de 1826.

Os objetivos para os quais foi a Sociedade formada podem ser resumidos no seguinte parágrafo da sua constituição: "Pelo desenvolvimento da zoologia e fisiologia animal e pela introdução de novos e curiosos exemplares do Reino Animal."

De fato, logo no início da sua vida, isto é já no ano de 1827, Sir Joshua Brookes, eminente anatomista da época, pronunciava conferências científicas na Sociedade. Essa orientação continuou no decorrer dos anos e alcançou os nossos dias. A atual sala de estudos e conferências da Sociedade Zoológica de Londres possui acomodações para mais de cem pessoas e se acha equipada de um aparelho cinematográfico para a exibição de filmes científicos.

Os arquivos da Sociedade, nos quais são publicados as conferências e os relatórios das reuniões científicas, iniciaram-se em 1830 e vem sendo editados, sem interrupção, até a presente data. Nas suas páginas encontramos trabalhos originais de distinguidos zoologistas britânicos e de cientistas estrangeiros que visitaram es e país. Ao lado desses arquivos, a Sociedade faz publicar também, com intervalos irregulares, uma interessante série de monografias de excepcional importância e interesse zoológico.

Durante os 118 anos da sua existência, a Sociedade reuniu uma vasta biblioteca, não só de volumes de ciência especializada como de assuntos gerais, jornais e revistas, conte do hoje mais ou menos 100.000 volumes e estando avaliada em 75.000 libras.

No que diz respeito ao Jardim Zoológico, mantido pela Sociedade de que se trata, o maior cuidado se dispensa aos diagnósticos exatos das causas da morte de cada animal. Se qualquer forma de moléstia epidêmica é suspeitada ou confirmada, o patologista notifica o superintendente do Jardim, que toma medidas imediatas no sentido de isolar o animal doente, após ter sido desinfetada a sua jaula. Os corpos dos animais mortos são cuidadosamente preservados e distribuídos pelas várias Universidades e instituições de ensino do país. A Sociedade possui também um parasitologista, Dr. Annie Porter, bem como um corpo efetivo de anatomistas e cirurgiões eminentes da Grã-Bretanha.

Tanto quanto é possível, as novas aquisições de animais são postas de quarentena, por diferentes períodos e de acordo com as moléstias de que cada espécimen se mostrar mais susceptível. Os macacos, por exemplo, inclinados à tuberculose, só são exibidos ao público depois de demorados testes e seis meses de quarentena. Do mesmo modo, os papagaios, sujeitos à psitacose — moléstia muitas vezes fatal quando ataca o homem — tem de ficar de quarentena pelo espaço de três meses. Intervenções cirúrgicas nos animais são muito frequentes e levadas a efeito com os mais recentes aperfeiçoamentos da técnica operatoria.

O Jardim Zoológico de Londres pode orgulhar-se de ter sido o pioneiro em várias experiências científicas aplicadas aos animais. Essas experiências são geralmente feitas nos macacos e para elas construiu-se uma sala de vidro, afim de permitir a penetração dos raios solares ultra-violetas. Alguns desses testes tiveram resultados mais ou menos revolucionários, contribuindo para destruir certas antigas crenças quanto à impossibilidade de certos animais de habitats longínquos suportarem o clima de Londres.

A ração dos animais do "Zoo" apresenta alguns problemas interessantes. Pela sua natureza muitos deles vivem de alimentos que não podem ser obtidos na Grã-Bretanha. Em certos casos é preciso criar substitutivos possuindo características idênticas aos alimentos naturais do habitat originário. As experiências nesse sentido foram coroadas de absoluto êxito. Um dos raros espécimens do "Zoo" é o Okapi ("Okapia Johnstoni") caçado nas florestas de Ituri, Congo Belga. Este animal se relaciona com a girafa e se alimenta, como ela, de folhas. Durante muito tempo, a direção do Jardim teve dificuldade em achar alimento de inverno apropriado. O problema foi resolvido por um carvalho sempre verde e o Okapi tem atravessado as estações, desde 1937, em perfeito estado de saúde.

Mas a administração do Jardim Zoológico de Londres preocupa-se igualmente com os seus visitantes — isto é não só em distraí-los como em educá-los. Neste sentido, as inscrições em cada jaula ou em cada habitat artificial são as mais minuciosas possíveis, de modo a fornecer, em resumo, verdadeiras aulas de zoologia aos que procuram o Jardim, muitas vezes para passar o tempo. Já nos referimos ao cinema da Sociedade. Esta possui também um arquivo fotográfico valiosíssimo e ao alcance de todos os estudiosos.

Mantendo todas essas atividades, mesmo durante a guerra, ao Jardim Zoológico de Londres foi concedida uma importância nacional. Durante o ano de 1943 mais de 1.600.000 pessoas visitaram as suas dependências. Especiais e calorosas boas vindas foram dadas aos membros das forças armadas britânicas e aliadas, cuja entrada foi admitida a preços reduzidíssimos.

CURIANGO

CONTO DE
AFFONSO SCHMIDT

Ilustração de Orlando Mattos

TODOS os anos, ao aproximarem-se as festas de Junho, fazia-se uma subscrição para o balão dos presos. Era uma grande colheita de moedas. Ninguém deixava de levar o seu tostão ao escritório dos jornais; uns para verem o nome em letras redondas, outros por um nobre desejo de proporcionar horas de distração aos encarcerados.

No ano passado a subscrição rendeu quasi o dobro das anteriores. Por isso, as pessoas que até então faziam o aerostato de São Pedro, com papel de seda ordinário, resolveram fazê-lo de sólido papel manilha.

Foram quinze dias de uma quasi alegre faina. O papel chegou ao pátio num fardo de cinco resmas, comprimido por estreitas fitas de aço. Toda gente viu, tomou o peso, esmiuçou, fez comentário...

O Mateus, que estava preso por ter matado a mulher a machadadas, era o rei da festa. Exultava, delirava, dava ordens:

— Zézinho, meu nêgo, vai buscá a taiadêra pra cortá os ferro...

— Curiango véio, anda daí que tu tá criando ferruge nos joio...

O Zézinho era ladrão; o Curiango era um pretinho magro, pequeno, ágil e forte como um macaco; tinha a vadiação na massa do sangue. Nascera ao acaso.

A sua mais afastada recordação de criança a resentava-o entreguido, chorando na soleira de uma porta. Depois, recordava-se de uma vida nômade pelos arrabaldes, na camaradagem ociosa dos mendigos e dos cães. Muita vez, passando pelas chacaras ricas, invejou a sorte dos *bull-dogs*, cuja profissão indecorosa é guardar a propriedade... dos outros. E' que eles moravam em casinhas de madeira e tinham sempre à altura do focinho, curto e r mbo — uma panela de cibo...

Passaram os tempos. Como era natural, os divertimentos publicos exerciam sobre ele uma fascinação de bico Auer sobre besouro. Tanto andou à volta de um circo que acabou sendo admitido como empregado, para tra ar dos animais. Corrido pelos homens, acabou por ser estimado pelas feras. O tigre, por exemplo, tornou-se, para ele, dócil e meigo como um cão. Obedecia-o cegamente. À noite, no pátio fechado por altos muros, quando a magnólia etérea da lua derramava sobre a terra o seu luminoso perfume azulado, ele abria a porta da jaula e punha-se a saracotear com o tigre. Quando o proprietário do circo veio a saber, chicoteou-o. Depois de atirar o chicote para o lado, teve uma idéia: apresentá-lo como domador no próximo espetáculo. Seria um acontecimento.

Domingo à noite, quando chegou a hora de exhibir as feras, em lugar do antigo domador, apareceu Curiango, com um belo dólman azul agalado de ouro. Na carapinha trazia um gorro turco, vermelho, com uma borla tão grande que parecia a bambolina de um cortinado. Já não se chamava mais Curiango: era M. Pott, jockey tártaro, o rei dos domadores, sucesso de Londres, Paris e Nova York.

Infelizmente para ele, toda gente o conhecia. O povo que se espremia no anfiteatro descobriu debaixo da pele de M. Pott o patusco do Curiango. E se alguém o duvidasse, lá es ava o antigo domador, despeitado, para denunciá-lo com uma verdadeira claques de moleques assalariados para estragar o número.

O nome de Curiango partiu do antigo domador e circulou de boca em boca. Uma gargalhada brutal estremeceu o tecto de lona, repuxando as cordas. M. Pott, atemorizado, entrou na jaula do tigre. O animal, ao avistá-lo, deitou-se a seus pés, espolinhando-se com satisfação. O público sentiu-se roubado, vendo aquele moléque das ruas solicitar a sua admiração, exigir os mesmos aplausos concedidos a artistas de renome mundial. O domador demitido p z-se a assobiar desesperadamente, com dois dedos entalados na boca.

Irrompeu uma tremenda pateada que sacudiu o circo inteiro. Começaram a voar chapéus, bengalas, cadeiras, tudo, do anfiteatro para a arena. Todos urravam. Assobios ag. dos furavam o ar. Uma barlúrdia.

Viu-se, então, uma coisa espantosa. Curiango sentiu em suas alma primitiva o desejo de vingar-se daquela gente. E, medula que era, foi do desejo ao facto sem hesitar. Abriu a porta da jaula e deu saída ao tigre. Este precipitou-se na arena, espantado da própria liberdade. Operou-se rápida mutação no público. Um silêncio de esmagamento sucedeu à tempestade de apupos. A fera poz-se a girar pela arena, indecisa. Um homem soltou um grito espantoso e tratou de subir pelas cordas que escorriam do tecto. Foi o grito esperado. A ele se seguiu uma debandada louca. Homens pisavam mulheres e crianças. Fugitivos que, a correr, tropeçavam nos paus da arquibancada, embolavam-se na serragem da arena. Alguns caíam no mesmo lugar e a multidão desvairada pisava-os. Cordas foram cortadas por fugitivos e o pano do circo arriou abatendo os lustres, apagando-os, confundindo tudo na massa compacta e escura do pavor que atinge ao desvairamento.

Havia muito sangue. O tigre farejou-o no ar e, de ventas dilatadas, de guela hianti, uivou, atirando-se na noite cheia de gemidos.

Quando, mais tarde, se conseguiu restabelecer um pouco de ordem, verificou-se a existência de mortos e feridos. Crianças foram conduzidas para o necrotério, esmagadas como se tivessem ficado debaixo de uma prensa. Viam-se mulheres que só conseguiam levantar metade dos braços, num gesto de loucura; a outra metade ficava pendurada, balançando no ar. Um velho, lívido, quasi nú, com o ventre aberto, seguia com olhos esgazeados as circunvoluções dos intestinos pendentes.

Havia mortos nas atitudes mais extravagantes: uns, sentados, quebrados pelo meio, procurando os joelhos com o nariz afilado, côr de cêra; outros, em decúbito dorsal, tentando esconder a fronte no sovaco; outros, ainda, calmos, de mãos cruzadas sobre o peito, os olhos cerrados, como se tivessem expirado em seu próprio leito, depois de uma longa moléstia.

Curiango foi preso e o tigre acabou abatido a tiros de carabina.

Muita gente ainda se recorda desse juri sensacional em que eu fui um dos doze juizes de fato. Apesar do meu voto, que absolvía o pretinho, foi ele condenado a muitos anos de prisão.

Nos seus primeiros meses de cárcere é que o encontramos na penitenciária, mudo e trágico, como se fôra a sombra de um condenado há muito falecido e que ali tivesse ficado esquecida, entre os quatro muros do estabelecimento de reclusão.

No dia de S. Pedro, à tarde, o balão foi alçado no ar. Para isso, o Mateus subiu ao tecto, pendurou-o na ponta de uma vara e lá ficou, na posição de um pescador que linha um peixe grosso. Embaixo, no pátio movimentado, presos puxavam-no pelos gomos, para abrí-lo, ou abanavam a boca de meio metro de diametro. Avolumou-se, arredondou-se, oscilando de um lado para outro, tomando o pátio inteiro.





Mme.

WALLY

TODA a ternura da terra e toda a beleza; toda a candura do céu e toda a angelitude guardada está nesse sagrado hudrion, que é o fragil corpo de uma criança. E foi o grande filosofo da simplicidade quem disse, um dia, nas paragens azues da Galileia: "Deixai vir a mim as criancinhas, porque delas é o reino do céu". E os que nasceram em berço de armíño, como os que nasceram do pária, serão amados com igual solicitude. Criancinhas! Que sabem elas da injustiça dos destinos humanos? Que sabem de ouros e andrajos? Que sabem da dadiva divina da saúde ou do asco trágico da lepra? Nem siquer lhes esfróla a alma a dramatica significação da frase madrastra: "Orfãos de pais vivos"; filhos sem lar repudiados como embriões possíveis da doença maldita através de todos os séculos. No terror supersticioso da Idade Média, só havia para os leprosos um abrigo, o manto de São Magin de Tarragona, ou da Virgem Maria que preservava do morbo galico os soberanos e o clero. O mundo moderno, talvez por impulso mesmo do seu egoismo, para preservar-se do contagio e do desagradavel convívio, encara de modo mais pratico e mais humano o problema das molestias contagiosas, situando-o no campo das defezas sociais da raça.

DEIXAI VIR A MIM



AS DUAS CRIANÇAS — CADA QUAL EM SEU "CLICHÉ" — QUE SE VEEM ACIMA, ACREDIEM OU NÃO, NASCERAM DENTRO DO LEPROSARIO DE MIRUEIRA, EM PERNAMBUCO. UMA TEM NOVE, A OUTRA TRES MESES. SEUS PAIS SÃO LEPROSOS. QUANDO VIERAM AO MUNDO, ENQUANTO OS MEDICOS SOCORRIAM AS SUAS MÃES, AS DUAS GRACIOSAS MENINAS FORAM LEVADAS PARA O INSTITUTO GUARARAPES PREVENTORIO ANTI-LEPROSO MANTIDO PELA SOCIEDADE PERNAMBUCANA DE COMBATE A' LEpra. E NÃO SÃO LEPROSAS PORQUE ESSA ENFERMIDADE NÃO É HEREDITARIA, COMO TANTA GENTE PENSA. SO' SE TRANSMITE POR CONTACTO INTIMO E PROLONGADO.

NA GRAVURA A' DIREITA, UM PAR DE GEMEOS COM TRES MESES DE IDADE. SÃO "ORFÃOS DE PAIS VIVOS"... MAS ESTÃO CONVENIENTEMENTE ISOLADOS GRACAS AOS ESFORÇOS DAS SOCIEDADES DE ASSISTENCIA AOS LAZAROS, RAMIFICADAS POR VARIOS ESTADOS DO PAÍS.

NA GRAVURA IMEDIATAMENTE INFERIOR, A FACHADA PRINCIPAL DO EDUCANDARIO EUNICE WEAVER, PREVENTORIO ANTI-LEPROSO MANTIDO PELA SOCIEDADE DE ASSISTENCIA AOS LAZAROS DO CEARÁ, EM FORTALEZA. E NA OUTRA, MAIS EM BAIXO, UMA VISTA DO EDUCANDARIO SANTA MARIA, LOCALISADO EM JACARÉPAGUÁ, COM CAPACIDADE PARA ABRIGAR 300 FILHOS SÁDIOS DE LAZAROS, ESSE PREVENTORIO FOI CONSTRUÍDO PELO GOVERNO FEDERAL, EM TERRENO TODO CERCADO DE PLANTAÇÕES, EXISTINDO OUTRO, PERFEITAMENTE IGUAL, EM VIÇINHA, MINAS GERAIS, COM INICIA-TIVAS PARTICULARES E O APOIO DO GOVERNO, E' QUE O COMBATE Á LEPROSE SE ESTÁ FAZENDO, EM LARGA ESCALA, NO BRASIL.

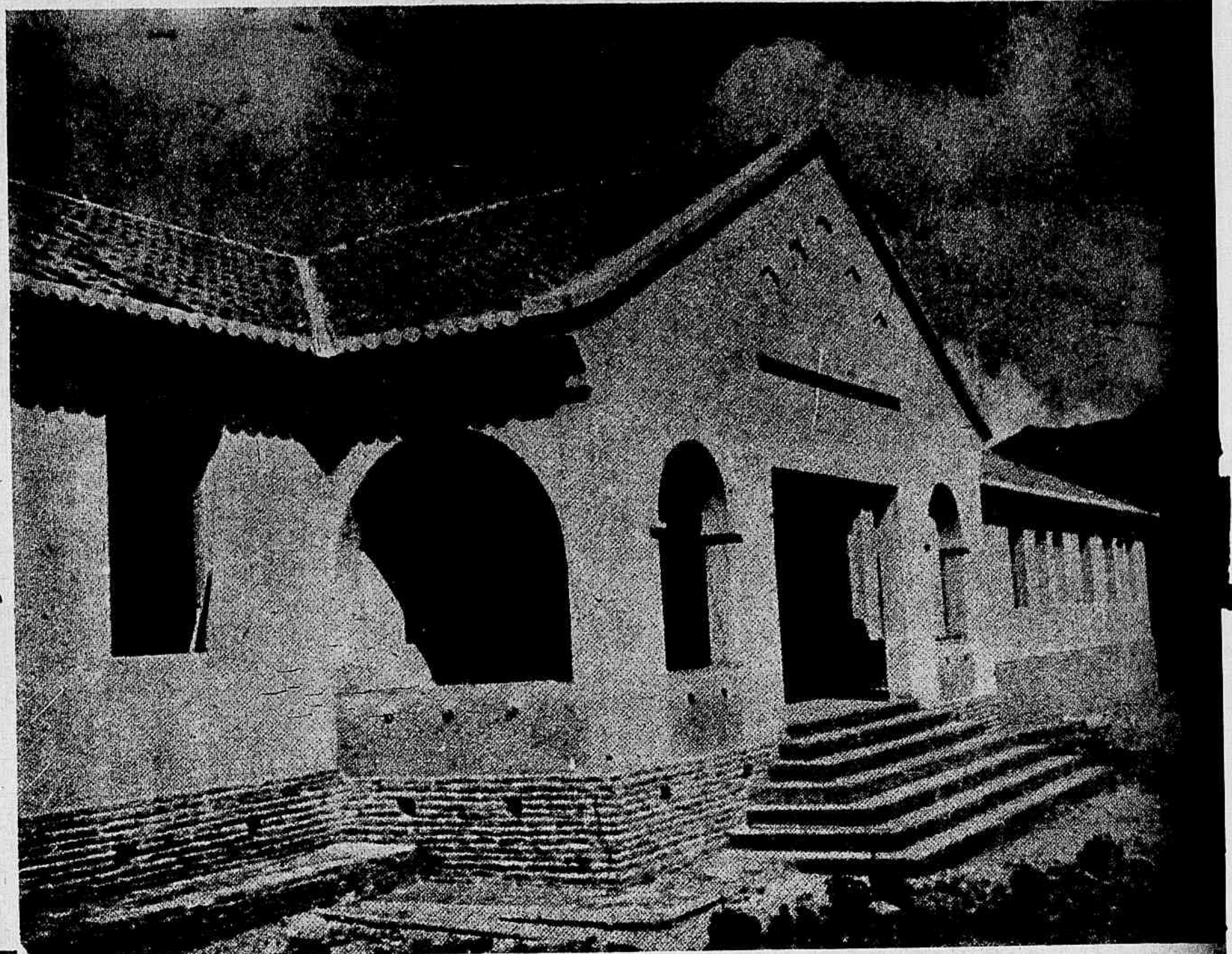
Já em 1899 o dr. Manuel Francisco Machado, Barão de Solimões, quando Senador da Constituinte, fez aprovar um projeto concedendo três loterias de mil contos cada uma, à irmandade da Candelaria que entre suas obras de beneficência, tinha o encargo da manutenção de um hospital para leprosos.

Teve o projeto parecer contra io das Comissões de Legislação e de Fazenda. Pronunciou, então, o Barão, um dos seus discursos memoráveis, no qual disse, entre outras cousas: "Pois então, dão Vossas Excelências auxílio a outros que muito menos precisam e o negam aos leprosos? A' vossa mesa podeis sentar o cego, o surdo, o mudo ou o aleijado, mas não sentareis de certo, o leproso que abominais e é este portanto o mais infeliz dos infelizes, mais carecedor da nossa misericórdia. Como se negar então, o pão a esses desgraçados já expelidos do aconchego dos irmãos, sem lar, sem mãe, sem cousa alguma?"

As galerias aplaudem em delírio; o Senado inteiro aplaude, e o projeto é aprovado por unanimidade. Graças a ele o Hospital dos Leprosos melhorou de condições e tornou-se uma das mais belas instituições de caridade do Brasil.

O Presidente Vargas oficializou de forma racional o Serviço de Combate à Lepra e Assistência aos Lazares, criando a obrigação séria e bem orientada do Estado, ante tão grave problema para a nação.

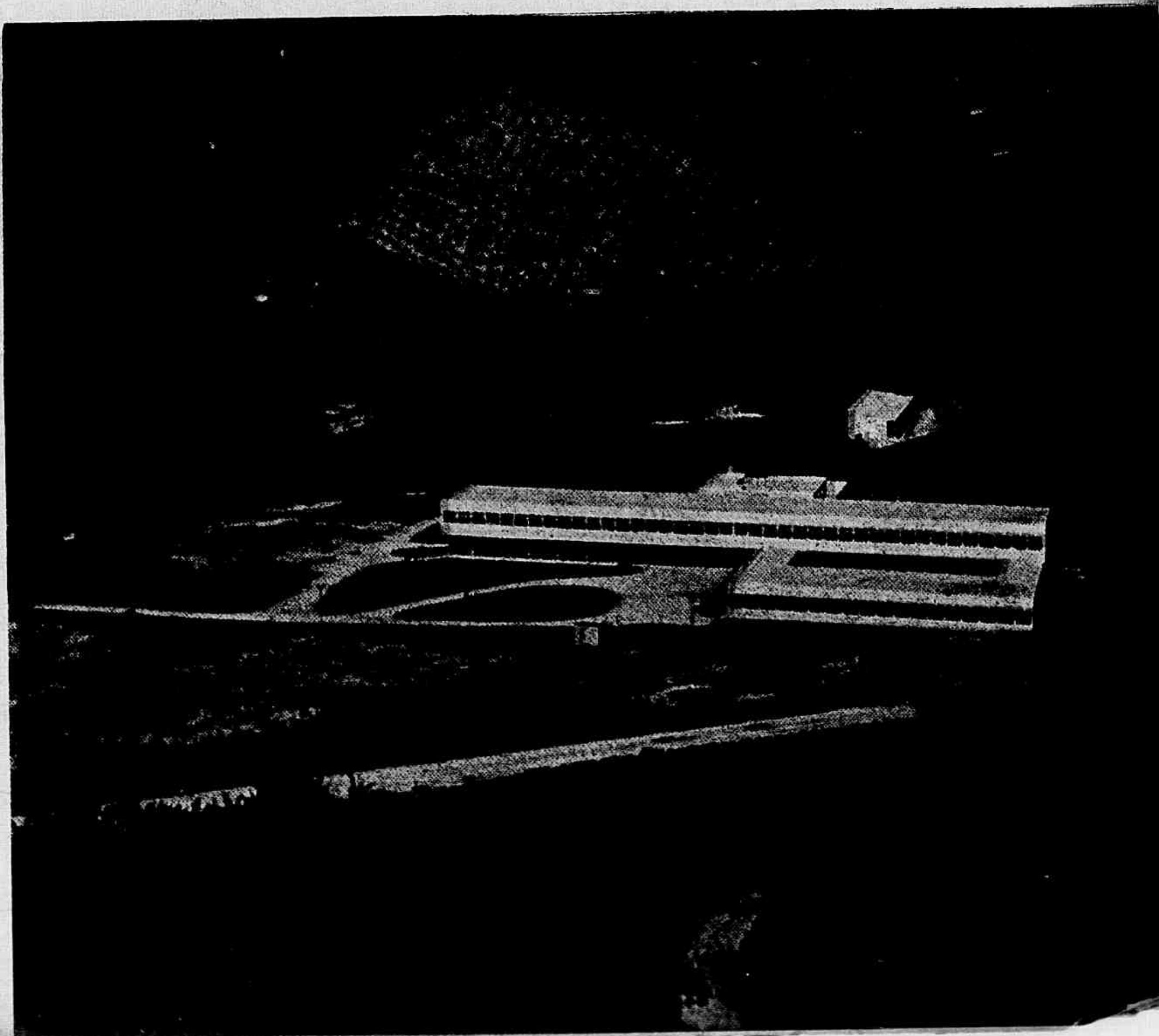
Cent e quarenta e quatro Sociedades de Assistência aos Lazares e Defesa Contra a Lepra espalhadas nos Estados e filiadas à Federação irradiam seus benefícios por todos os mais reconditas paragens da União; já as



AS CRIANÇINHAS

sistindo os anseios, já erguendo Preventórios para salvaguarda dos filhos sádios dos leprosos. A' frente dessa instituição, das mais importantes do Brasil, e exercendo seu cargo como um sacerdocio, está d. Eunice Weaver, admirável figura feminina, tão nobre, tão simple e tão eficiente, que difficilmente poderá ser substituída pelo mais arguto e experimentado administrador. Conheci em Pernambuco em plena atividade de seu sacerdocio e acompanhei de dentro a campanha que congregou todo o mundo industrial e capitalista do Estado, toda a elite social de Recife, tendo à frente essa inesquecível d. Helena Lima Cavalcante de fidalga e bondosa memoria. Fui convidada para ser a redatora oficial do jornal diario mim ografado que arquivou toda aquela luta brilhante e fecunda; fiz parte da primeira Diretoria eleita em Assembléa Geral e assisti ao assentamento da pedra fundamental do primeiro Preventorio, fruto esplendido da uberrima campanha. Com essa iniciativa, aquele grande Estado nordestino correspondia mais uma vez ao anseio de grandesa da nação, oferecendo-lhe milhares de brasileirinhos salvos de um tragico destino para o destino glorioso de servir a Patria.

E d. Eunice Weaver, que é hoje uma Providencia generosa para os descendentes dos infelizes anseios, p de repetir como o grande Jesus: "Deixae vir a mim as criancinhas, porque eu lhes darei um lar, o pão do carinho maternal, um abrigo de amor, o céu, enfim, na labrusca solidão da terra!...



Dentro do armário vendido em leilão, estava o corpo do colecionador, que ainda segurava um cartão onde havia a impressão digital de um pintor, morto há vários séculos.

Varden esqueceu-se, aqui, de informar que estava fazendo graça, por isso ninguém riu.

— Vejam, senhores! George, abra a porta para que todos possam ver! Vamos, depressa! Você não está vendo a impaciência desses senhores? Ande!

Foi então que veio o lance esperado. Porém a quantia ultrapassou a expectativa de Varden.

— Trinta dólares, disse a moça.

O discurso não fôra em vão. Eis que Hamish, por intermédio da secretária, ia comprar o armário.

— Trinta dólares! Trinta dólares! Quem dá mais? Trinta dólares me dão pelo armário que veio! Quem dá mais? Será que disseram quarenta dólares? Quem disse quarenta dólares? Trinta dólares me dão pelo armário? Trinta dólares! Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe...

O "três" Varden não pôde dar... O empregado estivera remexendo na porta para abri-la e finalmente conseguiu! Um grito de uma das senhoras presentes assustou o leiloeiro. Mais um desmaio? Essas interrupções eram mal vistas por Varden. Quando o mais árduo de sua tarefa estava feito, eis que uma interrupção vinha, talvez, torná-lo sem efeito.

Mas a verdade era outra. Do armário aberto caíra e rolara para o chão o corpo ensanguentado de um homem!

II

Como relâmpagos brilhavam as luzes das máquinas fotográficas dos policiais. Passos lentos ecoavam no salão. Investigava-se a morte do homem do armário.

Num canto, o leiloeiro protestava ainda.

— E' descabido! E' uma afronta! As pessoas aqui presentes nada têm a ver com o crime. O corpo não pode ter sido escondido dentro do armário na hora do leilão, porém antes. Deve ter sido enquanto o armário estava em exposição, lá em baixo, na sala principal.

O policial continuava, placidamente, a sua tarefa sem dar ouvidos ao que dizia Varden. Suas ordens eram tomar nome e endereço dos presentes e em seguida mandá-los entrar, um por um, na sala onde o seu superior esperava para interrogá-los.

— Luis Hamish, Hotel Elleston.

O policial virava calmamente as folhas do seu caderno e ia anotando. Os presentes, em fila, davam nome e endereço e passavam a uma outra fila para serem interrogados.

— Bianca Riley, Rua Barrow, 25.

A secretária deu o endereço com o olhar no relógio. Hildegarda Withers olhou para ela, com simpatia.

— Não se preocupe, minha filha. Ele espera.

— Ele

— Sim. Vejo pela sua impaciência que seu namorado a espera. Não faz mal. Os homens devem esperar também.

Bianca sorriu.

— Eu é que devia esperar por ele na estação. O trem já deve ter chegado. Não sei para que hotel irá.

— Ah, minha filha, pode ficar certa de que ele a encontrará. Não há muitas moças tão bonitas quanto você nessa velha Londres.

Bianca tornou a sorrir.

Hildegarda consola qualquer um. E' um fenômeno essa mulher. Solteira aos cinquenta anos, tem uma energia e uma inteligência invejáveis. E' tudo o que se puder imaginar. Professora, amadora de esportes, detective. Segundo a hora e o estado de espírito, ela muda de profissão. E' mais frequente, entretanto, vê-la desempenhando — e brilhantemente — as funções de detective.

Hildegarda estava em primeiro lugar. Foi a primeira a ser recebida pelo policial encarregado do interrogatório.

(Continua na página 40)

— Que desastre! Nenhuma boa venda! Todos os objetos arrematados por uma ninharia! Decididamente, estou perdendo o meu prestígio! Pois si nem consigo vender este armário!

Assim refletia o leiloeiro Paul Varden. Nenhum dos compradores demonstrara o menor interesse pelo enorme armário, que três carregadores, com muito esforço, tinham colocado sobre o estrado. A enumeração das vantagens do móvel esbarrava ante a evidente dificuldade de transporte. Afóra a hipótese pouco provável de um desses idiotas que compram qualquer coisa só porque é barato, sem realmente precisar daquilo que adquirem, Varden não via possibilidade de desfazer-se daquele impressionante armário, que impunha, ao menos, respeito, senão pela beleza e qualidade, ao menos pela solidez provada pelos gemidos dos carregadores.

Entretanto, continuava o seu trabalho aparentando a jovialidade de sempre e exteriormente parecendo firmemente convicto das qualidades que citava e da fácil venda.

— Cem dólares! Setenta e cinco dólares!

Um senhor de idade ouvia, indiferente, a arenga do leiloeiro. Ao seu lado uma moça, cuja atitude respeitosa tornava evidente a sua posição de secretária, consultava o catálogo.

Nesse momento Varden resolveu apelar para o senhor de idade.

— Sr. Hamish, o senhor, um colecionador, não vai perder esta oportunidade única. Nem me diga isso! E' somente uma questão de preço, estou certo. O senhor espera arrematá-lo bem barato, mas a questão é que há competidores, sr. Hamish, há competidores!

E dizendo isso lançava um olhar esperançoso em torno, indicando vagamente esses compradores que não apareciam para fazer os seus lances.

— Setenta e cinco, sr. Hamish? O senhor disse setenta e cinco?

A moça confabulou com o velho, em voz baixa. Insistia com ele. Seria para que comprasse? Varden continuava a falar, esperando o lance. Hamish sacudia a cabeça. Finalmente a moça apontou qualquer coisa no catálogo. Ele pareceu muito surpreso.

Nesse ínterim, Varden esperava. Todos os outros compradores, interessados, esperavam também.

Finalmente o leiloeiro disse:

— Vejam, senhores, como é espaçoso! Nesse armário caberia toda a roupa de uma família de vinte filhos e mais a de um parente pobre de quebra.

O Cartão AZUL

Novela de Stuart Palmer, traduzida especialmente para a "Revista da Semana"

A GUERRA EM MARCHA

CALMÁRIA E TEMPESTADE

UMA atmosfera pesada, tensa, em que sentimos latejar uma horrorosa tempestade, quando tudo parece ter perdido a vida, mergulhando num torpor definitivo, é o que sentimos agora olhando o panorama da guerra na Europa.

A Alemanha não pode estar enganada sobre o sentido desta calma repentina, onde todos os movimentos parecem ter sido bruscamente paralisados.

Esta calma que traz em seu seio a tempestade próxima, precedeu todos os grandes movimentos da guerra atual, aqueles que se tornaram decisivos quando desencadeados. Poucos meses antes de ser deflagrado o conflito que se tornaria mundial verificou-se o mesmo fenómeno.

No mundo inteiro, quasi se pedia uma definição, um desenlace para a catástrofe que sentíamos latente. E' que essa decisão tornava-se preferível á insuportável expectativa. Quando sentimos que a desgraça é irremediável, preferimo-la á ameaça pendente. O mesmo se dá quando desaba o temporal depois de um período de grande tensão atmosférica.

Quando do desembarque aliado em o norte da África, a mesma expectativa reinava. Havia entretanto uma diferença. A tática de despistamento foi empregada naquela ocasião em escala muito menor do que está sendo feito nos preparativos de invasão da Europa pelos anglo-americanos.

Sim, por que a leste já a Europa foi invadida pelas tropas de Stalir. Entre as muitas mentiras com que Hitler procurou introduzir uma cunha entre os Russos e os anglo-americanos, aquela que produziu maior alarme, foi a de que os Russos lutavam apenas pela libertação do seu território, e que uma vez conseguida essa libertação, concordariam em negociar com os alemães, senão a paz definitiva, pelo menos um armistício, que se viesse a transformar em paz. Isto significaria a eliminação de duas frentes, o maior espantinho para os nazistas.

Como estamos vendo, o desmentido foi categórico. E' espantoso, como a Alemanha venha incorrendo nessa guerra nos mesmos erros capitais que a levaram á derrota na conflagração de 1914-18. Agora, como então, os exércitos nazistas devem permanecer divididos, enfrentando o inimigo a leste e a oeste.

Mesmo que não se verificasse a invasão a oeste — coisa inteiramente absurda — a

possibilidade e probabilidade dessa invasão, seria o suficiente para manter as duas frentes. E' o que realmente está acontecendo.

Não queremos falar na guerra aérea, onde de há muito os nazistas vêm lutando com o problema das duas frentes.

E' que esses bombardeios, pela frequência com que vêm sendo realizados, de forma sistemática e metódica, perderam o sensacionalismo das coisas novas e entraram para a rotina da guerra.

Hoje em dia o bombardeio em massa, não de uma cidade mas de um ou mais países efetuado por milhares de aparelhos, deixa-nos tão indiferentes como a troca de tiros entre patrulhas avançadas. Deixa indiferentes, a nós, expectadores: porque tanto os bombardeados como os bombardeadores sabem quanto custam essas operações.

Os primeiros sentem seus efeitos catastróficos, e os últimos conhecem o sacrifício, o trabalho e o heroísmo requeridos por esse gênero de guerra.

Não são apenas os planejadores, os organizadores, e os executores dos bombardeios, mas todo o povo, este admirável povo inglês que não mediu sacrifícios, para, com possibilidades incomparavelmente mais reduzidas que os germanos, igualá-los, superá-los e finalmente varrê-los dos céus de Albion. Porque a derrota da Luftwaffe é uma coisa líquida certa e incontestável. Hoje em dia a arma aérea nazista não passa de um tênue fio d'água diante da enxurrada sempre crescente da aviação anglo-americana.

E a verdade é que si falamos em duas frentes, isto se faz apenas num sentido genérico, pois na verdade não há duas mas diversas frentes aéreas.

As bases aliadas espalham-se por toda a volta do continente Europeu, aumentando dia a dia, com a conquista de novos territórios. Assim é que a Luftwaffe, vê o seu poder reduzido, desde o seu berço, com o arrasamento das fábricas de aviões e de peças indispensáveis á sua fabricação, dos aeródromos, e com a destruição das máquinas perdidas em combate.

A recente ofensiva aérea russa, desencadeada em grande escala, em todo o front leste, vem mostrar a coordenação dos comandos aliados, e colocar a arma aérea alemã numa situação insustentável.

E' incontestável que, se a aviação isoladamente não pode decidir a guerra, tem sido no atual conflito um dos fatores mais decisivos, desde os tempos, felizmente distantes, em que os nazistas dispunham de uma absoluta superioridade nesta arma. E a intensificação da guerra aérea em todos os fronts, que promete atingir proporções nunca vistas, é o prenuncio evidente da ofensiva total que não tardará a se desencadear.

G.



LOS ANGELES — Abril — Esta é a história de 13 jovens americanos tripulantes de uma lancha-torpedeira, que esteve mais próxima que qualquer outra de um destróier japonês, e de seus sobreviventes. E' também a história do tenente John F. Kennedy, filho de Joseph P. Kennedy, ex-embaixador dos Estados Unidos na Grã-Bretanha, que, embora tenha salvado três vidas e nadado durante longas horas em águas infestadas de tubarões para salvar os seus homens, diz hoje em sua casa, onde se encontra em gozo de licença:

"Não, não me chamem herói. Os verdadeiros heróis são os que não regressam, como aconteceu com dois dos meus homens."

O tenente Kennedy, relutante quando fala sobre sua pessoa, torna-se expansivo logo que começa a falar sobre os seus homens.

"Durante a semana que passámos na ilha não ouvi uma só queixa. Nunca poderei louvá-los suficientemente. Tudo começou numa noite de Agosto. Estávamos numa dessas noites tropicais, sem estrêlas e sem lua, e os japoneses estavam tirando partido das trevas para aliviar sua guarnição de Kolobagara. A nossa tarefa era impedir que o inimigo executasse os seus planos."

"Estávamos patrulhando em reduzida velocidade, quando vimos um vulto negro que se

EM TODOS OS FRONTS

aproximava rapidamente em nossa direção, a umas 250 jardas de distância. Mandeí preparar imediatamente os tubos lança-torpedos, na esperança de podermos alcançar o inimigo antes que ele desse pela nossa presença. Entretanto, os japoneses nos avistaram no mesmo instante, e avançaram em nossa direção com maior velocidade ainda. No momento em que nos preparávamos para disparar o torpedo, vi sua proa ameaçadora a menos de 40 metros. Não havia mais tempo para nada, pois o torpedo precisaria de caminhar uma certa distância para poder explodir com o contacto.

"O destróier japonês abalroou com nossa lancha dez segundos depois de o termos avisado. O destróier inimigo não disparou nem diminuiu sua marcha, dividindo nossa lancha-torpedeira em duas partes.

"Tínhamos a impressão de que era um daqueles trens que vemos no cinema, dando-nos a impressão de que vai passar sobre nós. Bem, a impressão era a mesma, mas acontece que o destróier não passou sobre nós, mas através de nosso barco.

"Dois outros oficiais, três marinheiros e eu ficámos presos ao casco da lancha. Uma enorme mancha de gasolina inflamada cobria o mar a apenas uma distância de 20 jardas. Receiando que o fogo se espalhasse, ordenei que todos se

Os japoneses continuam pagando por preço muito além das suas melhores expectativas a memorável traição de Pearl Harbour. Esses que se vêem na gravura abaixo, mortos nas ilhas Marshall pelas tropas vingadoras dos Estados Unidos após renhidos combates e bombardeios grandiosos, são apenas uma amostra. Milhares de outros nipônicos têm pago com a vida o mal que pretenderam fazer à grande nação amiga e aliada, mas japoneses ainda em muito maior número hão de seguir o mesmo destino...





Um curioso flagrante, em cima, obtido quando algumas piedosas irmãs de caridade regressavam ao seu convento, em Faicchio, na Itália, para recolher o que ali tivessem deixado os alemães, após desesperada fuga. Crianças órfãs e desamparados velhos foram também recolhidos nessa instituição religiosa.

distanciassem da lancha. Mais tarde, vendo que não havia razão para temores, regressamos. Começamos então a tratar de salvar os nossos camaradas. Foram necessárias três horas para trazerem todos os sobreviventes para bordo. Marney e Kirksey, porém, nunca mais foram vistos.

"Sabíamos que aqueles destroços afundariam de um momento para outro, e por isso decidimos nadar até uma ilha que sabíamos próxima. Quatro horas depois, cheguei com Mc Mahon a uma minúscula ilha de 100 metros de diâmetro, cercada de arrecifes, mas — o que era muito importante — onde não havia japoneses."

O tenente Kennedy rebocou McMahon durante quatro horas, segurando a correia de seu salva-vidas entre os dentes. Dentro em breve todos os sobreviventes chegavam à mesma ilha, onde passaram vários dias se alimentando com leite de côco e caça.

"Eu estava sempre com sede" — disse o tenente Kennedy — e, por isso, penso que devo ter bebido muita água salgada. Quando não havia mais passarinho para matarmos, transferimo-nos para outra ilhota próxima. Foi aí que o guarda-marinha Ross e eu encontramos uma caixa com uma papeleta escrita em japonês. Depois de abri-la cuidadosamente, encontramos ali quarenta sacos com biscoitos e chocolates. Mas, o que foi mais importante, descobrimos também uma canôa e um barril de água. Avistamos também uma canôa com dois nativos e fizemos várias tentativas para atrair sua atenção. Quando voltamos ao "Iar", os dois nativos já ali se encontravam e o guarda-marinha Thom os havia convencido de que éramos americanos e não japoneses. Desde então eles começaram a nos auxiliar infatigavelmente.

"Escrevi uma mensagem numa casca de côco e pedi a um dos nativos que a levasse numa canôa a Rendova. Sete dias depois do "incidente" estávamos salvos.

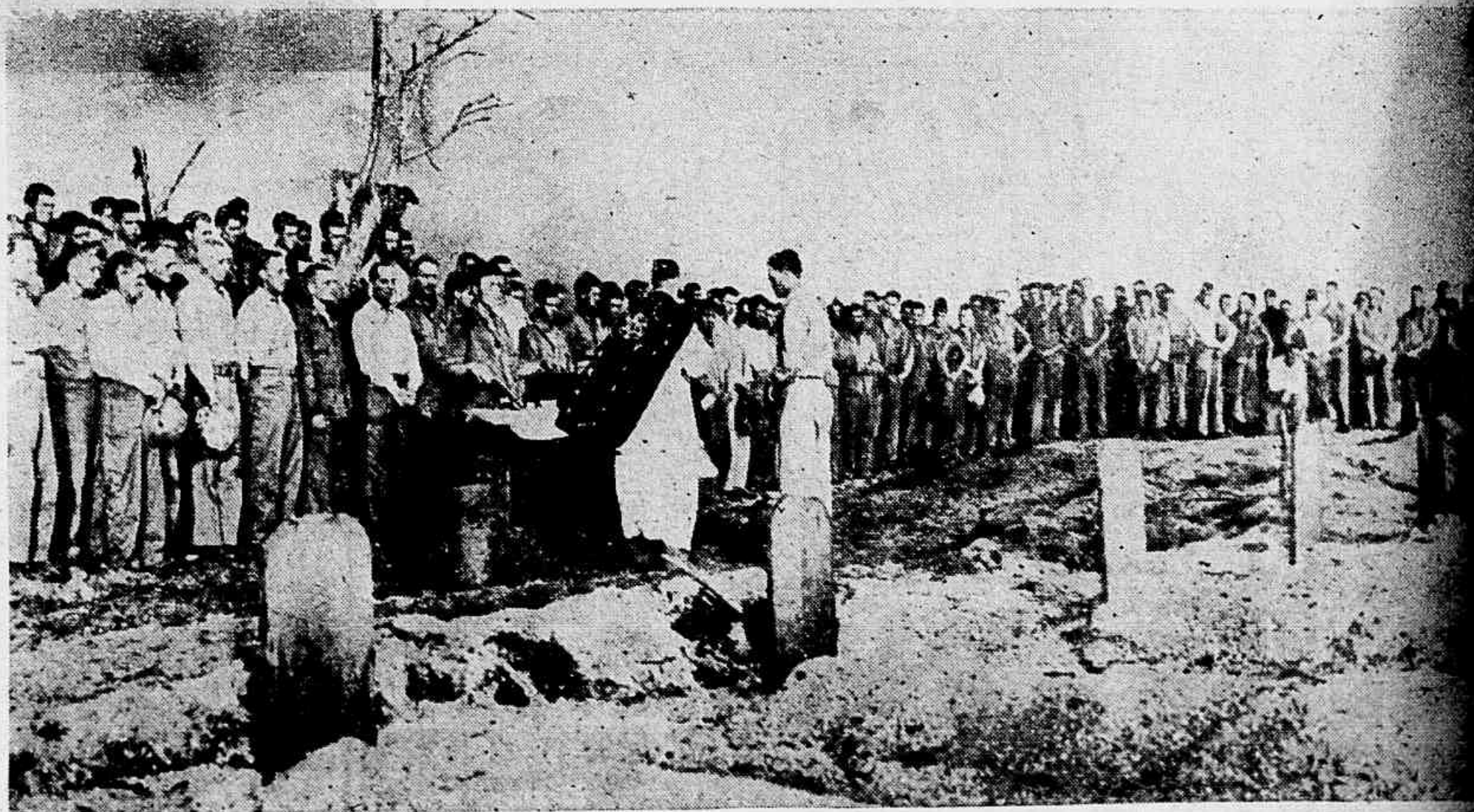
"Mas então você é um herói" — disse ao tenente Kennedy, que me olhou com um ar de reprovação. "Não" — respondeu — "A tarefa de um comandante de lancha-torpedeira é levar seus homens para alto mar, e, o que é muito importante, trazê-los de volta. Nós os levamos para alto mar — é nosso dever trazê-los à terra sãos e salvos."



No cenário remoto do sudoeste do Pacífico, um grupo de jovens combatentes católicos norte-americanos ouve contritamente a Santa Missa, diante de um altar construído às pressas. O capelão serve, lado a lado com os soldados, nas zonas de maior perigo. Mas apesar do fogo cerrado a curta distância, a mais cuidadosa assistência espiritual continua sendo prestada aos soldados norte-americanos em campanha.



A bandeira estrelada tremulando em terras da Nova Bretanha. Na fotografia um grupo de fuzileiros navais dos Estados Unidos, quando arvoravam num mastro improvisado a bandeira norte-americana, no cabo de Gloucester, ilha da Nova Bretanha, depois de varrerem os últimos remanescentes japoneses da região.



Missa em homenagem aos que tombaram no campo de honra, vendo-se oficiais e soldados americanos, que assistem à cerimônia celebrada em homenagem aos companheiros mortos nas batalhas travadas pela posse da ilha em que se encontram. Tanto os oficiais como os soldados ainda se encontram com as roupas com que participaram da sangrenta luta.



DENTES LIMPOS E BÔCA LIMPA

... são um "dever" social

Encare o mundo com alegria — confiantemente — com dentes limpos e uma boca limpa e fragrante!

Sinta — como milhões têm sentido — a satisfação que causa o escovar os dentes com Creme Dental Squibb.

Deleite-se com a sensação que invade imediatamente sua boca — uma admirável sensação de frescor!



Use o Creme Dental Squibb tantas vezes quantas quizer, porque é puro, seguro e inofensivo. Não contendo nenhuma substância raspante ou adstringente, não pode absolutamente prejudicar o esmalte dos dentes,

nem irritar as gengivas mais delicadas. E é feito com um anti-ácido eficaz — o Leite de Magnésia Squibb.

CREME DENTAL SQUIBB

MAIS DE 100 PROVAS DE LABORATÓRIO ASSEGURAM SUA EFICÁCIA E PUREZA

425

MODELO 1944!



ESTOFAMENTO
DESMONTAVEL

Colchão
VENTILADO DE MOLAS
DESMONTAVEL

**DURMA
MELHOR...**

HOLLYWOOD

SÃO PAULO
CON: CRISPINIANO, 12
TEL: 4-8009



RIO DE JANEIRO
OUVIDOR Nº 59
TEL: 43-7134

CINEMA

DEVIDO a falta de espaço, deixaram de sair no número passado as nossas impressões sobre "Insuspeitos", "Turbilhão", "Querer é vencer" e "Noivas de Tio Sam", motivo porque falaremos rapidamente sobre cada um desses filmes. O primeiro é uma despedida pouco expressiva de Joan Crawford, da Metro. O segundo, um espetáculo interessante, principalmente por causa do colorido e do encanto de Betty Grable. O terceiro, um celuloide de guerra britânico que apresenta o interesse de todos os trabalhos em que tem colaborado o nosso patriótico Alberto Cavalcanti (o conhecido "Cav"). Por último, o "show" de celebridades do teatro, cinema e radio yankees, dirigido por Frank Borzage, constitui, também um filme muito fraco. Apesar de tantos artistas famosos, a sua melhor coisa é o pianista Yehudi Menuhin.

Felizmente, depois tivemos uma das melhores comédias da temporada — "Arisca-te, mulher!", da RKO, com Jean Arthur e John Wayne, um celuloide como há muito tempo não assistíamos e que veio provar que apesar do insucesso de tantas imitações de "Aconteceu naquela noite", não era impossível repetir a famosa "performance" aumentando a lista de bons papéis de Jean Arthur, que talvez tenha neste filme o melhor trabalho da sua carreira. Suas personagens em "O galante Mr. Deeds", "A mulher faz o homem", "O Diabo e a Mulher", "E a vida continua" e "Original pecado"



Donald O' Connor começou namorando, na tela, Gloria Jean. Depois, Peggy Ryan. Agora escolheu Ann Blyth, que aparece com ele no seu último filme. Até nisso anda imitando Mickey Rooney. Mas ainda não conseguiu a popularidade de Andy Hardy, pelo menos entre nós... (Foto Universal).

foram ótimos, porém, parece que Jean nunca esteve tão a vontade e tão bem aproveitada como nessa deliciosa Molly, que vai conhecer o Oeste e conquista um "cow-boy" difícil de prender...

"Lily, a teimosa", em relação a "Idílio em dó-ré-mi", não apresentou o mesmo valor da primeira produção de Joseph Pasternak em Culver City. Aliás, o filme (baseado numa velha história de Booth Tarkington) lembra bastante aquele, no papel de Marta Eggerth, que não voltou a filmar mais nada. Judy Garland está bonita e interessante como nunca a vimos, mas não gostamos, pela primeira vez, de Van Heflin, que está um pouco exagerado e visivelmente deslocado no protagonista. Mesmo na parte musical o filme não apresenta novidades, apesar de mostrar duas orquestras famosas — a do irmão de Bing Crosby e a de Tommy Dorsey, este mostrado quase sempre, de longe... Vamos assistir "A Irmã do mordomo", de Deanna Durbin, quando fechavamos estes comentários.

PERY RIBAS

CHICHARROS

"CHICHARROS" E OUTROS DEFUNTOS

DJALMA MACIEL

Como disse, há dias, o Joel Silveira, eles andam por aí, arrastando a própria senilidade, pensando que ainda vivem... Reclamam da carestia, fingem-se interessados na política e na guerra, vão ao cinema, entram nas filas de ônibus e de carne, mas, na verdade, lá não existem! Morrem para o nosso tempo, apagados que estão a preconceitos quasi arcaicos. Quando o mundo inteiro procura saber por qual setor principia a invasão da "fortaleza da Europa" até os milionários admitem para o futuro um formulário social mais avançado, os "falecidos" esperam a volta do Império. Poetas, perpetrando versinhos líricos, prosadores; gastam tempo em páginas de amor a Henri Ardel; chefes de repartição bixam catastrofistas portais com citações de latim, para impedir que um funcionário vá "lá dentro", na hora do expediente; historiadores continuam teimosamente a investigar porque a princesa Isabel assinou a Abolição... Andam de bonde pelo impleto fato de não haver tilbury na praça; usam sapatos de entrada bixa porque não encontram a venda botinas de elastico com biqueiras de pliminto. Nas redações dos jornais, quando eles fazem anos, os cronistas de mundanidades coçam a cabeça e saem de agenda em punho, submetendo o problema ao Secretário e aos companheiros de boa memória:

— Fulano já morreu, não é verdade?

E a resposta vem, resignada

— Ainda não..

O radio também possui os seus "defuntos". São os "chicharros". De mentalidade um pouco mais arejada que a dos outros, talvez porque estão em contato direto com um dos fatores poderosos do progresso e da civilização, não desejam a indumentaria do início do século nem se preocupam com o restabelecimento da monarquia mas, da mesma maneira, subsistem unicamente do passado. Temos, por exemplo, assim, o sr.



MISS BABY E A SUA MECHA DE CABELO BRANCO CONTINUAM SENDO NO RADIO E NOS "NIGHT CLUBS", UM MOTIVO DE FORTE ATRAÇÃO.

Julio Louzada — um magnifico representante do chicharrismo que não obstante ser grande frequentador de gafieiras, persiste em acreditar que os ouvintes da sua "hora de Ave Maria" o consideram um santo homem! Vale uma fortuna escutá-lo no "Elit", proferindo sobre assuntos sempre edificantes... "Chicharro" também é o veterano Xavier de Souza, cujos sonhos giram em torno da ideia de que a prosperidade dos sapatários da Avenida Passos originou-se, exclusivamente, do seu talento de "camaleão" radiofonico. Os "falecidos" do broadcasting dividem-se, aliás, em muitas categorias. Podem ser melancólicos, como o sr. Francisco Alves, intelectuais, como o sr. Egenio de Figueiredo, esportivos, como o sr. Erik Cerqueira, circenses, como o sr. Lamartine Bibby, teatraes, como o casal Plácido-Cordélia Ferreira; verborricos, como o sr. Cesar Brito Ladeira; educativos, como o sr. Elias David Alziro Zarur; caçadores-literarios, como o sr. Renato Murce...

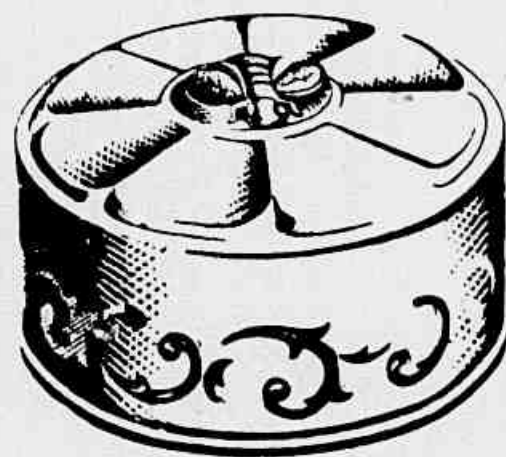
Se eu fosse, aqui, fazer o necrologio de cada um, REVISTA DA SEMANA inteirinha não chegava!

De vez em quando o ouvinte desprevenido sintoniza os "chicharrões". E fica cismando que são discos! Porque o espirito não está assim tão adiantado que permita o estímulo ao microfone. Por enquanto, é topal e sem motilidade, no borborinho das ruas. Um calefrio esquisito nos percorre a espinha e ficamos com o resto do dia perdido conjecturando sobre os perigos da mediunidade. Ao contrario dos "falecidos" de outros meios, os "chicharrões" não se contentam em odiar essa coisa sublime que se chama evolução. Além disso, são perigosos, pois, exigem o interesse de todo o mundo por suas "provações". Introvertidos a custa de desconfiar da própria matéria, que ainda os leva por aí adiante numa perpetuação incômoda de afazeres cotidianos, os "mortos" da literatura, da arte, da política, da administração, fazem-se cautelosos e amáveis, mesmo sem transigir um só milimetro em suas convicções senão. Mas os "chicharrões" nunca desconfiam que estão caceteando e que já deviam estar na paz dum cemitério! Se formos na bicha da manteiga, fazem questão de mostrar aos outros butiropatas com quem estão. Se encontram amigos do tempo em que ainda eram vivos, logo os intimam a recordar-se dos seus passados "sucessos", ilustrando, em ambas as ocasiões, suas reminiscências deste mundo com assobios, recitativos, vocalizações, anedotas, etc., conforme o genero a que pertençam. Há uma

Espelho,
Espelho,
Espelho,



Acaricie a sua cutis com pó de arroz Bond Street, de Yardley, e o seu espelho lhe dirá quanto você se torna adorável! Tonalidades tão sutis, de consistência tão encantadora e fina, misturam-se artisticamente com o seu colorido natural, dando-lhe um novo e admirável esplendor.



Yardley
de Londres

Lembre-se: ainda chegam às lojas pequenos fornecimentos de Cremes de Beleza Yardley e Tulco Lavender. Assim, veja se obtem o seu quinhão.

11 OLD BOND STREET — LONDON — ENGLAND

MESBLA

SECÇÃO DE DISCOS

Os grandes mestres da música regendo as obras imortais de:

Beethoven — Brahms — Carlos Gomes — Chopin — Grieg — Hanson
V. Herbert — Lalo — Leoncavallo — Mascagni — H. Mc Donald
Mendelssohn — Liszt — Mozart — Puccini — Rossini — Saint-Saëns
Schubert — Sibelius — J. Strauss — Stravinsky — Tchaikovsky
Vivaldi — Wagner — Vaughan Williams — Wieniawski e muitos outros

em discos R. C. A. VICTOR

ALBUNS COMPLETOS que acabamos de receber dos E.E. U.U.
Visite nossa secção de Discos e peça uma audição em cabine refrigerada

RUA DO PASSEIO, 48/54 — RIO
R. VISC. R. BRANCO, 521 — NITEROI



festinha de família e lá vai um "chicharro" entre os convidados. Não aparece jeito de se encostar ao piano ou abrir roda dos circunstantes para expor o "mal" que o levou ao "túmulo", e, na certa, torna a morrer. Isto é, morre de fato.

Por tudo isto, aquela piedade que se refere a Joel Silveira, com que vemos passar ao nosso lado as inofensivas almas penadas do romance, da poesia, da filosofia, etc., aquela piedade se transforma em medo panico quando o encontrado defunto pertence a "filingue" radiofonico! Sim, porque espirito de porco é assombração e não ha' medium que obrigue fantasma a pular para a corrente..

ACONTECEU NO RIO

Aqui está uma "tomada" de "camêra" que certamente há de estabelecer alguma confusão no espírito — e nos olhos — do leitor. Afinal, de que se trata? Que perspectiva será essa, ao primeiro golpe de vista inexplicável?

Mas observando melhor tudo se compreende. Esse é um flagrante tomado de regular altura, valendo por um aspecto novo da cidade, quando se pode apreciá-lo do topo de um "arranha-céu".

Nosso fotografo precisou instalar-se nos altos do moderno edifício da Associação Comercial, á rua da Candelaria para, desse lugar estratégico, bater a sua chapa. Mas o que de mais original e de maior efeito se encontra no "clí-chê", não é tanto a sua perspectiva ex, travagante, sinão aquêlê detalhe do grupo de pessoas, em fila indiana, formando um semi-circulo de fáto interessante, visto das alturas... Que vem a ser? Naturalmente uma "fila". Um principio de "fila", aliás, porque o flagrante "aconteceu" ás sete horas da manhã e a "fila" éra constituída de gente disposta a pôr em dia o seu tributo de Imposto de Renda. No entanto, o "guichet" da Associação Comercial só iria abrir três horas mais tarde. Quer dizer que esses primeiros vinte e dois contribuintes madrugadores, de jorna em punho, as pernas firmes e o dinheiro no bolso — estavam ótimamente dispostos a consumir, no mínimo, cento e oitenta minutos para serem atendidos. E digam, depois, que o brasileiro não é obediente cumpridor de suas obrigações! Quanto a pontualidade, não se encarece a menor recomendação. Um madrugador desse quilate, só para dar dinheiro ao govêrno, não pertence á mesma geração daquêles que exigiam os clássicos quinze minutos de tolerancia.

Mas o certo é que, si ás sete da manhã a "fila" dos contribuintes do Imposto de Renda, já se formava com um total de vinte e duas pessoas, que extensão teria quando se abrissem os "guichets" da Associação Comercial?

Em outros tempos, os protestos teriam estrugido desde muito antes. Mas a submissão heroica, a paciencia beneditina dos povos modernos, impostas pelo advento das "filas" no ônibus, na manteiga, no leite, na carne e nos outros dramas da vida, fêz que as coisas mudassem muito.

E além disso, antigamente não se pagava imposto de renda...

A PRAGA DOS VENDEDORES AMBULANTES

"CAMELOTS", VENDEDORES DA SORTE, DOCEIROS, ENGRAXATES E "TUTTI QUANTI" ... — RECURSOS PARA VENDER A MERCADORIA — O REVERSO DA MEDALHA — MAIS UM DRAMA DA VIDA! — UMA REPORTAGEM QUE MUDOU DE RUMO PORQUE O REPORTER SE COMOVEU — E TUDO ACABARÁ BEM SI O BILHETE SAIR PREMIADO

(Uma reportagem de PAULO DE SALES GUERRA — Fotografias de Arnaldo Vieira).

— Olha a sorte! Duzentos mil cruzeiros! Não quer ficar rico? Quem nasceu na feliz data! 1910! Compre, senhor! Não quer 500 mil cruzeiros? Compre para ajudar a velhinha!

E o transeunte, como aquele viajante da história da Carochinha que ouvia vozes fantásticas e misteriosas pela estrada que seguia, não sabe se deve olhar para os lados, cedendo à curiosidade, ou si vai seguindo em frente, surdo ao coro horrível de promessas absurdas e de lamentações. Mas pobre dele si der atenção às vozes! Elas se multiplicarão, chegando mais perto, e, num momento, o incauto se verá cercado por uma verdadeira legião de cegos, côxos, pernetas, manetas, toda uma multidão de estropiados, ululando trágicamente a oferta de milhares de cruzeiros, como numa tentação fantasmagórica de gênios maus.

E' incrível a simplicidade com que os pobres maltrapilhos oferecem fortunas fabulosas, que eles próprios parecem desprezar. Chegaria a ser grotesco si não fosse trágico e digno de pena esse espetáculo a que os cariocas já se habituaram à força de presenciá-lo todos os dias.

Sim, porque tudo isto não é a descrição de um pesadelo mas a realidade que todos conhecem tão bem quanto nós. E' a praga dos vendedores ambulantes, tão séria e tão incômoda quanto aquela outra dos gafanhotos que atormenta os nossos irmãos nordestinos e os infelizes chineses. Naturalmente não tem a mesma divulgação e não alarma do mesmo modo. Também os governos não votam verbas extraordinárias para combatê-la. Nem por isso deixa de ser incômoda.

Não são apenas os vendedores de bilhetes. São os vendedores de todas as coisas possíveis e imaginárias e mesmo de coisas que nunca poderíamos imaginar.

Eles andam por aí, pululando, em todas as ruas movimentadas, esperando apenas a presa para se lançarem desapiedadamente sobre ela.

E a presa somos nós, os transeuntes, os frequentadores de cafés, eu, você caro leitor, que temos a desgraça de morar na cidade: "infecta urbs"!

Si a gente senta num café, dispondo-se a ingerir a deturpada e falsificada rubiácea "brasiliae fulcrum" ou a sorver, por um canudo, qualquer mistela que o garçon apelida refresco, lá veem eles outra vez. E' um verdadeiro cerco, uma perseguição, que nem ao menos se pode repelir energicamente, porque é executada com sorrisos bajuladores e desdentados.

Os vendedores são de todos os tipos, de todas as raças, com os sotaques mais variados e empregando todos os meios persuasórios possíveis.

Ainda nessa situação, os vendedores de bilhetes constituem a maioria, o grosso das tropas inimigas. Alguns têm um aspecto sério, compenetrado, de quem está cômulo da gravidade do seu trabalho. Há mesmo tipos proféticos, de longas barbas e olhar profundo, que nos deixam indecisos sobre a veracidade dos seus poderes divinatórios, quando asseguram que ficaremos ricos.

Mas não são apenas eles. A legião vai desde o molecote de ar sem-vergonha que pede para nos engraxar os sapatos, até ao rapaz que vende gravatas horrendas e extravagantes, trazidas dentro de uma maleta mágica que as contém às dúzias. Essas gravatas lembram as que recebemos de presente, no dia do aniversário, com um sorriso amarelo atrás do qual se esconde o pavor de ter de usá-las um dia.



ATILIO MASI, O HOMEM QUE JA' NAVEGOU PELOS SETE MARES DO MUNDO E AGORA VENDE BILHETES. TEM 82 ANOS, E ESTA' NO BRASIL HA 61.

NÃO QUER ENGRAXAR OS SAPATOS, MOÇO? ESTÃO BEM SUJOS. O MELHOR É ENTREGAR-LHE DOCILMENTE OS SAPATOS...





ESTE COMÉRCIO TEM SEUS RISCOS. OS VENDEDORES TEM LICENÇA PARA ANDAR COM AS FRUTAS MAS NÃO PODEM ESTACIONAR.

A legião compreende ainda os vendedores de lâminas para barbear, de lapis, de vidros de perfumes suspeitos em que todo o perfume se concentra na rôlha, e de quanta quinquilharia há, coisas úteis e inúteis.

Si algum dia se fizesse sobre os vendedores de rua um estudo sistematizado, creio que poderiam ser classificados em duas categorias: os agressivos — os que abordam o freguez, e que se movimentam, e os que são fixos num determinado ponto berrando interminavelmente uma melopeia. Esses últimos são quase inofensivos e dão até uma certa alegria à vida da cidade. Eles se postam em qualquer esquina movimentada e aí, com a cara mais séria e grave deste mundo, anunciam as coisas mais disparatadas: relógios para criança, que “andam quando a criança anda e param quando a criança pára”; perús que mexem com as asas e a cauda; cabeças de cachorros que latem ao se apertar uma busina; ratinhos de papelão que dão corridinhas acionados por um barbante; cobrinhas de metal saltando em cartões, e toda a produção infundável de cérebros desocupados.

Isso sem falar no famoso Exército da Salvação, com trombone, fanfarra e discursos, em que é apresentado o cabo Joaquim, ex-ébrio inveterado, agora membro do glorioso Exército e completamente regenerado.



ESTE VENDE CENTIMETROS E AGULHAS DE COSTURA. VENDERIA QUALQUER OUTRA COISA QUE APARECESSE.

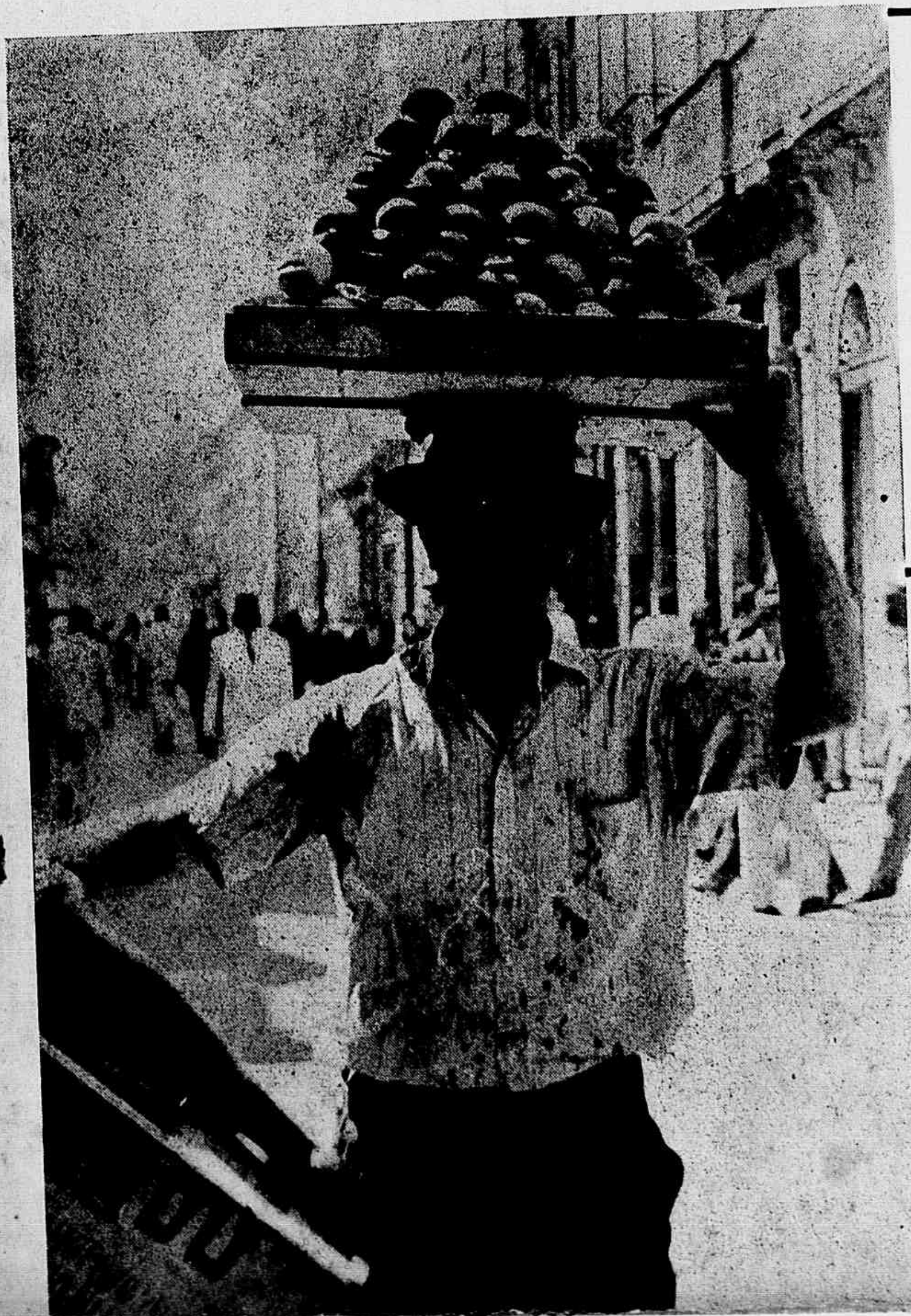
ELE VEM TODOS OS DIAS DE NITEROI, NESTE CARRINHO, ACIONADO PELOS BRAÇOS. AMANHÃ SERÁ OUTRO DIA IGUAL.





AGORA É PRECISO CARREGAR A MERCADORIA PORQUE O GUARDA ESTÁ PERTO
E ELE NÃO TEM PERMISSÃO PARA FICAR ESTACIONADO.

GUMEX, O CONHECIDO "CAMELOT", ESTÁ MUITO SATISFEITO COM A PROFISSÃO PELA
QUAL NUTRE UM GRANDE ENTUSIASMO.



Um dos aspectos mais característicos e sérios da época em que vivemos é o poder do anúncio que abrange todos os atos da vida humana, dos mais prosaicos aos mais graves.

Nos bondes, nos ônibus, nas paredes dos edifícios, letras comuns ou luminosas atraem a nossa atenção, obrigam-nos a viver quase em função dos anúncios.

De tanto ler e ouvir pelo rádio as qualidades excepcionais de tal remédio contra a dor de cabeça ou contra os males do estômago, sentimo-nos quase na obrigação de sentir a dor de cabeça e a dor de estômago, só para justificar a existência daquele produto maravilhoso.

Vivemos no século dos anúncios e só vence quem anuncia. Deve ser por isso que a cada passo encontramos na cidade um "camelot", anunciando as coisas mais estapafúrdicas, e um círculo de basbaques em torno, sem nenhuma intenção de comprar. Nós mesmos já fomos basbaques e ouvimos as arengas dos "camelots".

O público dos "camelots" não é muito numeroso mas é constante, e sempre, em qualquer lugar, si um indivíduo decide parar na rua dizendo qualquer coisa em voz alta e mais ou menos convincente, encontrará seu auditório. Os transeuntes param, ouvem durante cinco ou dez mi-

O VENDEDOR DE DOCES DIZ QUE A VIDA PARA ELE NÃO É TÃO AMARGA ASSIM,
MESMO COM O RACIONAMENTO DO AÇÚCAR.





ESTES "YANKEES" NAMORAM A SORTE ENQUANTO DESCANÇAM DA GUERRA BEBENDO UM CHOPP.

nutos a arenga, e seguem seu caminho, balançando a cabeça em ar de quem monologa: "ora, que bobagem!". Mas é dessa bobagem que vive o nosso amigo "camelot".

Mas tudo isso, leitor, é a questão vista de fora, isto é vista por nós, os importunados, os que passamos pela rua passeando ou mesmo trabalhando. Apreciada do ponto de vista do vendedor a coisa assume um aspecto bem diferente.

A medida que avançamos nesta reportagem, começávamos a encarar de outro modo tudo isto.

O nosso primeiro ímpeto foi rasgar o que já estava escrito, inclusive o título, e começar outra vez, de modo diferente, quase mesmo tomando a defesa dos vendedores.

E' que a sua história é um drama. Um drama verdadeiro, de todos os dias, e por isso mesmo mais doloroso que a ficção. Em cada vendedor descobrimos um homem que luta e sofre muito mais do que você ou eu.

Nós reclamamos porque fomos interrompidos quando confortavelmente sentados numa cadeira de café, conversávamos sobre negócios ou sobre futilidades. Nem procuramos saber o que vai na alma de cada um desses homens, para os quais o dia de amanhã pode trazer muitas surpresas, entre elas a fome e o desamparo. Oh, ironia! Nós que começamos o trabalho dispostos a arrazar toda a classe, acabamos por fazer uma apologia. Que o leitor nos desculpe a incoerência, mas preferimos nela incorrer do que praticar uma injustiça.

Assim, vamos desvendar o segredo que as fisionomias dos vendedores conhecidos da cidade escondem ao indiferentismo popular.

Quem não conhece esse velhinho de barbas levantinas, que toda a tarde, silencioso, vende seu bilhete de mesa em mesa prometendo a fortuna a todos os seus freguezes?

Pois bem, duvido que alguém suspeite da vida acidentada e do drama pungente deste homem.

O HOMEM DOS SETE MARES

Chama-se Atilio Masi. Nasceu na cidade de Florença, não a Florença italiana, a "cidade de harmonias deliciosas", de Raul de Leoni, mas a sua homônima do Chile. Pode no entanto ser considerado brasileiro, pois vive entre nós desde 1883, portanto há 61 anos, e é casado com brasileira! — "Sou chileno de nascimento mas brasileiro de coração", disse-nos. E quando perguntamos si pretendia voltar para sua terra, respondeu-nos alarmado: — "Para que? Para morrer de fome? Que poderia fazer agora no Chile, onde não conheço mais ninguém, com 82 anos de idade?"

— Mas você tem mesmo 82 anos, Atilio?

— Contadinhos.

— Você sempre foi vendedor de bilhetes?

— Não! Vendo bilhetes há apenas 2 meses, porque na minha idade não encontro outro emprego. E é preciso viver. A profissão não é muito rendosa. Nos dias de sorte levo para casa 15 cruzeiros. Há dias, porém, em que não consigo vender nada. A sorte, que estou sempre disposto a dar aos outros, nem sempre me sorri.

— Mas o que fazia então antes disso?

— Tudo.

— ?!

— Sim. Já percorri todos os mares. Conheço o mundo inteiro, o Oriente e o Ocidente. Fui oficial da marinha chilena. Era uma espécie de ajudante do engenheiro-chefe de bordo.

— Mas da marinha mercante, não é?

— Não, senhor, da marinha de guerra — protestou. Já lhe disse

que fui oficial geógrafo. Cheguei a navegar na frota inglesa de Malta. Conheço todos os estados do Brasil e todos os países da América do Sul.

— E a Rússia? Também conhece? perguntamos com ar de quem duvida.

— Sim, senhor. Durante a guerra russo-japonesa estava em Vladivostok. E' a capital da Sibéria — esclareceu, como quem não acreditasse nos nossos conhecimentos geográficos.

— Mas então tomou parte nessa guerra?

— Não tomei parte, propriamente; era apenas auxiliar. Em 1901, a bordo de um navio inglês, partí da Inglaterra e rumei para Odessa. Linda cidade!

O nosso pasmo crescia sem que o velho bilheteiro desse por isso. Estava agora absorvido pelas suas recordações.

— Quando cheguei ao Brasil trabalhava como intérprete.

— Então você conhece muitas línguas?

— Não muitas. Apenas falo sete idiomas, entre eles o árabe. Si quizer podemos falar em francês, inglês, espanhol, italiano...

— Não, Atilio, não é preciso — exclamamos aterrados. Nós acreditamos piamente em você. Depois disso acreditamos mesmo em tudo, por mais absurdo que pareça.

— Sou também um bom mecânico. Mas como quer o senhor que arranje colocação? Quem iria dar emprego de mecânico a um velho de 82 anos? Além disso já desempenhei também as funções de "maitre d'hotel". Garanto-lhe que sou um bom "maitre d'hotel".

Parou, pensando um pouco, o olhar vago, a barba apontando para o teto do café.

— Os tempos estão bem duros. Quando era intérprete, ganhava folgadoamente de 25 a 30 cruzeiros por dia. A guerra, restringindo a imigração, tirou-me este belo emprego.

E explicando:

— Agora é isto.

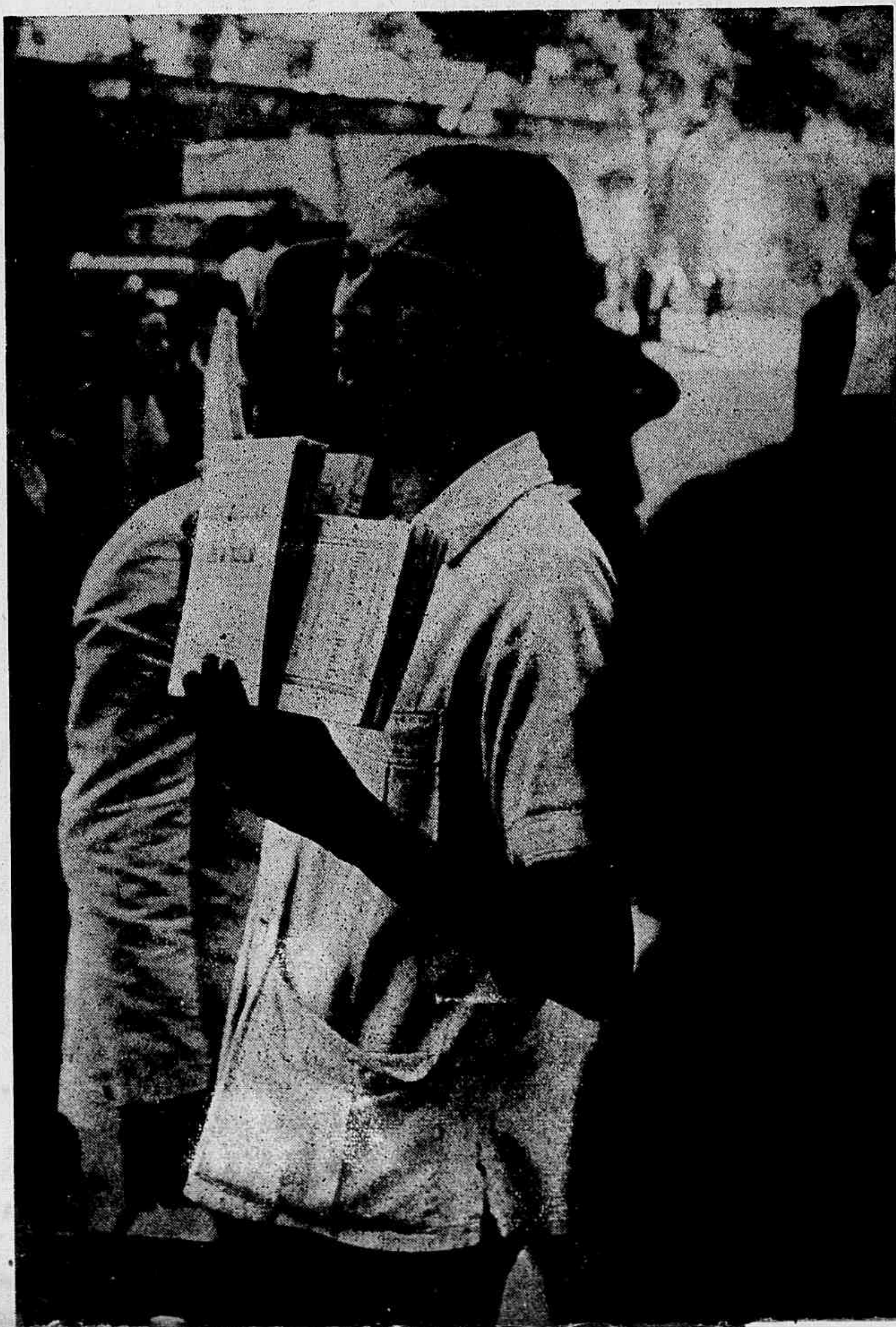
E mostrou-nos os bilhetes em leque. Deu um longo suspiro.

— Enfim, podia ser pior.

Tomávamos nota. Atilio olhou-nos desconfiado. Uma suspeita nascera-lhe no espírito:

(Continúa na pág. 50)

OLHA A REFORMA DO IMPOSTO DE RENDA!





Celina aprendeu que é preciso reconquistar o marido. Às vezes... Aos trinta e cinco anos, quinze anos depois que a vida não lhe reservava mais nenhuma alegria, tornou-se, subitamente, a mulher do dia...

Celina quase disse:

— Mas, afinal de contas, René, respeita-me, ao menos. Na minha presença...

Mas não teve coragem. Estava perdendo a coragem. A princípio discutira; depois, cederá. Cederá a primeira vez, a segunda... Perderá a dignidade completamente. Nada mais era. Uma mulher apagada, uma mulher que não se tratava. Uma esposa que envergonhava o marido. René inventava sempre um pretexto para não sair com ela.

Com um suspiro, Celina lembrou-se da sua mocidade. Filha de um grande pintor, ficara célebre por causa de um retrato seu que o pai fizera. Conheciam-na por toda parte e sua linda voz era apreciada por todos. Contava em casa de amigos, em festas de caridade. Bons tempos...

Conhecera René numa festa.

— René Dubreuil... Celina Carlier...

Muito prazer... Dissera muito prazer. Sorria. Imagine só si depois de quinze anos de casada ela apertasse a mão de René e dissesse "muito prazer"... A intimidade destruíra todo o encanto dos primeiros tempos. René se habituara a ela, como se habituara com os chinelos que usava ou com a cadeira em que sentava todas as noites. Habituara-se e esquecerá. E' sempre assim... O amor passa, vem a desilusão. Chega tão cedo...

Com trinta e cinco anos, Celina se considerava velha.

— Velha? dissera rindo uma amiga. Velha, você? Minha querida Celina, ninguém me considera velha e entretanto digo-lhe aqui, muito em particular, tenho quarenta anos...

Celina não se convencera. Velha, sim; velha não pela idade, mas pela aparência.

— Você é muito relaxada, Celina. E' preciso andar bem vestida, bem tratada, para que os homens conservem sua admiração.

Ela se desculpava. Não havia tempo. Filhos, a casa...

Até o canto, o canto que era toda a sua alegria, ela tivera que abandonar.

Uma mãe, amamentando uma criança, não pode pensar em sustenidos e bemois. Depois que as crianças foram ficando maiores, vieram outros problemas. Sempre o tempo faltava para fazer as suas tarefas, entretanto passava, inexorável, deixando vestígios de que estava correndo...

— Estou gasta...

A frase murmurada à meia voz fez com que o marido se voltasse para ela.

— Você falou?

— Não. Por que?

— Por nada.

— Você está olhando muito para aquele lado. Será que está interessado naquela dança de azul?

Era um erro, bem sabia, mas não pudera conter o impulso.

— Você está ficando implicante, Celina. Que tem de mais que eu olhe para uma mulher bonita? E na sua frente, tem mais essa. Você preferia que eu esperasse que você desse as costas para ir flirter com ela, não é? E' isso, com certeza que você queria...

— Eu não queria nada. Queria que você prestasse um pouco mais de atenção na sua mulher, como é seu dever...

E começava uma discussão. Para que discutir? Para que aumentar o abismo que já os separava? Para que?

Às vezes Celina chorava de desespero. Era tão lindo ver, nos romances, a mulher reconquistar o marido... Mas na vida real isso era mais difícil.

Que fazer para agradar René? Como transpor o abismo que os separava? Como interessar-se pelos seus negócios, suas vidas, si quando juntos conservavam-se num mutismo hostil, ou discutiam abertamente? Onde a hostilidade?

Uma vaga irritação espelhava-se, às vezes, no rosto do marido, quando ele contemplava a mulher. Um ar de tédio...

Amara-a. Olhava para aquela mulher envelhecida, descuidada, despenteada... Sua mulher. Quantos sonhos! Amor eterno... A vida era conta do padeiro, filhos...

no colégio, brigas com a mulher. Sentia que estava sendo impaciente, que a mulher fazia o que podia, que não tinha tempo para se cuidar. Mas quando via Celina se aproximar, toda mal vestida, mal tratada, ficava irritado. Casara-se com... "aquilo"?

— Quer mais alguma coisa?

— Não.

— Então, vamos.

Resolvera sair com Celina. Iriam a um restaurante. Depois a um teatro. Queria ser amável, queria que tudo corresse bem. Mas não era possível. Aconteceu que avistara uma mulher bem vestida. Celina percebera...

Pagou e saíram.

Celina teve uma idéia.

Quando contou o que resolvera à sua melhor amiga, ela disse:

— Você está louca!

— Não sei por que...

— Seu marido vai ficar furioso...

— Não é preciso saber...

— Você quer dizer que vai fazer isso, às escondidas?

— Vou. Não direi nada a ninguém. Só quando eu me sentir outra, diferente; então direi a todos.

— Bem, minha filha, você fará o que achar melhor, mas eu creio que este seu método de curar indiferença não vai dar muito resultado. Em todo o caso, como cada marido é diferente e cada uma conhece o seu, você deve saber bem o que está fazendo...

— Amanhã mesmo procurarei Garnier. Ele dirá sempre que si eu quisesse...

— Si você quisesse o que é que havia?

— Seria uma grande cantora.

— Ah, então é dessa maneira que você vai se tornar famosa, como disse?

— Exatamente.

— Bem, desejo-lhe boa sorte.

— Obrigada.

Garnier recebeu-a muito bem.

— Lembra-se de mim?

— Como não? A pequena Celina... Linda como sempre.

O galanteio fez milagres. Celina sentiu-se mais moça, mais forte, mais bela...

— Acha?

— Claro. Não deve faltar quem lhe diga isso...

Era isso, exatamente, o que faltava, mas ela não ousou confessar. Tratou logo do assunto que a levava lá.

— Garnier, você me disse uma vez que si eu quisesse seria uma boa cantora...

— Uma grande cantora...

— Pois bem. Eu quero. Quando começamos?

— Lembre-se, Celina, de que você deve dedicar-se somente à arte, si quiser fazer alguma coisa de aproveitável.

— Estou disposta a isso. Meus filhos estão no colégio, meu marido pouco tempo tem para ficar comigo em casa. Sepá um divertimento estudar canto...

— Mas lembre-se de que tem que tomar isso a sério...

— Já lhe disse, Garnier, que é justamente uma coisa assim que eu quero. Uma coisa que me absorva, que encha os meus dias...

— Então, mãos à obra!

— Quando começamos?

— Agora!

Duas semanas depois, Celina mudara. Exercícios, alimentação controlada, novas roupas, novos penteados. Tornara-se uma mulher fascinante.

O marido, porém, não dera pela mudança. Via-a pela manhã, ainda de **peignoir**, e é certo que notara que ela agora se tratava mais, porém Celina propositalmente escondia a mudança. Queria que a surpresa fosse completa. A noite, quando ele chegava, ela já estava **deltada**. Dormia cedo para poder acordar cedo, conforme lhe ordenara o mestre. Te-

(Continúa na página 44.)

A Conquistista

(Conto de EUGÉNIE HÉLISSE, traduzido especialmente para a REVISTA DA SEMANA).

Antigo livro de matriculas do Externato do Imperial Collegio de Pedro Segundo registra a matricula do aluno Luis Pereira Guimarães Junior.

Livro da mesma especie assinala em 1863 a matricula do primeiranista Luis Pereira Guimarães Junior nas aulas maiores, ou de ensino superior, na Faculdade de Direito de S. Paulo. A matricula, subscrita pelo lente e secretario da Faculdade, o doutor coimbrão Jos Maria de Avellar Brotéro, designou o matriculado como "natural do Rio de Janeiro e filho de outro", a saber filho de pessoa da qual o estudante reproduzia o nome com o acrescimo latino e distintivo de Junior.

Passado à Faculdade do Recife em 1865, no ano seguinte Luiz Guimarães teria para colega de terceiro ano juridico um poeta, Antonio de Castro Alves. Não terminaria este o quinquenio regulamentar de curso, concluido em 1869 por Luis Guimarães em turma na qual com mais relevo figuravam Tobias Barreto e Araújo Junior.

Luis Guimarães saindo formado do Recife a este deixava um livro de poesias, *Corymbos*. Livro de primeira circulação na capital pernambucana onde o autor vivera varios anos e onde compuzera a maior parte da obra.

Academico em S. Paulo, Luis Guimarães começara a poetar e escrever. No Segundo Reinado os Cursos Juridicos de S. Paulo, Olinda e Recife constituíram centros de iniciação literaria, escolas preparatorias de palavra e pena para brilhantes cometimentos futuros de oratoria e de letras dos que saindo dos Cursos Juridicos entravam na vida publica meio adestrados para as suas lutas às vezes asperas.

Luis Guimarães acabou elegendo carreira mais de discrição que ruido, a diplomacia, no Imperio a carreira mais facilitada aos portadores de um diploma de doutor ou bacharel em Direito.

Adido de legação, de primeira ou segunda classe, tal o primeiro cargo da nossa diplomacia de então. Servia de aprendizagem da arte de bem representar um paiz ante outros paizes, observando-os e se mistér os iludindo antes que iludissem.

Luis Guimarães estreou adido de legação na America, de costume mandar os diplomatas principiantes a serviço no continente de onde naturais. Antes do Velho o Novo Mundo de mapas e nações tão diferentes.

O adido Luis Guimarães seguiu em 1872 para o Chile, aí dirigida legação nossa pelo barão Aguiar d'Andrada, ministro residente e bom mestre em materia de relações internacionais e segredos de chancelaria.

Secretario de legação, em 1873, em Londres na era vitoriana, no mesmo cargo na legação junto à Santa Sé nos pontificados de Pio IX e Leão XIII, ainda secretario de legação e depois encarregado de negocios em Portugal reinantes D. Luis e D. Carlos, proclamada a Republica no Brasil vio-se Luis Guimarães ministro plenipotenciário em 1892 mandado á Venezuela.

Tornava-se chefe quem no curso de carreira tivera por guias Aguiar d'Andrada, Penedo, Araguaia, Lopes Gama, Carvalho Borges, com a circunstancia de haver servido Luis Guimarães em Lisboa, de 1884 a 1888, com o barão Aguiar d'Andrada seu chefe em 1872 no Chile, quando Luis Guimarães adido de legação.

Em Lisboa, em Maio de 1898, falecia Luis Guimarães, nascido carioca a 17 de Fevereiro de 1847.

Dito algo da vida e da carreira de Luis Guimarães diplomata, volta-se exclusiva atenção para o homem de letras, nestas principalmente poeta.

Em o nosso periodo romantico do seculo passado a publicação do primeiro livro de versos de Luis Guimarães, *Corymbos*, ficou entre a edição das *Corôas Fluctuantes*, de poeta português, e a das *Espumas Fluctuantes* de Castro Alves.

A estampa dos *Corymbos* muito deveu à animação de amigo de Luis Guimarães. Foi a do seu condiscipulo de Faculdade no Recife e vindouro colega na diplomacia, Henrique Mamede Lins de Almeida. Louve-se o dedicado pela escassez das dedicações.

Corymbos é bem livro de autor moço, de hinos ao Amor, obra de poeta em plena adoração da Vida, fiado sem reservas nas suas promessas, a principal o amor na cumplicidade das seduções femininas tão variadas, tão de sorpresas doces ou amargas.

Desde os *Corymbos* os versos do joven Luis Guimarães cantam o Mar. e quanto com ele se relaciona. Ha nos *Corymbos*, bem destacada na alvura de pagina inteira, esta quadra:

Versos Escriptos na Areia
Deus fez o amor, mas temendo
Rival tão bello e tão forte
Deu-lhe as Lagrimas por guias
E por companhia a Morte

O poeta datou a quadra:
— Bota-fogo 186.

Reticencias substituíram ultimo algarismo. Só o poeta diria porque.

Bota-fogo escreveu Luis Guimarães, tal grafia usada outrora por alguns. E bom foi passar a quadra a livro, apagado o logar onde escritos os pequenos versos

Duradouras ao envez são lembranças da vida do poeta no ver os d. *Em Noite de Luar a Bordo d. s. Co-*

LUIS GUIMARÃES JUNIOR

rymbos. Referem-se de certo a um desses idilios de apenas o tempo das travessias. Em geral passatemplos para não perder o habito de amar, na troca de juras eternas para immediato olvido no primeiro porto onde os viajantes de e...barcam.

Ninguém nos vio, ninguém nos escutava
Deserto era o convéz.

O que o poeta recordou a Maria quantos terão dito, dizem e dirão a outras de diversos nomes!

Lembro-me sempre — sempre me recordo
Daquella noite de luar a bordo

repetio ainda o poeta para saudade da passageira que o encantou ao luar.



LUIS GUIMARÃES JUNIOR
(Rio de Janeiro 1847 — Lisboa 1898)

Fôge o tempo, sempre irreparavel, transformando porem o poeta promissor dos *Corymbos* no cinzelador de *Sonetos e Rimas*, n. livro novo *A Bordo*.

No navio tudo dorme, a helice rumoreja, o homem do leme em vigília, o barco enorme à guia dos farões. Dessa noite de travessia disse o poeta:

Eu subo ao tombadilho... A' noite pura
Entrego a frente... As nuvens luminosas
Conto as minhas saudades dolorosas.

Luis Guimarães não viajava apenas para contar as milhas que o iam aproximando do porto de destino. Mesmo as cenas de mar alto o interessavam.

Indo a diplomata no Chile, os albatrozes, donos do espaço nas solidões marinhas, inspira -lhe bello soneto, verdadeiro quadro oceanico e datado — *Mar Pacifico* 1872.

Escregnolle Doriaf

De outra vez ao passar por Pernambuco, o poeta nalma revivendo o antigo estudante, inspira-se em saudades na sombra noturna, ao bramir do Lamarão, de vagas em cachões balançando a ancora do vapor quasi a solta-la, enquanto

Todos contemplam do Recife as luzes.

Que faz Luis Guimarães? Explica:

Era na escura Olinda, a penitente
Das negras cathedraes, das negras cruzeis
Que eu punha os olhos meus saudosamente.

E, para contraste, o poeta, viajando ainda, no entre sós de mar e céu, enlevou-se a contemplar argenteando a toalha das aguas:

A grande, a calma, a solitaria Lua!

Capitais ou não, também as cidades mereceram versos de Luis Guimarães: Paris, "Princesa da Gallia, Emporio do Universo"; Londres, "a millionaria Londres indigente"; Roma, "a colossal Senhora dos monarchas da terra"; Veneza, "a patricia voluptuosa"; Sorrento, pintada em soneto-aquarela.

Nem se furta o poeta ao sortilegio da natureza da sua terra. Em Sorrento a brisa, tenue, em móle effluvio:

"Serzia as ondas da dormente enseada; em Paizagem, datada de Petropolis, "suspriava o rio tépido plan-gente".

E pelo rio as vozes afinando
As lavadeiras cantam tristemente.

Tristeza, essa bem a exprime Luis Guimarães no *Fôra da Barra*, datado de 1873, ao deixar o Rio de Janeiro seguindo para Londres, quando

Na fugitiva luz do sol poente
Vai se apagando — ao longe — tristemente
Do Corcovado a magestosa serra.

Na Italia, em 1876, sente Luis Guimarães a nostalgia do Brasil. No tão celebrado *ager* do em torno de Roma, evoca o sólo patrio em intimo gemido assim expresso:

E' que nestas planicies nuas erra
O fantasma solempne e ennegrecido
Das montanhas azues da minha terra.

Nos *Sonetos e Rimas*, com fór a apurada, Luis Guimarães continuou a não se esquecer do Amor, a prestar-lhe o culto rendido nos *Corymbos*. Nos *Sonetos e Rimas* oferece o poeta bastantes versos à amavel esposa sorrindo com ela a horas felizes, com ela de dôres sobretudo pela perda de filhos mal de berço.

De sentimen os de familia Luis Guimarães deixou provas nos *Sonetos e Rimas*, sobretudo na *Visita á Casa Paterna*, soneto que a i. prensa e as antologias têm posto em continua circulação como o têm feito declamadores, de toda vóz e gesto.

Luis Guimarães foi Homem do seculo XIX e de um Brasil conhecedor da escravidão negra, ela também nos Estados Unidos onde ainda se aviva no preconceito da côr. Não admira que os escravos inspirassem versos ao poeta dos *Sonetos e Rimas*, sem os arrebatamentos condoreiros de Castro Alves, nem o entre nostalgia e saudade dos versos de Gonçalves Crispo ao reviver infancia no Brasil onde bem de perto viu o cativo no seu aspecto rural.

Composto de tres partes é *Sonetos e Rimas*. A segunda parte fórma galeria, a dos *Poetas Mortos*, um a um glorificados, em treze poesias. Trazem por epigrafe verso ou versos de cada poeta evocado; verso ou versos de fecho a cada poesia de *Os Poetas Mortos*, no grupo José de Alencar pelas paginas de "Iracema".

Tornando a vivos, seja dito que no todo da beleza de Eva os poetas bastante se preocupavam sempre com o pé fem nil, real ou supostamente de mimo. Nos *Sonetos e Rimas* quatorze versos de *A Borralheira* não deixam mal a asserção. A classica coscuvilhice humana logo personalizou a homenagem de *A Borralheira*; dizendo-a prestada pelo poeta a formosa da... a cujos pés valia a pena deixar preto.

N s *Sonetos e Rimas* ha um soneto — *As Duas Forças* — no qual Luis Guimarães figurou duas aguias so-lenes, magestosas, pairantes no infinito. Uma foi de vóo a Jupiter pedindo-lhe a guerra, a tempestade; a outra aguia subiu a Deus rogando-lhe a paz e a liberdade. Abaixadas da imensidade a aguia que fôra a Deus pos-sou em França, a que fôra a Jupiter em Berlim.

COISAS DO BRASIL



ESTE é um flagrante batido em Campos, no Estado do Rio, nas terras de uma de suas maiores usinas de açúcar. Mas também podia vir-nos de qualquer outra região onde a plantação desse vegetal se intensifica, do mesmo Estado ou das regiões do Norte, principalmente de Pernambuco. Vale, de qualquer maneira, pelo registro de um detalhe precioso na vida cotidiana dessa laboriosa gente do campo, trabalhando de sol a sol, as mulheres de lenço atado à cabeça, sem preocupações de imitar "estrêlas" cinematográficas, os homens de mangas arregaçadas, um chapelão de palha desabado na testa para suavizar os reflexos do sol... Primeiro, a cana foi colhida em pleno campo da plantação. Depois, carrega-se nesse veículo a tração animal, tanguado por duas ou três parelhas de bovinos sempre muito calmos, de olhar quieto e manso. Faz-se,

então, a marcha rumo à usina, onde toda a complicada maquinária aguarda os toros de cana para espremer-los, comprimi-los, sugar até à última gota o seu precioso líquido. Líquido que passa, em seguida, por uma série de provas até converter-se em refinadíssimo açúcar e ser expedido, nas sacas de sessenta quilos, para os mercados consumidores. Mas o que nos mostra a gravura, nesse magnífico estudo fotográfico, é apenas um detalhe. Um detalhe minúsculo do trabalho que exige a fabricação do açúcar, mais tarde displicentemente consumido por nós todos, sem nos lembrarmos da tormenta porque passaram nossos irmãos os sertanejos, o dorso recurvado de sol a sol, as mãos insensíveis pelas calosidades, o corpo dolorido, os músculos no fim do dia em petição de miséria...

E tudo para adoçar o cafézinho do "bate-papo" ali na equinal

Beleza perfeita para a pele Oleosa

Helena Rubinstein afirma:
Uma pele oleosa cuidadosamente tratada,
atinge a uma beleza perfeita.



Sabão em creme - Indispensável para purificar a cutis do excesso de oleosidade. Limpa profundamente os poros, evita os cravos e espinhas. Cr\$ 25,00

Creme vegetal - Perfeitamente assimilado pela epiderme oleosa, não dilata os póros. Seus ingredientes suaves tornam a cutis macia e aveludada. Cr\$ 20,00

Loção refinadora - Impede a formação dos cravos e fecha os poros dilatados. Possui qualidades antissépticas e curativas que purificam a pele. Cr\$ 30,00

Helena Rubinstein

SALÃO NO RIO: EDIFÍCIO BRASÍLIA
Avenida Rio Branco, 311, Telefone 42-1442

Convite de helena rubinstein

Para receber, gratuitamente, um folheto com valiosos conselhos sobre a conservação de sua beleza e mocidade, preencha o cupão ao lado. Se, na sua localidade, a Sra. não pôde adquirir os preparados de HELENA RUBINSTEIN, utilize também o cupão, declarando o produto ou produtos que deseja receber.

Ao SALÃO HELENA RUBINSTEIN
Ed. Brasília - Av. Rio Branco, 311

Queiram enviar-me.....
.....
Nome
Rua.....n.º.....
Cidade..... Estado.....



SRA. EUNICE WEAVER, PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE COMBATE À LEPROA E ASSISTÊNCIA AOS LAZAROS.

A ilustre dama paulista que hoje responde ao nosso questionário nasceu em São Manuel, mas iniciou sua grande e benemerita campanha, em prol dos infelizes hansenianos, em Juiz de Fora onde residia. Profundamente inteligente, compreendeu que apenas o sentido piedoso e sentimental de tão importante problema não poderia dar-lhe uma solução prática em benefício da raça e, portanto, da nação, e assim estudou acuradamente e a fundo todas as facetas da causa, tornando-se uma autoridade na matéria e pondo a serviço da questão todo o valor de seu dinamismo fecundo, útil e profundamente nobre. Foi a Delegada oficial do Brasil na 1.ª Conferência Internacional de Leprosy, realizada no Cairo sob os auspícios do Governo egípcio, comparecendo 55 representantes de grandes países. Sua tese: "COMO A COOPERAÇÃO PRIVADA PODE AUXILIAR NO COMBATE À LEPROA" foi uma das mais brilhantes, merecendo não só os mais altos elogios dos Delegados, como um especial interesse do grande leprologista dr. Vitor Heiser. Também nos Estados Unidos ficaram célebres as suas conferências e entrevistas. Para ampliar seus conhecimentos visitou com seu esposo, os maiores institutos e clínicas da Índia, das Filipinas, do Egito e Estados Unidos.

Foi reeleita três vezes para a presidência da Federação das Associações, o que proclama com mais força e mais valor a importância do seu trabalho, nessa obra de tamanha significação social para o nosso país. Acompanham-ná nessa grande batalha de saneamento racial e salvação de milhares de brasileiros, subtraídos ao horrível mal, mais de sete mil mulheres em todo o território nacional. Verdadeiro exercito heroico de brasileiras dignas da grandeza deste imenso, icílico e uberrimo Brasil.

Os Preventórios erguidos em cada Estado, como um marco de benemerência, são hospitais e escolas mas são sobretudo o lar desses pequeninos filhos de leprosos, que mal entram na vida perdem os pais. Dos 145 Preventórios muitos ostentam o nome da ilustre leprologista, como justa homenagem a essa nobre vida, votada inteira, aos maiores infelizes da terra. O rastro luminoso das consagrações que D. Eunice Weaver costuma receber, por toda a parte, nas suas interessantes viagens de missionária, não são mais do que o eco da voz altisona de milhares de pobres mães sem filhos, que para ela pedem a benção de Deus; mãos corroidas pela lepra, que o flagelo santificou na dor, estendendo-lhe os braços vãos, num gesto de gratidão que fulge como uma hostia de luz, pela salvação e amparo a seus filhinhos. E isso é servir a pátria como soldado da Paz.

A MULHER NA GUERRA E NO APÓS GUERRA

Por JUANITA
BOREL MACHADO

== "A primeira geração de após-guerra, si devidamente preparada por mães conscientes, será mais capaz de compreender a justiça e por ela pugnar", palavras da senhora Eunice Weaver. == "As Forças Expedicionárias sentirão a seu lado as legítimas descendentes de Rosa da Fonseca, Anita Garibaldi e Ana Nery".

FALA A SRA. EUNICE WEAVER

PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE COMBATE A LEPROSA E ASSISTÊNCIA AOS LAZAROS

As quatro mesmas perguntas que na edição anterior submetemos ao aprêço da sra. Ana Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça foram, esta semana, entregues à ilustre Presidente da Federação das Associações de Combate a Leprosia e Assistência aos Lazares. Por coincidência, neste mesmo numero estamos publicando uma interessante reportagem sobre o amparo que vem sendo dado, em nosso país, aos lazares, e na mesma participa, como não podia deixar de ser, a sra. Eunice Weaver. Agora, no entanto, é em setor diferente, mais amplo e generalizado, que vamos ouvi-la. Nossas quatro perguntas, cheias de atualidade, de interesse maior, foram encaradas de um modo objetivo e prático, embora sucinto, pela ilustre dama. E a REVISTA DA SEMANA que está mantendo suas gloriosas tradições de quase meio século de existência, decana publicação ilustrada do Brasil devotada às causas de interesse coletivo, de verdadeiro sentido nacional e, mesmo, universal, julga estar cumprindo um dever precioso, realizando esta "enquete" de tanta atualidade e confiando-a a uma escritora patética de real brilho, a sra. Juanita Borel Machado. Em numeros vindouros, outros nomes femininos de valôr e projeção, vão ser consultados. Mas, hoje, passamos a divulgar as palavras da sra. Eunice Weaver.

1 — COMO ENCARA O PAPEL DA MULHER BRASILEIRA NA HORA EM QUE OS NOSSOS SOLDADOS ESTÃO PRONTOS PARA RUMAR AO CAMPO DA LUTA ?

— O PAPEL DA MULHER BRASILEIRA, NESTA HORA DE AMARGURA E TRANSIÇÃO, DEVE SER O MESMO QUE O DESEMPENHADO, EM MOMENTOS COMO O ATUAL, PELAS NOSSAS FORÇAS ARMADAS. DAS QUAIS TANTO NOS ORGULHAMOS, AS FORÇAS EXPEDICIONÁRIAS—ESTOU CERTA — SENTIRÃO AO SEU LADO AS LEGÍTIMAS DESCENDENTES DE ROSA DA FONSECA, ANITA GARIBALDI E ANA NERY. ENFIM A MULHER MÃE, A COMPANHEIRA INTEMERATA DE TODAS AS LUTAS E O SUAVE ANJO DE BONDADE QUE CONSOLA E CONFORTA, DENTRO DE UM GRANDE ESPÍRITO DE RENÚNCIA.

2 — EM SUA OPINIÃO, QUE ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL TERA' A PRIMEIRA GERAÇÃO DE APOS-GUERRA ?

— A PRIMEIRA GERAÇÃO DE APOS-GUERRA, SE FOR DEVIDAMENTE PREPARADA POR MÃES CONSCIENTES, SERÁ UMA GERAÇÃO MAIS CAPAZ DE COMPREENDER A JUSTIÇA E POR ELA PUGNAR. E DE PENSAR, QUE NA LEI ÁUREA ENCONTRARÁ O MEIO DE VIVER EM PAZ. CRIADA COM ESSA ORIENTAÇÃO, ELA SERÁ MENOS EGOÍSTA E PENSARÁ MAIS NO SEU DEVER DE COLABORAR PARA SOLUCIONAR OS GRANDES PROBLEMAS SOCIAIS E HUMANOS DO QUE EM APENAS TIRAR VANTAGENS PESSOAIS E EM JULGAR-SE ELEITA DO CÉU.

3 — NAS ARTES, LETRAS E EM TODAS AS ATIVIDADES MATERIAIS ACHA QUE A MULHER TERA' PARTICIPAÇÃO MAIS DESTACADA NO NOVO MUNDO DE APOS-GUERRA ?

— SE A MULHER, NESTA GUERRA, DEMONSTROU MAIS DO QUE NUNCA A SUA CAPACIDADE CREADORA E SUA FORÇA REALIZADORA, SEM PERDER NADA DE SUA FEMINILIDADE POR QUE NÃO PODERÁ DESTACAR-SE AINDA MAIS NO MUNDO DE APOS GUERRA? EM NOSSO PAÍS, DENTRO DO ESPÍRITO DA CARTA DO ATLÂNTICO, AS MULHERES DEVEM DESTACAR-SE NÃO COMO "ELITE", MAS COMO PARTE INTEGRANTE DE UM GRUPO QUE DEVE SER OUVIDO. POIS AS MULHERES DE TODAS AS CLASSES SOCIAIS TEM, HOJE, CONSCIÊNCIA DE SEUS DIREITOS, PRIVILEGIOS E DEVERES E POR ELES LUTAM MESMO SEM LEADERS: SÓ DENTRO DAS 4 LIBERDADES ENCERRADAS NA "CARTA", PELAS QUAIS VÃO LUTAR OS NOSSOS SOLDADOS E RETORNAR VENCEDORES; E COMO MEMBROS DE UMA NAÇÃO ORGANIZADA DENTRO DO ESPÍRITO DE FRATERNIDADE A MULHER SE LIBERTARÁ INTELLECTUALMENTE E TERÁ INFLUÊNCIA PODEROSA NA FORMAÇÃO DA NACIONALIDADE

4 — E NO TERRENO SENTIMENTAL ?

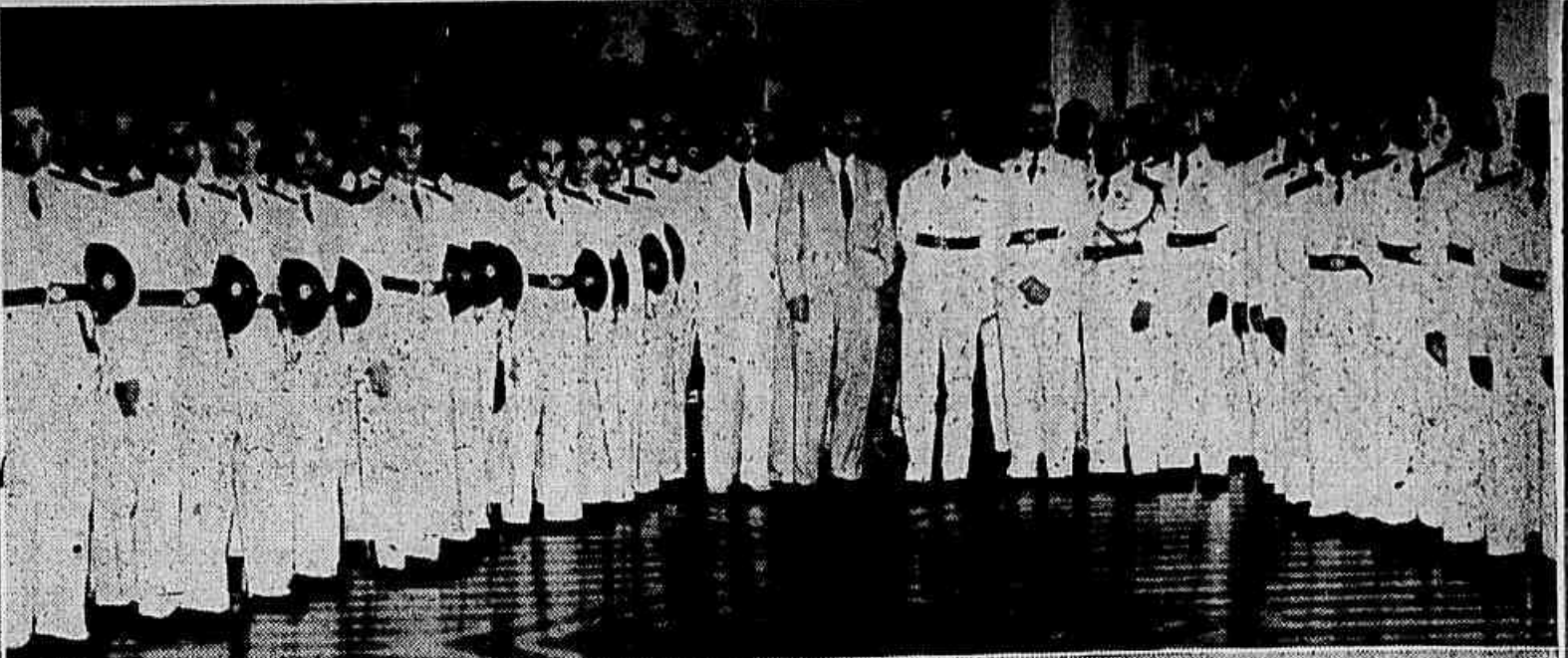
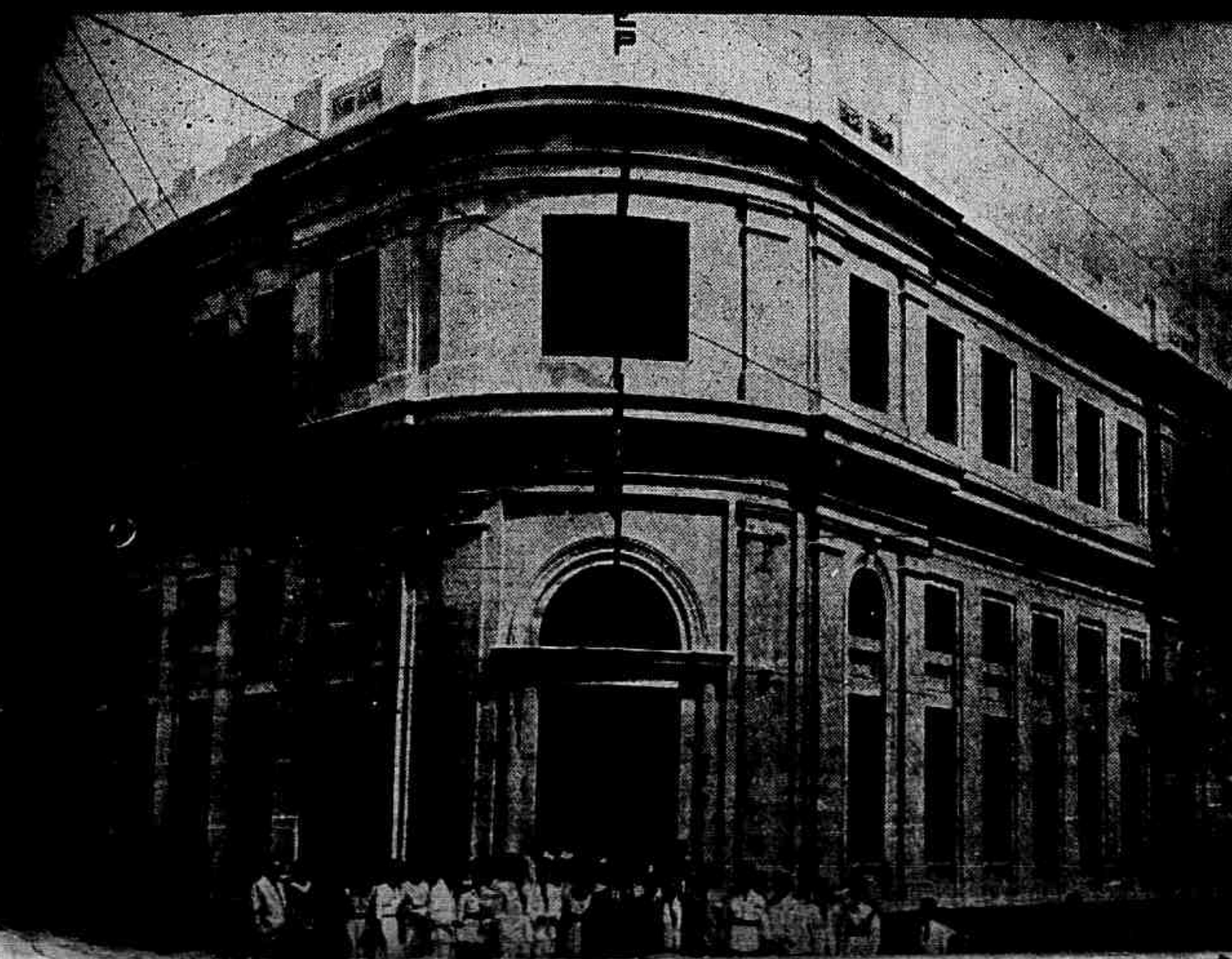
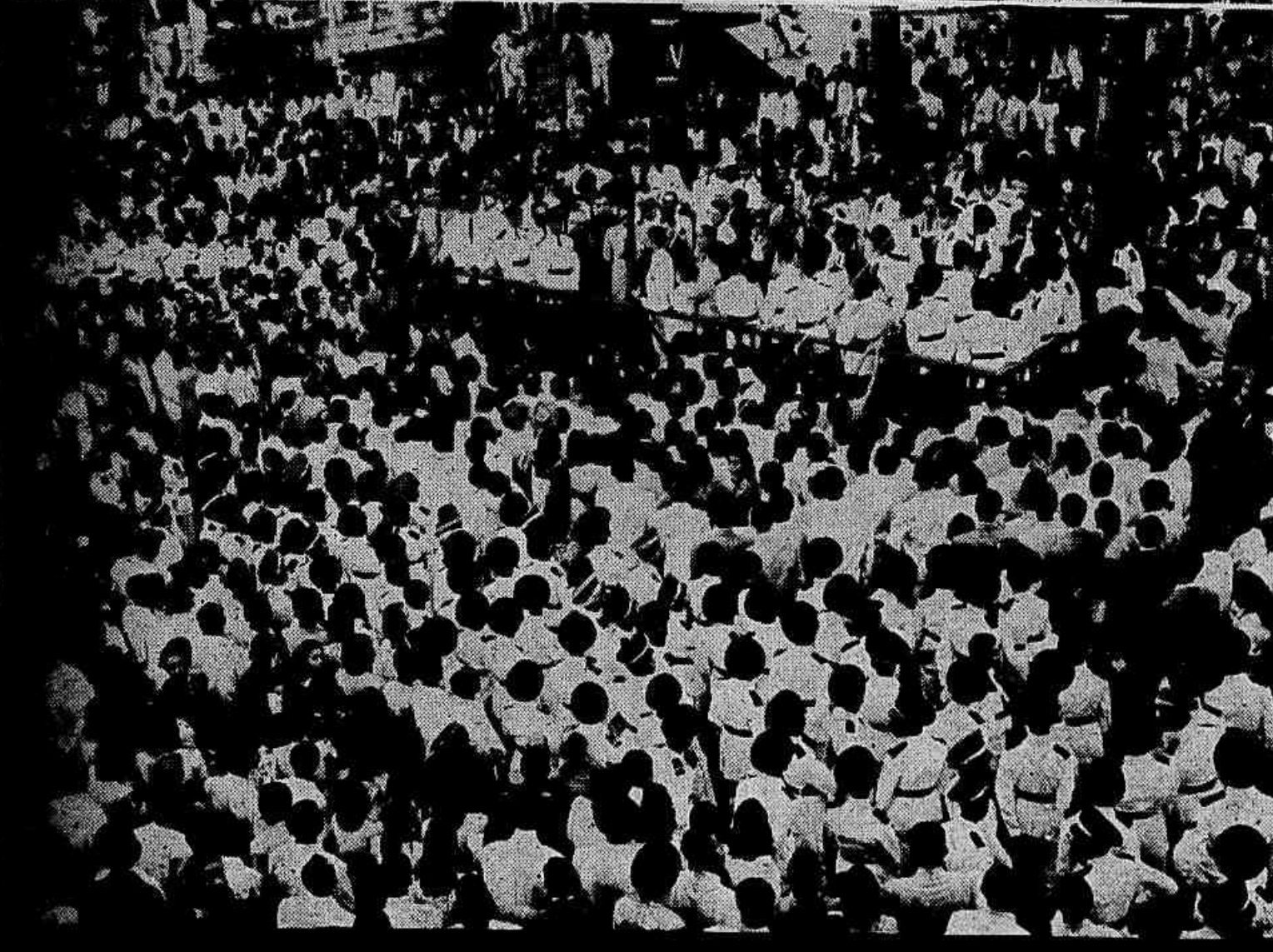
— LIBERTA DOS PRECONCEITOS MEDIEVAIS QUE A COLOCARAM NUMA SITUAÇÃO DE INFERIORIDADE, A MULHER CONSCIENTE E EDUCADA TERÁ O DIREITO DE ESCOLHER UM COMPANHEIRO COMPREENSIVO; EDUCADO E CULTO, FAZENDO COM QUE NO LAR A HARMONIA: O AFETO E O RESPEITO MÚTUO, BASES ESSENCIAIS DA DIGNIDADE HUMANA, TORNEM O CASAL CELULA MATER DAS SOCIEDADES ORGANIZADAS, O EXEMPLO DE PAZ, JUSTIÇA E RESPEITO QUE DEVE ORIENTAR A FAMÍLIA HUMANA.

NOSSO CARGO NÃO É NEM OFICIAL NEM PARA-ESTATAL.

A sra. Eunice Weaver, devotada e carinhosa amiga dos lazares.



Da Paraíba



A começar da esquerda e do alto para baixo: inauguração em Cabo Branco, João Pessoa, dos serviços de mineração, vendo-se na foto o Interventor Ruy Carneiro, acebispo D. Molsés, sr. Olindino Macedo, pioneiro da iniciativa, autoridades e pessoas gradas; dois flagrantes do desfile da juventude; inauguração da sede do Montepio Estadual. A direita, em baixo: o Interventor Ruy Carneiro criando 60 escolas primárias, e um flagrante de s. excia. inaugurando o abastecimento d'água ao balneário de Tambá - acontecimentos comemorativos do aniversário do sr. Presidente da República, em Abril p. findo. Em cima, à direita, flagrantes da declaração dos novos aspirantes do N. P. O. R. (turma Vidal de Negreiros) de João Pessoa, em 21 de Abril, paraninçada pelo sr. Interventor Federal.



NOS BASTIDORES FEMININOS

Adeus, alegres madrugadas nos trigais da minha terra

NAQUELE tempo o homem vivia a sua vida, e construía, sonhando ao calor da lareira, o futuro dos filhos e dos seus descendentes. Contava longas jornadas já gozadas ou sofridas sob o abrigo do teto da cabana, e a vida do que morria ressurgia na herança do que vinha chegando ao limiar da existência. Quando o sol — fauno de ouro, — começava a espanar de luz as searas, o ritmo alegre do canto do homem juntava-se ao cântico dos cânticos da genese universal. A moça enfeitava os cabelos de papoulas vermelhas, tão vermelhas como o sangue que hoje ensopa a terra no incrível assassinio universal. O moço forte empunhava a enxada e olhava a terra mater como um vencedor audaz; hoje éle empunha a carabina e olha o excídio e abaixa a cabeça vencido, envergonhado do seu fracasso inumano.

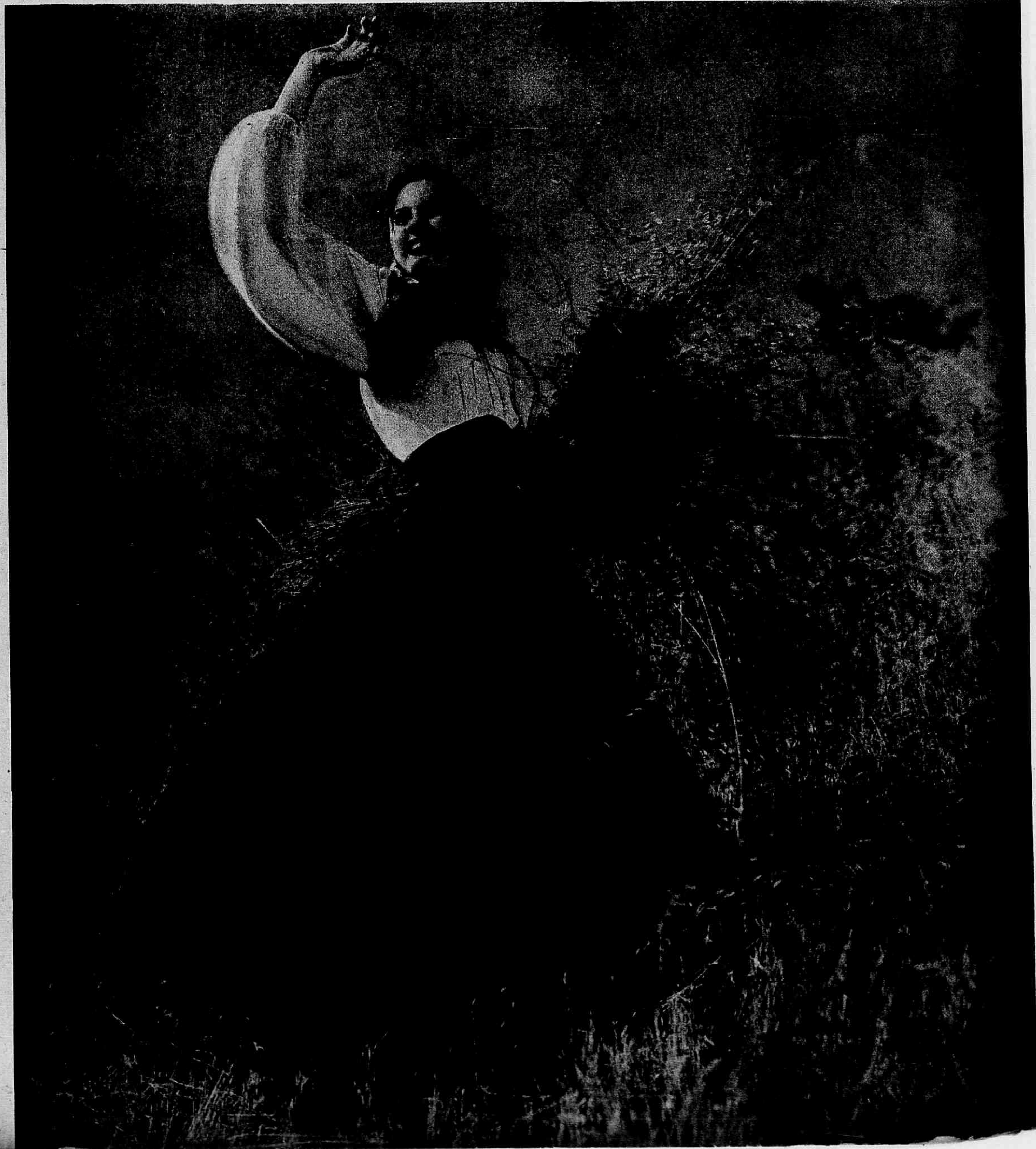
A horda de hunos voltou, Gengis Kan ressuscitou; o castigo de Sodoma assola a terra. No oriente a vir e no ocidente velho e cansado a ceifa está podando e adubando os campos, para as gerações porvindouras; as gerações que levarão nas veias o sangue purificado das raças novas; a palavra de ordem que deverá prir das Américas. Os tanques se transmudarão em charruas, as metralhas em semeadores, os aviões em pombos de aço levando de aldeia em aldeia os contratos comerciais; as sementes

para novos trigais. Então Ela lavará as frágeis mãos que ajudaram a forjar a morte, para fecundar a vida. Ela voltará a ser mãe e como mãe terá de rezar estremecidamente para que a misericórdia de Deus não abandone a terra e, sobretudo, para que suas entranhas, quando gerarem Abel, não gerem também Caim, afim de que o sangue do fratricídio não esterilize os campos outra vez.

A mulher que ajudou no arsenal da guerra a matar o filho do homem terá de sulcar a terra e regá-la com seu suor, para alimentar o filho de Caim, com a mesma abnegação que alimentar o filho de Abel.

Na rapsódia cândida da vida pastoral ela encontrará a maior e a melhor trégua de paz e a melhor forma de esquecimento do drama que ressecou e comburiu os campos. Quando os trigais começarem a dançar molemente ao sópro do vento e as estrigas madurarem e a sinfonia vermelha das papoulas matizarem o ouro do trigo, voltarão as madrugadas, frescas como uma absolvição de Deus, aos que sobreviverem ao escídio mas têm as mãos tintas de sangue. E tu, Eva, terás o grande perdão quando encontrares o caminho do lar e voltares a ser **mulher**...

DEANA DURBIN DA UNIVERSAL



A NOVA

Marta EGGERTH

DESDE "Sinfonia Inacabada", ela ficou popularíssima. Durante quasi meio ano, o velho Alhambra mostrou ao Rio o filme que outros exibidores haviam solenemente regeitado, e muita gente aprendeu a Sinfonia de Schubert que passou a ser, para todos os efeitos, a sinfonia de Marta Eggerth. Depois, veio em outras películas sem alcançar a repetição daquele memorável sucesso, embora, quasi sempre, esplendida. Um dia veio ao Rio e nem todos gostaram. Parece que os ensaios num dos nossos cassinos, a fizéram menos estimada dos músicos, dos cronistas e do público. Não gostava de repetir os números, interrompia a orquestra si alguém fumava no auditório... Mas quando cantava, os aplausos faziam ouvir-se, no final, com entusiasmo delirante. Jan Kiepura, o marido, incumbia-se de desfazer qualquer impressão menos favorável. E'ra o protótipo do homem educado, do artista que não se descuidava de atender á reportagem e do homem de salão, sobre ser um cantor admirável. E'ra quem ensaiava Marta Eggerth.

Embarcaram, afinal, e por algum tempo não se soube mais nada com relação a ambos, até quando se divulgou a noticia: Marta estava agora contratada da Metro. Veio "Idílio em dó-ré-mi" e houve ainda quem se decepçionasse. Poucas vezes a "estrêla" fotografava





bem; o "cameraman" havia usado de "trucs" para disfarçar um pouco as gorduras superfluas...

Veio, agora, em "Lilí a teimosa". Mais elegante, menos gorda e simpática como outrora. Irá continuar na Metro? Ninguém sabe, porque até serem redigidas estas linhas, essa produtora não anuncia nenhum novo filme onde Marta Eggert participe, mas lá continua, em Hollywood, regeitando contratos para incluir seu nome em companhias internacionais, não querendo viajar, nem mesmo para fazer uma série de "personal appearance" num palco da Broadway. Mesmo que a Metro venha a deixá-la sem a renovação de contrato, ela irá para outro estúdio e não terá interrompida a sua carreira de artista da tela.

Quando, mais tarde, a guerra cessar e os estúdios europeus reencetarem suas atividades, é certo que o casal Marta-Kiepura será aproveitado, como Jean Gabin, Michelle Morgan e tantos, tantos outros "astros" que só foram ter a Hollywood por imposição das circunstâncias. E até que isso aconteça — que as luzes voltem a brilhar — aí ficam as mais recentes pôes da interprete de "Sinfonia", tiradas já depois de sua "performance" em "Lilí a teimosa". Que a julguem os leitores. E principalmente as leitoras...





E AGORA, QUERIDA, SERÁS SO' MINHA.



NÃO SENHOR. EU SO ENGRAXO SAPATOS AMERELLOS. SOU UM ESPECIALISTA.



HURRAH! PAPAI E' UM TANK CAPTURADO!



ELA TRABALHA NO BALCÃO ANTES DE VIR PARA CA'.

de bom humor



ELES ME DEIXAM LOUCO! FICAM AÍ O DIA INTEIRO COM UM OLHAR CHEIO DE ESPERANÇA.



REPARA COMO O GASPAR E' TURRÃO. FICA OBSERVANDO AS FORMIGAS, PARA ROUBAR-LHES AS MIGALHAS QUE CARREGAM.



TAMANHO 42 a 46

Material — 6 novelos de lã de 6 fios, agulha 1½, 1 metro e meio de fita

Pontos — jersey, (carreira do direito, outra do avesso).

Garbanzo — (1 carreira: 3 juntos do avesso, 1 ponto terido 3 vezes (1 direito, 1 avesso, 1 direito) 2.º e 4.º ponto direito, 3.º (1 p. tecido 3 vezes, 3 juntos do avesso) e volta a 1.º.

Arroz — (1 direito, 1 avesso).

EXECUÇÃO:

Começa com o decôte, com 13 malhas, que se tecem nas carreiras pares, contrariando os pontos de arroz. As laçadas e os demais, ao avesso. As carreiras como segue:

1.ª carreira: 15 arroz, 5 direitos, 1 laçada, 1 direito, 1 laçada, 9 direitos, 1 laçada, 1 direito, 1 laçada, 5 direitos, 15 arroz. — 3.ª carreira: 15 arroz, 6 direitos, 1 laçada, 1 direito, 1 laçada, 11 direitos, 1 laçada, 1 direito, 1 laçada, 6 direitos, 15 arroz. — 5.ª carreira: 15 arroz, 7 direitos, 1 laçada, 1 direito, 1 laçada, 13 direitos, 1 laçada, 1 direito, 1 laçada, 7 direitos, 15 arroz. — 7.ª carreira: 15 arroz, 8 direitos, 1 laçada, 1 direito, 1 laçada, 15 direitos, 1 laçada, 1 direito, 1 laçada, 8 direitos, 15 arroz. — 9.ª carreira: 15 arroz, 9 direitos, 1 laçada, 1 direito, 1 laçada, 17 direitos, 1 laçada, 1 direito, 1 laçada, 9 direitos, 15 arroz. — 11.ª carreira: 15 arroz, 10 direitos, 1 laçada, 1 direito, 19 direitos, 1 laçada, 1 direito, 1 laçada, 10 direitos, 15 arroz. — 13.ª carreira: 15 arroz, 9 direitos, 2 p. juntos, 1 laçada, dobrada, 1 avesso (arroz) 1 laçada, 1 direito simples, 17 direitos, 2 juntos, 1 laçada dobrada, 1 avesso (arroz), 1 laçada, 1 diminuição simples, 9 direitos, 15 arroz. — 15.ª carreira: 15 arroz, 8 direitos, 2 juntos, 1 laçada, 3 arroz, 1 laçada, 1 diminuição simples, 15 direitos, 2 juntos, 1 laçada, 3 arroz, 1 laçada, 1 diminuição simples, 8 direitos, 15 arroz. — 17.ª carreira: 15 arroz, 7 direitos, 2 juntos, 1 laçada, 5 arroz, 1 diminuição simples, 13 direitos, 2 juntos, 1 laçada, 5 arroz, 1 laçada, 1 diminuição simples, 7 direitos, 15 arroz. — 19.ª carreira: 15 arroz, 6 direitos, 2 juntos, 1 laçada, 7 arroz, 1 laçada, 1 diminuição simples, 11 direitos, 2 juntos, 1 laçada, 7 arroz, 1 laçada, 1 diminuição simples, 6 direitos, 15 arroz. — 21.ª carreira: 15 arroz, 5 direitos, 2 juntos, 1 laçada, 9 arroz, 1 laçada, 1 diminuição simples, 9 direitos, 2 juntos, 1 laçada, 9 arroz, 1 laçada, 1 diminuição simples, 5 direitos, 15 arroz. — 23.ª carreira: 15 arroz, 4 direitos, 2 juntos, 1 laçada, 11 arroz, 1 diminuição simples, 7 direitos, 2 juntos, 1 laçada, 11 arroz, 1 laçada, 1 diminuição simples, 4 direitos, 15 arroz. — 25.ª carreira: 15 arroz, 3 direitos, 2 juntos, 1 laçada, 13 arroz, 1 laçada, 1 diminuição simples, 5 direitos, 2 juntos, 1 laçada, 13 arroz, 1 laçada, 1 diminuição simples, 3 direi-

CAPA "MANHANITA"

tos, 15 arroz. — 27.ª — 15 arroz, 2 direitos, 2 juntos, 1 laçada, 15 arroz, 1 laçada, 1 diminuição simples, 3 direitos, 2 juntos, 1 laçada, 15 arroz, 1 laçada, 1 diminuição simples, 2 direitos, 15 arroz. — 29.ª carreira: 15 arroz, 1 direito, 2 juntos, 1 laçada, 17 arroz, 1 laçada, 1 diminuição simples, 1 direito, 2 juntos, 1 laçada, 17 arroz, 1 laçada, 1 diminuição simples, 1 direito, 15 arroz. — 31.ª carreira: 15 arroz, 2 juntos, 1 laçada, 19 arroz, 1 laçada, 1 diminuição dobrada, 1 laçada, 19 arroz, 1 laçada, 1 diminuição simples, 15 arroz.

De volta na carreira 32, com p. de arroz sobre todos os ps.

Na seguinte se faz 15 arroz, 1 laçada, 1 direito, terminando com 15 arroz, e na volta se faz arroz sobre todos os pontos, por 5 carreiras mais, devendo parar sobre o avesso para começar com os 448 ps. que se tem no total fora das guardas, que são os 15 primeiros em cada ponta em arroz, com o p. Garbanzo no resto, por 100 carreiras ou sejam 25 vezes a explicação — Segue com 2 carreiras de p. direito, sobre o avesso do tecido, na parte do p. Garbanzo, e a guarda como sempre. Desde da seguinte carreira do direito do trabalho se segue assim:

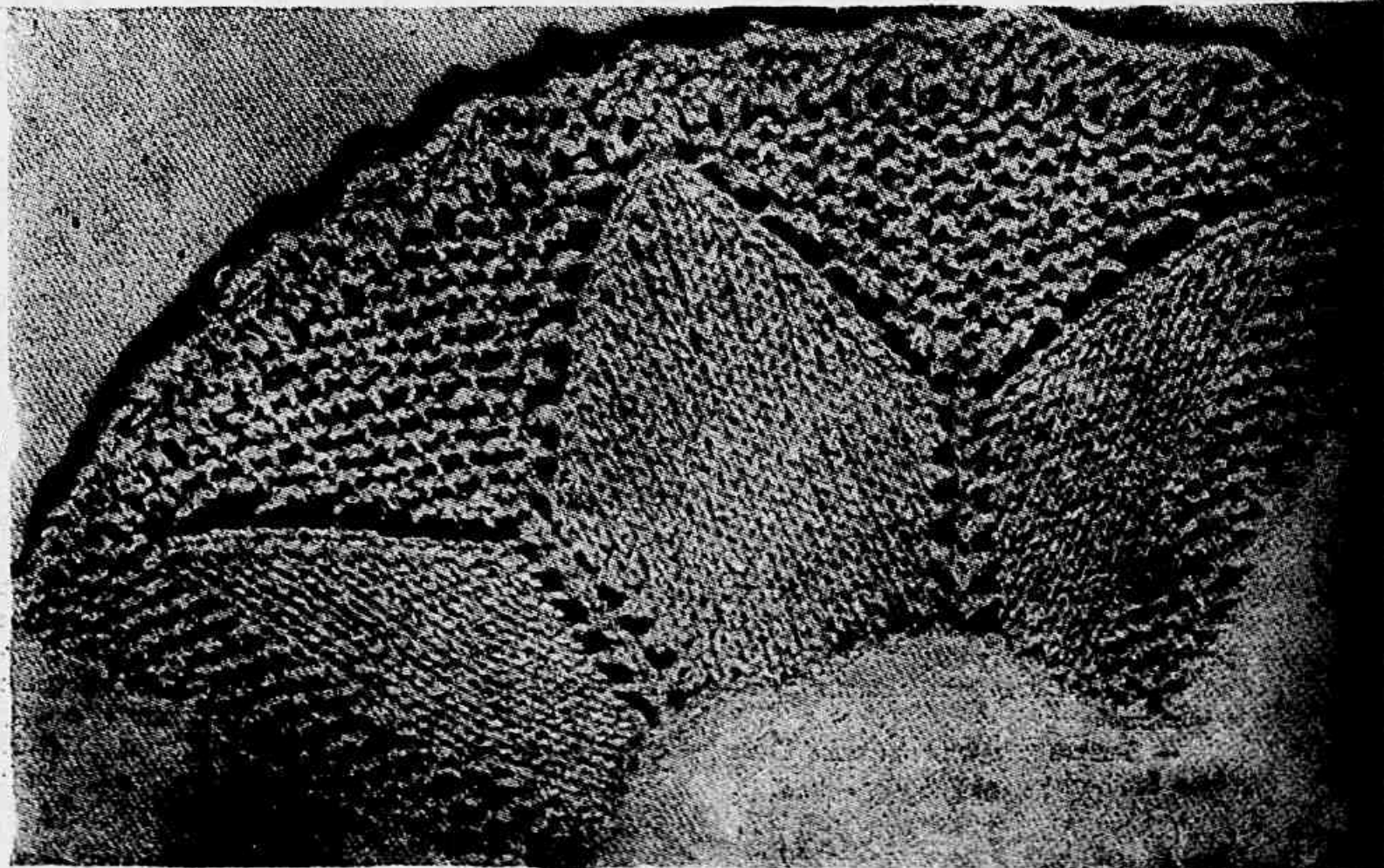
1.ª 15 arroz, 16 direitos, 2 juntos, 1 laçada, 1 arroz, 1 laçada, 1 diminuição simples, 35 direitos, 2 juntos, 1 laçada, 1 arroz, 1 laçada, 1 diminuição simples, 16 direitos, 15 arroz.

Desta forma, quer dizer, da mesma maneira que o canesú, se formam as pontas em Jersey, fazendo arroz entre os ps. que se vai formando entre as laçadas, até concluir o jersey, numa diminuição dobrada, se arremata todos, mas bem fruxo.

Terminação: Com a mesma lã ou com cordonnet de seda, faz-se um picot, em crochet, em toda a volta no alto de ambas as frentes, faz-se uma casa de crochet, para passar o laço.

Póde-se passar, mas suavemente para não achatar o p. Garbanzo.

Detalhe da barra.



seu **Tricot**

"Manjares... Música... Alegria...
que formidável se
houvesse **MALZBIER!**"



Levemente adocicada, saborosa e rica em valiosos princípios nutritivos — a Malzbier da Brahma, feita à base de malte selecionado, aumenta o poder alimentício de qualquer refeição. Ao almoço, lanche ou jantar, peça Malzbier da Brahma para fazer uma refeição completa. É uma bebida que a todos agrada.



Malzbier
da
Brahma
COMPLETA QUALQUER REFEIÇÃO

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANONIMA BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — CURITIBA

O cartão azul

(Continuação da pág. 18)

No escritório do dono da empresa, Oscar Piper acomodara-se na poltrona mais confortável e dispunha-se a interrogar as testemunhas.

— Hildegarda!

— Oscar!

Hildegarda Withers conhecia Oscar Piper muito bem. Contava-se, até, na polícia — mas isso em segredo — que ele fora namorado dela em tempos idos, mas que ela não quisera casar. Eram ambos solteiros.

— Hildegarda! repetiu, incrédulo, Oscar.

— Eu mesma, em carne e osso. Por que se admira?

— Tantos anos!

— É verdade. Mas vamos ao que interessa, que o momento não é apropriado para recordar o passado. Sabe por que estou aqui?

— Si soubesse não demonstraria tanta surpresa, não é verdade?

— Sempre o mesmo irritante Oscar! A vítima chamava-se Brotherley.

— Como sabe?

— Sabendo. E você?

— Um empregado da casa o reconheceu. Vinha frequentemente aos leilões, era colecionador. Seu nome por extenso era Carl Brotherley. E agora quer fazer o favor de me dizer como soube o nome dele antes mesmo da polícia?

— Com muito prazer. Mas a história é longa e é melhor sentar primeiro. Você, com a sua costumeira falta de educação, ainda não ofereceu uma cadeira...

— Vamos ao assunto, sta. Withers. Quem é que está a lembrar o passado agora?

— Desculpe. Bem, estou aqui a serviço. Madame Brotherley contratou-me para descobrir o paradeiro do marido, que há três dias desapareceu de casa. Hoje, pela manhã, telefonou e deixou com a criada um recado para que a esposa não se preocupasse, mas recusou-se a dizer onde estava. O irmão dela, que mora com o casal, convenceu-a de que não valia a pena chamar a polícia. Ela também não estava lá com muita vontade de meter a polícia na história. Imagine você que, ao sair, Brotherley levava o colar de pérolas dela, dizendo que o fecho estava estragado e que ia mandar concertá-lo.

Estavam nesse ponto quando interrompeu-os um detetive, que veio cochichar qualquer coisa ao ouvido de Oscar.

Piper olhou para Hildegarda, surpreso.

— O médico legista chegou e, depois de examinar o cadáver, disse que Brotherley foi estrangulado com um chale e que está morto, pelo menos, há quarenta e oito horas. Evidentemente essas pessoas que estão aqui nada têm a ver com a morte dele. Vou mandá-las embora. Guardarei os endereços, por precaução, mas o verdadeiro assassino, a esta hora, já deve estar longe, contemplando à distância o resultado da sua obra. Que caso intrincado!

Deu umas ordens ao detetive e voltou-se para Hildegarda:

— Aquela história de telefonema, que você me contou, estava muito bonita, mas acontece que ele já estava morto quando telefonou. Será que você agora espanta?

— Não acho graça nenhuma nas suas brincadeiras! E digo-lhe uma coisa: aquela telefonada agora é que se tornou de veras interessante! Então você não percebeu que o nosso querido amigo, o assassino, andou dando trabalho à companhia telefônica? Quem foi que telefonou, si a vítima já tinha morrido?

— É verdade.

— Pois está claro que é verdade.

— Mas tenho uma coisa interessante para mostrar a você, também.

— De que se trata?

— É isso.

O detetive brandiu um cartão amassado, de cor azul, onde estava colada uma fotografia.

— Uma fotografia?

— Sim. Uma fotografia de uma impressão digital.

— De quem?

— Si eu soubesse disso não estaria aqui, parado. Procuraria imediatamente o original que serviu para esta fotografia tão bela.

— Fotografia de amador, não é verdade?

— Evidentemente. Pela falta de nitidez está-se vendo que quem a tirou não tinha prática, embora conhecesse bem fotografia. Mas essa espécie de reprodução é arte muito difícil, não sei si você sabe.

— Sei. E será que você sabe que ele era um rico colecionador?

— Evidentemente.

**SABONETE
HIGIENIC** HIGIENIZA
O CORPO E AS MÃOS
CR\$ 1,90

— E não tirou nenhuma conclusão?

— Nenhuma. Isto é... Sim. Agora ocorreu-me uma idéia. Brotherley fora roubado. Alguém lhe desalcara a coleção. Resolveu investigar o caso particularmente e foi assassinado. Acertei?

— Não; errou.

— E que tem você a dizer? Qual é a sua hipótese?

— Bem, isso é cá comigo. Oportunamente, contarei tudo. E' cá uma idéia que tenho.

— Meu Deus, como esta mulher gosta de "bluffar"!

— Veremos si é "bluff" ou não.

— Veremos. Bem, vou visitar a família da vítima.

Quer vir?

— Não; prefiro ir sozinha... a outra parte.

— As mulheres são doidas por um mistériozinho...

— Filho, agora você disse tudo!

Separaram-se.

III

Hildegarda dobrou a esquina e afastava-se rapidamente, quando notou um carro. Uma rua deserta e um carro... Já isso bastava para despertar a curiosidade do detetive de saias... Um carro em frente ao lugar onde há pouco fora descoberto um crime. Quem seria o dono do carro?

Na rua tudo estava silencioso. De repente, ao aproximar-se, Hildegarda viu que havia alguém no carro. Uma silhueta conhecida. Era o carro de Hamish, e Bianca, a secretária, esperava-o. Onde estaria ele? Já devia ter saído.

De cima, veio uma voz suficientemente alta para que

Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda

DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 139

Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 -- São Paulo

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA



A de sua cabeça!...
Ninguém é mais jovem
que seus próprios ca-
bellos.... Principalmente as senhoras.

Cabello sem vida, opáco e escasso,
significa velhice, embora se tenha vinte
annos... Cabello vivo, abundante, bri-
lhante, é juventude—embora se tenha
cincoenta!...

Uma fricção diária com TRICÓFERO
DE BARRY, antes de pentear-se, não só
dá brilho e maciez ao cabelo, como de-
fende-o contra a caspa e evita o encane-
cimento prematuro e a calvície.

Em todas as idades — da infância á ve-
lhice — TRICÓFERO DE BARRY é re-
commendado para amaciar o cabelo, faci-
litar-lhe o penteado e evitar-lhe a queda.

Tricófero
de **BARRY**

Hildegarde a ouvisse, mas que evidentemente estava ten-
tando chamar alguém sem fazer muito barulho:

— Bianca! Depressa! Bianca!

A secretária saiu do carro, rapidamente, e correu para
o edifício. De uma das janelas um vulto atirou um objeto.
Bianca agarrou, com cuidado. Ia levá-lo para o carro,
quando Hildegarde avançou.

— Sta. Bianca, que leva aí?

Bianca empalideceu.

— Nada. Nada.

— Perdão. Mas eu vi um vulto jogar-lhe alguma coisa.

Que esconde aí?

— Meu Deus! Mas afinal que tem a senhora com
isso?

— Nada. Quero saber a verdade.

— Deixe-me passar!

— Que é que tem aí?

— Por favor, deixe-me passar!

Nesse momento Hamish apareceu.

— Que há?

— Pergunto à sua secretária o que há dentro dêsse
embrulho.

— Que tem a senhora com isso?

— Acredito que o que ela traz aí foi roubado pelo se-
nhor, que jogou o objeto pela janela e, com a cumplici-
dade da sua secretária, ia fugir com o produto do roubo.

Estavam perto do carro. Hamish, sem cerimônia, em-
purrou Hildegarde para dentro do veículo e o pôs em
marcha.

— Quero saltar!

— Saltará já, sossegue. Não tenho a menor intenção
de raptá-la. Quero simplesmente uma oportunidade para
explicar-lhe, a sós, por que trouxe aquêlê quadro.

— Explique-se.

— Pois bem. Arrematei aquêlê quadro, hoje, em leilão.
Tenho razões para acreditar que se trata de um genuíno
Holbein, um auto-retrato que está desaparecido há muito
tempo.

— Que tem isso a ver com o roubo?...

— Insisto que não foi roubo. Levei o que era meu. A
polícia, por motivos que eu, nem compreendo nem acato,
ordenou que nenhum dos compradores poderia levar o que
lhe pertencia. Já estava pago. Não roubei. Ou, si roubei,
foi a mim próprio. Está satisfeita?

**Mas Que
Pancada!**



A dor acalma-se
prontamente, a fe-
rida cicatriza e sara
com a ajuda do Men-
tholatum. As mãos
precauidas tem-o
sempre á mão, para
queimaduras, cortes,
pancadas e consti-
pações

MENTHOLATUM

“Como conseguiu uma
pele assim tão linda?”

— UMA

Cutis Juvenil!

**SEMPRE CHAMA
ATENÇÃO**

Raras vezes foi uma jovem
interpelada, na rua, por
outra que lhe perguntasse
onde fez ou quanto custou o
seu vestido. Mas quem tem
uma pele perfeita já mais de
uma vez ouviu, mesmo
de desconhecidas, a pergunta
suprema: como conseguiu
uma cutis assim?

É que a pele é o problema n.º 1
da mulher. E ao encontro
dêsse problema vem Leite
de Colônia, que limpa,
alveja, amacia a cutis. E se
tem espinhas, cravos, sardas e
manchas, não procure esconder
êsses defeitos, corrija-os com
Leite de Colônia, preparado
rigorosamente científico e
eficiente.

Provoque a admiração
de todas, usando, duas vezes
ao dia, Leite de Colônia, a
juventude permanente
da cutis!

Leite de Colônia



J W T

— Não.
— Que mais a preocupa?
— Cá umas coisas...
— Pois deixo-a aqui, nessa esquina, com as suas
“coisas”.
Hildegarde saltou e o carro desapareceu rapidamente
na primeira curva.

IV

Hildegarde contou o que se passara a Oscar e êle
não deixou de fazer muitos comentários irreverentes, ima-
ginando a expressão do rosto de Hildegarde quando pen-
sava que estava sendo raptada.

— Há alguma novidade? perguntou Hildegarde quan-
do terminou a sua história.

— Nada.

— E a visita à família?

— Ah, sim, é verdade! A viúva esteve aqui com o
irmão.

— Aquêlê camarada que não queria que se chamasse
a polícia para procurar o desaparecido?

— Êsse mesmo. Vieram aqui para reclamar as pé-
rolas. Disse-lhes que não tinham sido encontradas com a
vítima. Mas êles se recusaram a acreditar. O irmão da
mulher chegou mesmo a insinuar que a polícia tinha ficado
com elas.

Era chegada a vez de Hildegarde divertir-se. Oscar
não permitia que se duvidasse da honestidade ou da efí-

ciência do corpo de homens bem treinados que trabalha-
vam sob suas ordens.

— Bogart explicou porque não deixara a irmã avisar
a polícia do desaparecimento do marido?

— Deu-me um telegrama que recebeu de Brotherley.
Aqui está...

— Já vejo que o nosso assassino andou também pelos
telégrafos...

— Parece. Leia:

“Preciso desaparecer. Ponha Angela ao corrente, com
eito. Telegrafarei mais tarde. Segredo. — Carl.”

— É. Muito interessante. Sem dúvida ajudar-nos-á a
descobrir o culpado.

— Não sei...

— Você está com um ar desencorajado...

— Claro. Nem uma pista. Você acha isso pouco?

— E a impressão digital que estava no cartão, na mão
de Brotherley? Descobriu de quem é?

— Sei que não é da mulher nem do irmão. Também
não é de qualquer dos presentes ao leilão.

— Confessa que fracassou?

— O que?

— Confessa que não conseguiu descobrir de quem era
a impressão digital?

— Bem... Confesso...

— Dê-me a impressão.

— Aqui está.

(Continua na pág. 46)

FIGURINOS DE MAIO

Maio, mês das flores, das noites tépidas, dos dias de sol quasi invernosos — e das conseqüentes mudanças de estação... E' para fazer face a esse período tão importante na vida elegante da mulher que lhe oferecemos, nesta página, uma coleção de lindos modelos — para Maio.



Para a noite

1 TOILETTE PARA A NOITE DE MOUSSELINE LAMÉE AZUL, GUARNECIDA COM DUAS LONGAS TIRAS DE MOUSSELINE DE SEDA AZUL.

2 VESTIDO PARA A NOITE DE CREPE MAROCAIN BRANCO, AS TIRAS APLICADAS EM SETIM BRANCO.

3 INTERESSANTE VESTIDO PARA BAILE DE SETIM OU TAFETÁ ROSA, GUARNECIDO COM RENDA PRETA FINA, BRETILES DE FITA DE VELUDO OU SETIM PRETO.

4 CAPA DE VELUDO CINZENTO COM GOLA DE PELE PRETA.

5 VESTIDO PARA A NOITE DE VELUDO OU SETIM PR'TO, A SAIA FRANZIDA, B.TÔS DE STRASS.

Manteaux

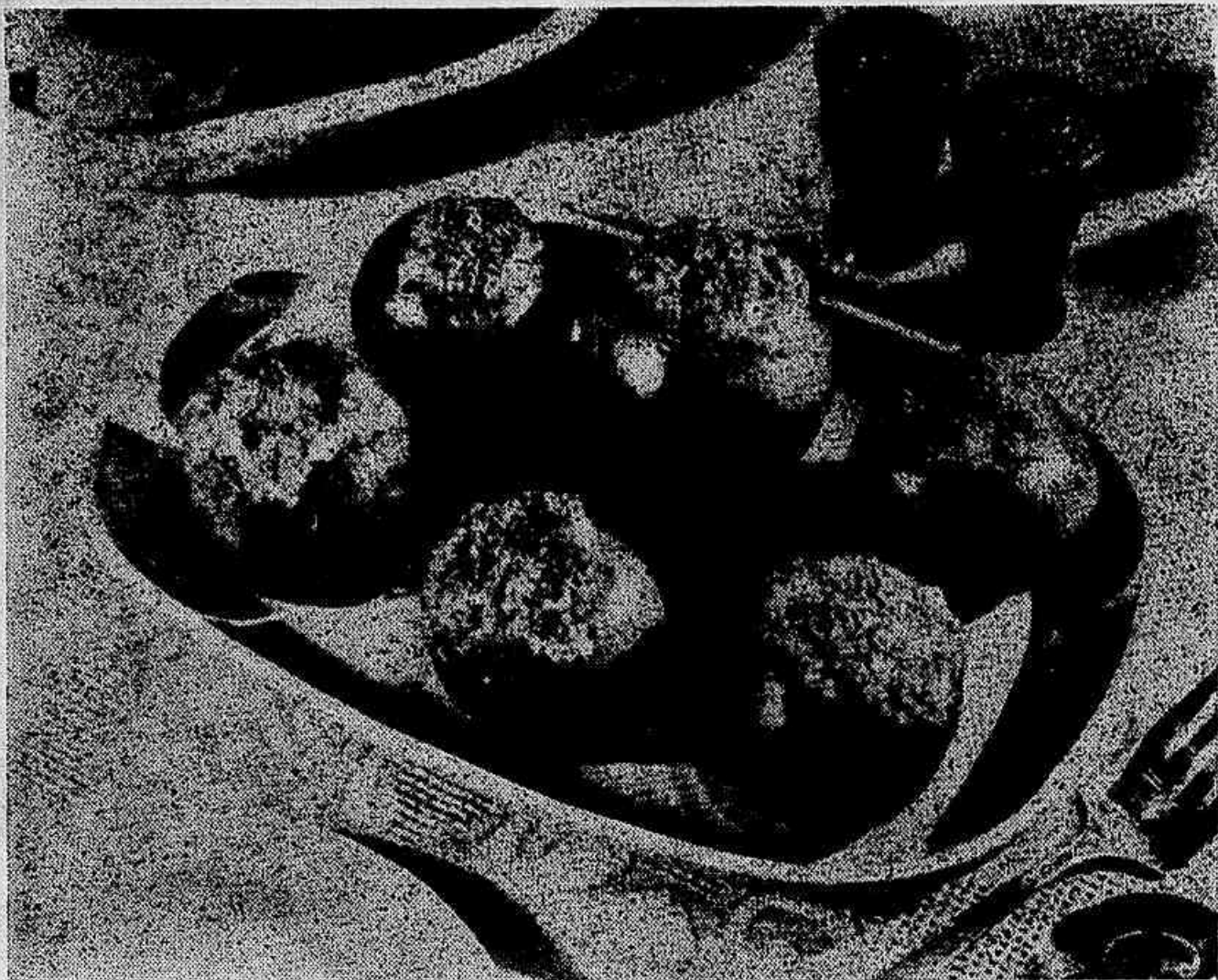


A linha dos casacos de agasalho é colante e dá amplitude de modo a fechar completamente como vestido.

1. A nota deste casaco está nos bolsos formados pelos vizes e o grupo de pregas dos lados.
2. Elegante, de linha militar, com grande gola e duas ordens de botões de fantasia; um motivo de vizes como enfeite desce até formar a beira dos bolsos.
3. Em estilo croisé, os bolsos embutidos, de nervuras.
4. Costas formando o talhe até à cintura; grandes bolsos superpostos.
5. Ainda em estilo croisé, golas com dupla costura nas beiras.
6. Elegante casaco-vestido com duas pregas embutidas na saia, pespontos e laço na frente.

Copa e cosinha

Mme. Risoleta



Tomates rechêados com "man-bean-doo".

Utilidades praticas do limão. --- Menu chinês

As toalhas de mesa, guardanapos, panos de prato, como qualquer peça de roupa branca ficarão limpas, de alvura imaculada, pondo na água em que se fervem pedaços de limão.

As manchas de ferrugem e as de tinta limpam-se com um solução de sumo de limão e sal, misturadas: esfrega-se a parte manchada, deixando-a assim uma meia hora e lavando-se em seguida com água fervente. Para o marmore descolorido faz-se o mesmo tratamento, assim como para pintura branca. Cascas de limão e sumo são excelentes para limpar mesas de pinho e outras madeiras lisas. Limão e cinza limpam cobre antigo e bronze. Esta mistura serve também para limpar escovas de toucador de marfim, osso, etc. Passa-se, deixa-se secar em seguida lava-se e deixa-se secar rapidamente. Sumo de limão e água limpam as esponjas velhas e pegajosas, basta deixa-las durante a noite de molho. Estas são as utilidades do limão para as serviços domesticos, pois inumeraveis são suas utilidades para outros fins como: tratamento de beleza, dores de garganta, olhos, etc., por ser suavizante e ótimo desinfetante.

Menu Alguns pratos chineses.

A guerra com a China trouxe a estilização da indumentária chinesa, e a arte china sempre foi muito apreciada pelos ocidentais, é portanto interessante conhecermos alguma cousa dessa cozinha que para nós deve ser bem estranha.

Man-bean-doo.

INGREDIENTES: — 1 libra de feijão (fava) 1/2 libra de carne de porco 1 colher cheia de salsa chinesa (m. lho de feijão ou bean sance) 2 colheres de azeite, 4 cebolinhas brancas, 1 colher de vinho branco, 1 xícara de água.

Pique o porco em pedacinhos, pondo-a atravessada; frite no azeite as cebolinhas picadas até dourar, junte o porco com o molho chinês (bean-sance) e o vinho branco; deixe ferver 5 minutos e ponha o feijão, a água e o sal, deixe guisar até o feijão ficar mole (25 minutos). Com este guisado recheiam-se uns tomates grandes.

Walnut chicken (galinha com nozes)

1 galinha, 1 libra de nozes. 1 lata de "bamboo", 10 mushrooms chineses de lata — 1 colher de bean-sance 1 cebola alho, azeite, maizena 1 colher de savo.

Frite no azeite a cebola, mushroom, bamboo, alho, sal. Pique em pedacinhos a galinha (frango) e mexa com uma mistura de maizena, sal e sava (pouco) fritando-o e junte então a bean-sance e os ingredientes já fritos anteriormente. As nozes depois de bem limpas, picadas e douradas em azeite, são postas sobre o frango na hora de servir.

Arroz frito — men-chi.

1 libra de arroz, 2 fatias de presunto cru, 1 libra de camarões frescos. 3 cebolinhas brancas.

Cozinha-se o arroz em água sem sal para que fique solto, deixa-se esfriar e frita-se em azeite quente sem chegar a dourar; frita-se separado o camarão, cebolinha e presunto picado. Coloca-se em um prato grande o arroz, por cima o camarão etc., enfeite com rodela de laranja.

Para tirar a película das nozes, como dos tomates, castanhas etc., basta deixá-las 5 minutos em água fervente; os tomates basta mergulhá-los 1 minuto.

CURIANGO

(Continuação da pág. 15)

Na boca, feita de um arco de barrica, com duas hastes de cobre, em cruz, foi adaptada a mecha de grossos chumaços de lona, embebidos em breu e petróleo. Por último, rodearam-no de guirlandas de fogos, com esguichos luminosos e bombas.

A noite veio lutuosa e chamejante. F ra, esperava-se com ansia o balão dos presos. A cidade preocupava-se com o céu. As praças estavam compactas. Havia gente nos telhados.

As sete horas chegaram os funcionários da penitenciária, com suas famílias, convidados, jornalistas. O grande bojo do balão ficou circundado de curiosos.

Depois de falar ao diretor, o Mateus, fremente de entusiasmo, lançou fogo à mecha. Um clarão alegre encheu a esfera, lambendo-lhe as paredes internas. O papel estalejou nas emendas, repuxando as cordas que as reforçavam. Duas vezes o balão ameaçou subir, mas voltou para o solo, mantido por sólidas amarras. Rolos de fumo negro novelaram-se pelo chão. No alto, o papel, fortemente estirado, rígido, tornava-se transparente, pondo a lume toda uma ossatura de cordas e junções.

Ouviu-se um tiro de morteiro, depois o "largo" solene. Com uma faca, o Mateus cortou rapidamente as amarras. A esfera deu um salto. Mas uma sombra atirou-se a ela, segurando-a pela boca, sob a mecha. O balão como que hesitou... Depois, precipitou-se no vazio, levando Curiango mantido a pulso numa postura de mártir. Ouviu-se um clamor surdo. Mulheres rolaram pelo chão, alucinadas de pavor.

E o balão subia. Nenhuma aragem, nenhuma nuvem. Todos os ventos dormiam. Curiango segurava fortemente no disco de madeira. Sobre sua cabeça estouravam bombas, estalejavam bichas, queimando-lhe as mãos, chamuscando-lhe o rosto. Uma bafada de fumo espesso e quente envolveu-lhe a cabeça, sufocando-o. Os braços erguidos começaram a esfriar, as mãos entraram de doer, de escorregar... Embaixo, a cidade apareceu-lhe sulcada por grandes rios luminosos. Só então teve medo. Mas o balão subia, subia. Num desesperado esforço, agitou o corpo no vazio e conseguiu entalar uma das mãos na alça que sustinha o balão quando em terra. Depois, fez o mesmo com a outra mão. Estava crucificado na noite. E o balão subia.

Uma dor lancinante fê-lo uivar. Era a mecha que se derretia, pingando sobre sua cabeça grandes lágrimas de breu incandescente. A carapinha tornou-se-lhe um emplastro ígneo; escorreu por detrás das orelhas, pelo rosto, como grandes taturanas de fogo. A roupa incendiou e, de tão escassa que era, caiu desfeita em cinza sem o ter matado. Ele ainda vivia com toda a sua sensibilidade animal, com toda a sua pequenina consciência de homem rudimentar. O balão furava o ar. Subia.

As lágrimas de fogo continuaram a cair, tirando-lhe retalhos de couro. Eram tantas que dentro em pouco ele estava despido da própria pele. E vivia, e fazia todo o esforço para não cair, enquanto a esfera se elevava a prumo, resplandecente, entre o calabouço e a liberdade azul.

A conquista

(Continuação da página 29)

ria que fazer sacrifícios como este, dissera ele. E Celina rira. Sacrifícios? Prazeres.

Quando Garnier achou que ela estava perfeita, mandou-a visitar Meister.

Celina perguntou.

— Guilherme Meister?

— Ele mesmo. Conhece-o?

— Ele quis casar comigo. Escrevia canções para mim. Eu cantava trechos das óperas dele...

— Pois é este mesmo. Está dirigindo uma grande estação de rádio e prometeu uma audição para a minha discípula favorita.

— Disse-lhe o meu nome?

— Não.

— Ótimo.

O encontro com Guilherme aumentou a certeza de que Celina não era mais a dona de casa mal vestida. O compositor olhou-a, espantado.

— Celina! Será possível! Linda como sempre...

Em duas semanas ela era cantora da estação. Ensaia e ia estreiar na semana seguinte.

No dia da estréia estava nervosa. Guilherme prometera que não a faria cantar logo da primeira vez. Irradiaria um seu disco, e ela, quando visse o sucesso, teria coragem e perderia o nervosismo.

Na noite marcada para a irradiação ela ligou o rádio.

René lia os jornais, placidamente. Ela esperava.

— ...Ouviremos a maior revelação do ano. O soprano mais belo da França. Uma linda mulher com uma voz de ouro... Marguerite Dubois cantará "Je Tremble", ária da ópera "Li", de Guilherme Meister...

Começou o disco.



Celina pensava: que nome de guerra tôlo!

René não acreditava nos seus ouvidos. Depois que Celina lhe contou a história das aulas de canto e do contrato, ficou tão surpreso que nem encontrou palavra para condenar ou elogiar o que ela fizera.

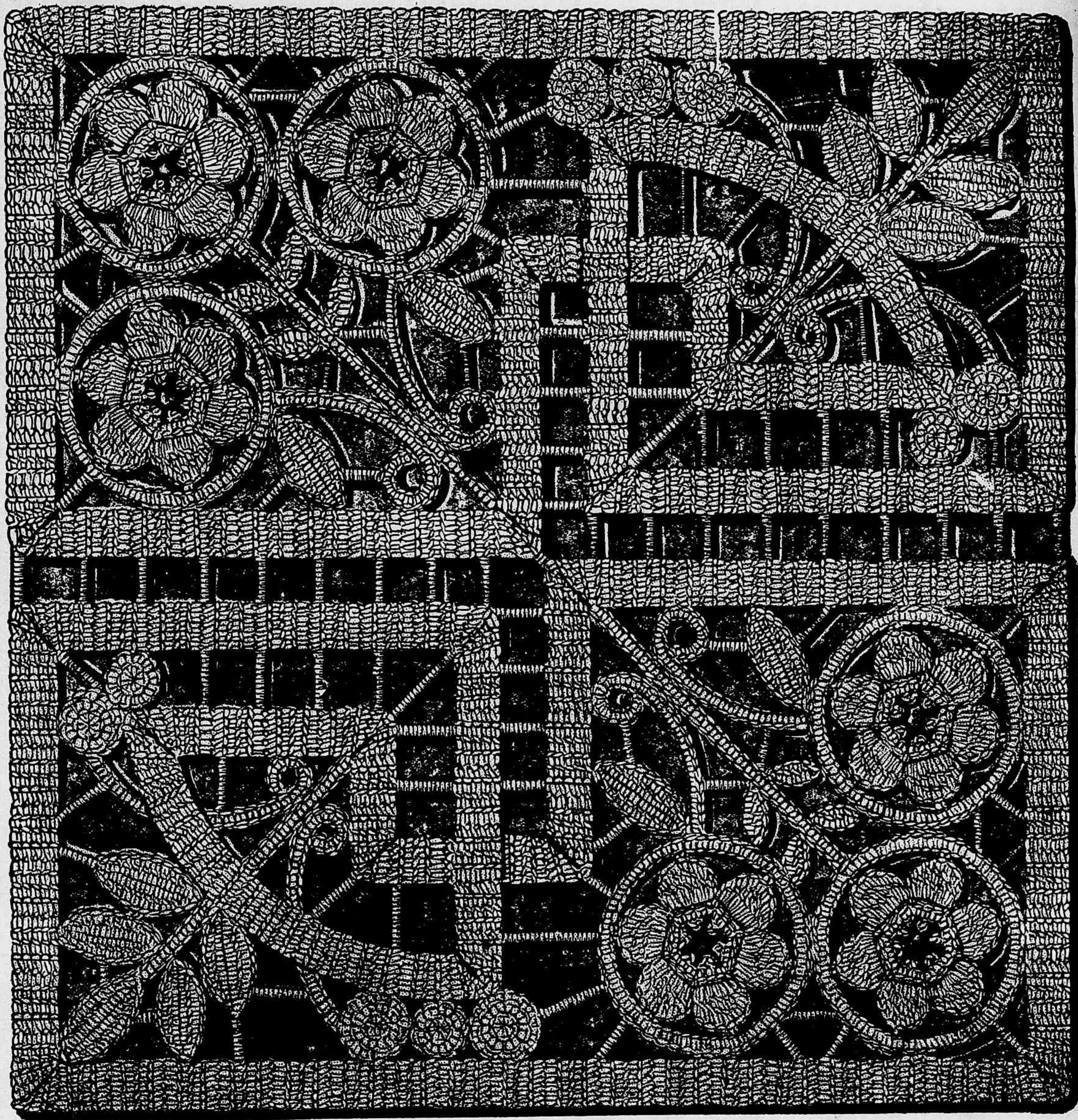
Só uma frase lhe escapou dos lábios.

— Agora que você está célebre, tenho que conquistá-la novamente, antes que apareça outro pretendente...

Ela riu. Como os homens são cegos!

— Conquiste-me! Estou esperando... meu amor...

TRABALHO MANUAL



APLICAÇÃO DE CROCHÊ

Continuam em moda as guarnições de crochê grosso para linho granité ou brim cretone, etc. Este pôde ser feito em linha de algodão mercerizado, ou em linha brilhante para renda C. B. n.º 12 2 novelos.

Maneira de fazer: FLOR — fig. 1 — 3 m/ correntes e fechar, 5 vezes, formando o centro, ao redor fazer 1 carreira de meio p. para formar as pétalas, fazer pontos com laçadas, começa com 1 laçada pelos dois das pontas aumentando para o centro; para passar de uma pétala a outra faz-se um meio ponto. Folha — a folha figura, 11, começa-se com uma

corrente com 11 pontos e ao redor dela 2 carr. de meio ponto; para a folha pequena fig. 3, a mesma coisa, com uma só carreira de m/p.

RODINNAS, começa-se com 3 correntes fechando em roda com m/ ponto. ASTE, fazer a corrente do comprimento requerido e voltar sobre ela. GALÃO, fazer 7 cadzais e sobre elas ir montando os p. fechados com 2 laçadas.

MONTAGEM. Depois de preparar todo o motivo, montar sobre o papel desenhado e ir prendendo como se faz com o bordado Richelieu.

Suberdade?

IDADE PERIGOSA

em que muitos jovens se vêem atacados de anemia, e de clorose. É preciso fortalecer o organismo, enriquecer o sangue. A EMULSÃO DE SCOTT — a maravilhosa combinação do óleo de fígado de bacalhau com cálcio e sódio — revitaliza e robustece. Em qualquer época, não há substitutos para a



EMULSÃO DE SCOTT

Tônico das Gerações

O cartão azul

(Continuação da pág. 41)

— Agora arranje um catálogo do leilão.
— Eis aqui.
— Ótimo.
Hildegarde leu a lista de objetos.
— Retrato de um homem de chapéu azul... Um quadro interessante... Será valioso?
— Nada disso. Foi arrematado por uma ninharia...
— Ah... E quem o arrematou?
— Hamish.
— Ah...
— Que é que há com você? Que ar misterioso é este?
— Nada. Até logo. Até mais tarde.

V

— Oscar, descobri! Sabia de quem era, mas queria certificar-me.
— Descobriu o que? Sabia que o que era de quem?
— As impressões digitais.
— O assassino! Vamos! Quem é ele?
O detective vestiu apressadamente o paletó e pegou no chapéu.
— Onde é que você vai? perguntou Hildegarde.
— Prender o criminoso.
— Prender o criminoso?
— Qual criminoso?
— O que fez estas impressões digitais...
— Então você tem que mandar reservar passagem no próximo avião... O nosso amigo mora na Holanda, num cemitério...
— O que?!
— Chama-se Holbein e já morreu há mais de um século.
— Nesse caso...
— A fotografia era da sua impressão digital. Reproduzida no Museu Britânico, com consentimento do diretor.
— Onde encontraram as impressões?
— Num quadro dele, em que a tinta, para dar um certo efeito, era espalhada com o polegar...
Nesse momento entrou na sala um rapaz, muito agitado:
— Preciso falar com o chefe dessa porcaria!
— O chefe sou eu e a porcaria é o Departamento Central da Polícia!
Oscar estava agressivo. O rapaz não se deu por achado.
— De que serve ter uma polícia que se diz bem orga-

nizada, mas que não consegue resolver os problemas mais simples? Procuo uma môça, que desapareceu, e a polícia não a encontra!

— Primeiramente, rapazinho, a polícia não tem o dever de andar procurando môças que vão passear no bosque, e em segundo lugar o senhor não deve ter procurado bem... Quem sabe si ela não está escondida debaixo da cama?

Hildegarde viu que, si não intervisse imediatamente, aquilo poderia acabar mal.

— Que é isso?
— Esse cavalheiro...?
— Cale a boca, Oscar. Como se chama a môça desaparecida e qual é o grau de parentesco que o li a a e'a?
— E' minha noiva. Telefonei para sua casa ontem à noite, mas não respondeu. Continuei telefonando a noite toda, mas ela não estava. Devia ter ido esperar-me no trem, mas não foi.

— O senhor esqueceu de dizer o nome dela.
— Bianca Riley.

VI

O apartamento da môça estava vazio. Na porta, uma carta amarrada no trinco.

"Johnny. Sinto muito. Telefone mais tarde. Beijos. Bianca."

A môça só poderia estar na casa do patrão. Para lá foram Oscar, Hildegarde e o noivo aflito.

Hamish estava em casa. Mandou-os entrar para o gabinete, onde foram encontrar Bianca trabalhando. Um quadro, pousado num cavalete e iluminado por fortes luzes, estava sendo restaurado por um perito que, com um líquido esbranquiçado, dava novo brilho à pintura meio apagada.

— Em que lhes posso ser útil, cavalheiros? perguntou Hamish.

— Temos umas perguntinhas a fazer.
— Estou às ordens.
— Muito bem.
— Quando esteve com Brotherley?
— Nunca.

— Nega, então, que havia um quadro valioso na exposição e que Brotherley saíra de casa para comprá-lo em segredo? Ignora que Brotherley mandou fotografar a impressão digital do polegar de Holbein para compará-la com a impressão que existe no quadro posto a leilão? Não sabia que, tendo descoberto que era autêntico o quadro, ele tomou o colar da mulher, que empenhou para poder pagar o quadro? Ignora que certa pessoa o matou por este mo-

tivo, para poder apoderar-se do quadro, sem concorrente?

— Cavalheiros, os senhores estão enganados...
— Como?
— Não comprei este quadro para mim...
— Para quem foi, então?

Não souberam a resposta de Hamish, pois veio interrompê-la a chegada inesperada de Varden, o leiloeiro.

— Hamish, imagine só quem...

Parou, de repente.

Oscar virou-se para ele, surpreso. Uma suspeita atravessou-lhe a mente e traduziu-se na pergunta:

— Conhecem-se bem?

— Hamish é um velho freguez...

Sem mais, o detective ordenou:

— Revistem-no.

Dois policiais que se mantinham a postos, imediatamente avançaram.

— Eu protesto, exclamou Varden.

— Não se importe, respondeu Hildegarde. Oscar é assim. Tem cismas...

— Mas eu...

Antes que Varden pudesse acabar de falar, já um policial lhe tirava do bolso um embrulho.

AGUA DE TOILETTE RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

— Que é isso? perguntou, logo, Oscar.
Hildegarde desembalou a caixa.
— O colar! O colar da mulher de Brotherley!
— Este colar me foi dado por Brotherley em troca de um adiantamento em dinheiro. Ele estava precisando de dinheiro urgentemente.

— Não adianta vir com histórias, Varden. Você matou Brotherley.

— Juro que não...

Hildegarde falou.

— Um momento, senhores. Acontece que o assassino não é o sr. Varden. Ele agiu de boa fé. Emprestou o dinheiro a Brotherley e recebeu o colar. O assassino, sabiam todos, pode ser facilmente identificado. Provamos que, perto do corpo de Brotherley, havia uma lente esmialhada, que ele usara para comparar as impressões digitais. Os pedaços dessa lente foram recuperados, exceto um que não se pode achar. Esse pedaço, senhores, está no sapato do assassino, pois ninguém mais pisou dentro do armário, e para matar Brotherley o assassino entrou no armário e fechou a porta. Talvez a pretexto de examinarem os dois o armário... Sr. Hamish, quer tirar o seu sapato, por favor?

Quando Hamish foi prêso, houve surpresa geral. Ninguém compreendia aquilo. Bianca e o noivo, abraçados, contemplavam a cena, espantados. Oscar abriu uma boca onde caberia uma montanha.

Hildegarde explicou.

— Todos os detectives usam a dedução. Eu uso o método maluco. O método do palpite...

— Mas você tinha a lente...

— Sim, porém não faltava pedaço nenhum. A lente foi perfeitamente reconstituída...

— Quer dizer que...

— Eu sabia que Hamish era o assassino e preparei aquela estratagem.

— Mas como sabia?

— Intuição...

— Ora, bolas! Assim, também, não há vantagem!...

AGUA DE COLONIA



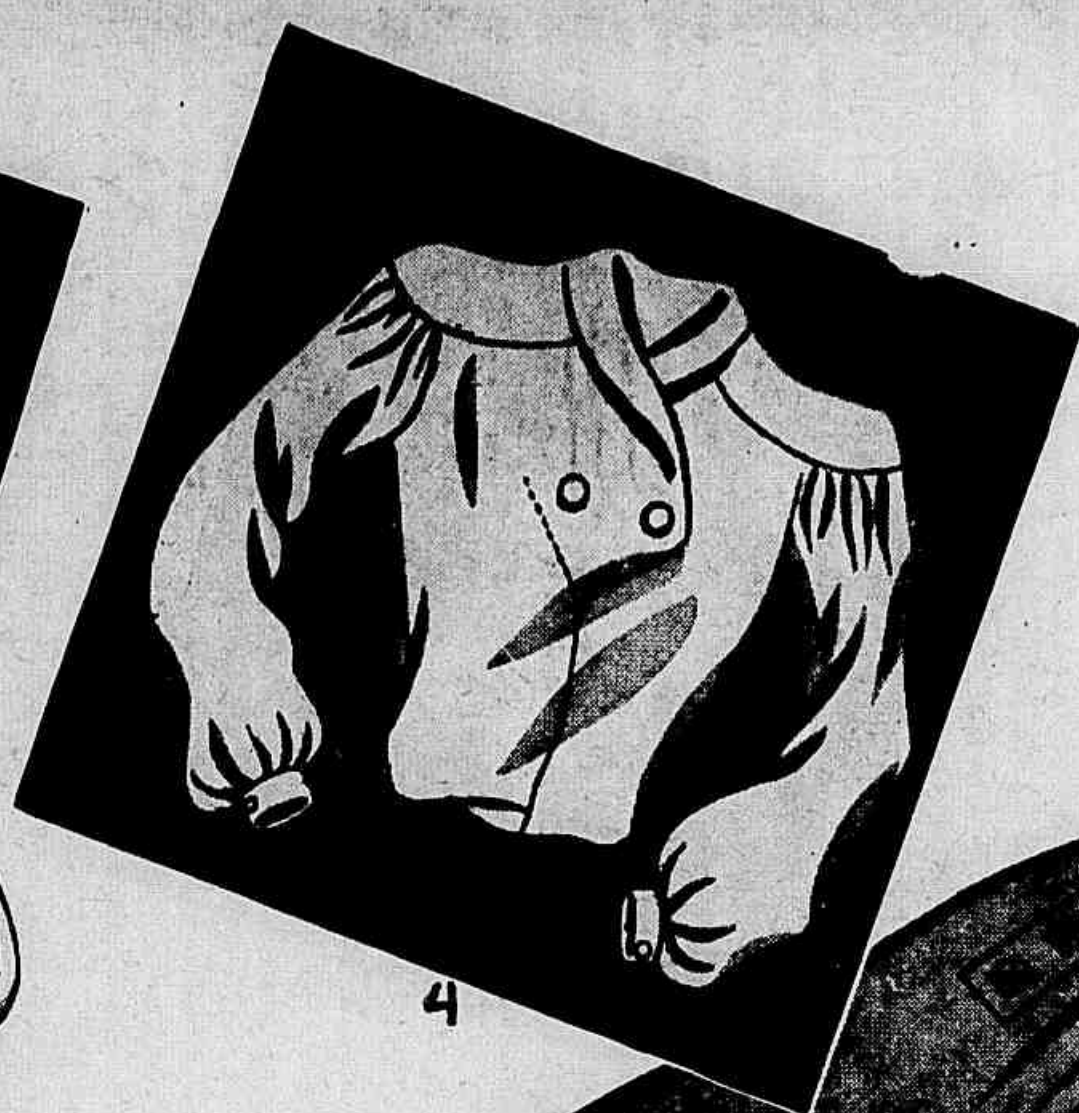
T. TARQUINO

Regina

A RAINHA DAS AGUAS DE COLONIA

Tenha sempre á mão "REGINA", a agua de colonia tipica de perfume fragrante e ameno, refrigerante suave e calmante para os dias de calor.

A VENDA EM TODO O BRASIL



4



5



3

2

Rotenol
NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FÔR O PREÇO

1 — Muito bonita esta blusa em seda branca com babados de renda "valencienne" e botões de fantasia. As mangas também tem o mesmo motivo em renda.
2 — Bonito costume em seda rayon marron enfeitado com tiras em ponta de flecha; as duas partes dos lados abrem em baixo.
3 — Costume de linho azul celeste com os bolsos em azul marinho pespontados e com a dobra em azul celeste.
4 — Original blusa em seda, com o ombro em pala inteira.
5 — Saia com franzido na frente; aos lados duas tiras com grandes botões de fantasia.
6 — Vestido de shantung com quatro bolsos verticais embutidos e debruados.
7 — Blusa em seda branca talhada em panos arredondados; gola e jabot prequeados e com babado.

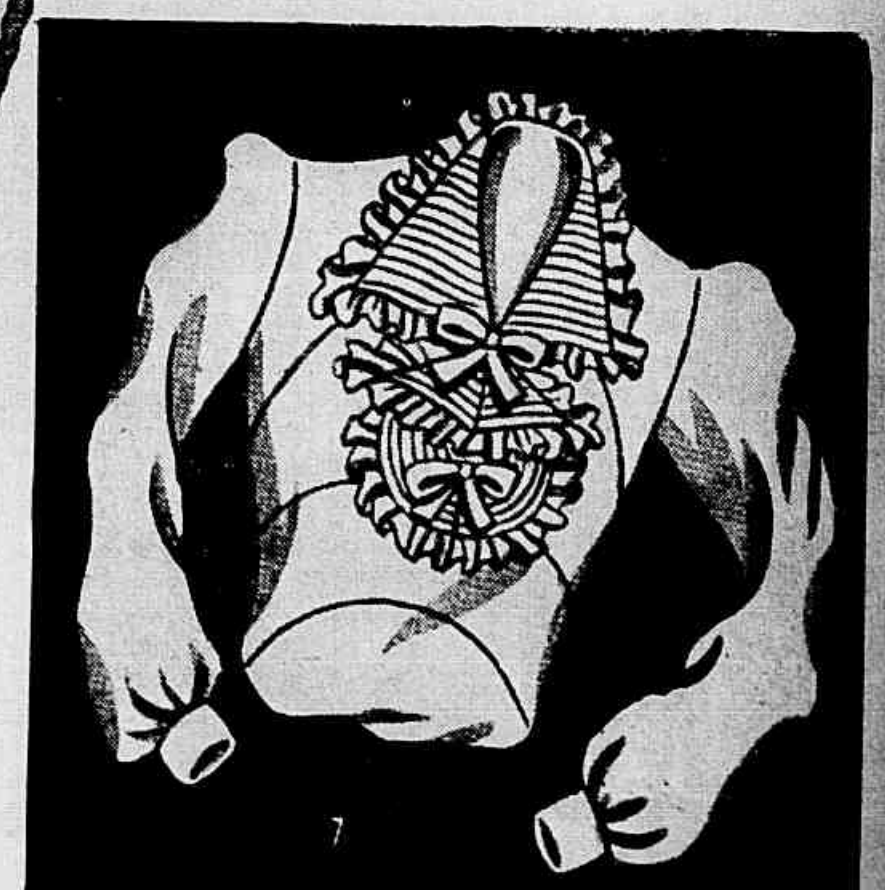
RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

ÁGUA INGLESA
GRANADO
TÔNICA
E APERITIVA
NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCENÇAS
T. TARQUINO

**DESPERTE A BILIS
DO SEU FÍGADO**

E Saltará da Cama Disposto para Tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio. Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE



incarelli

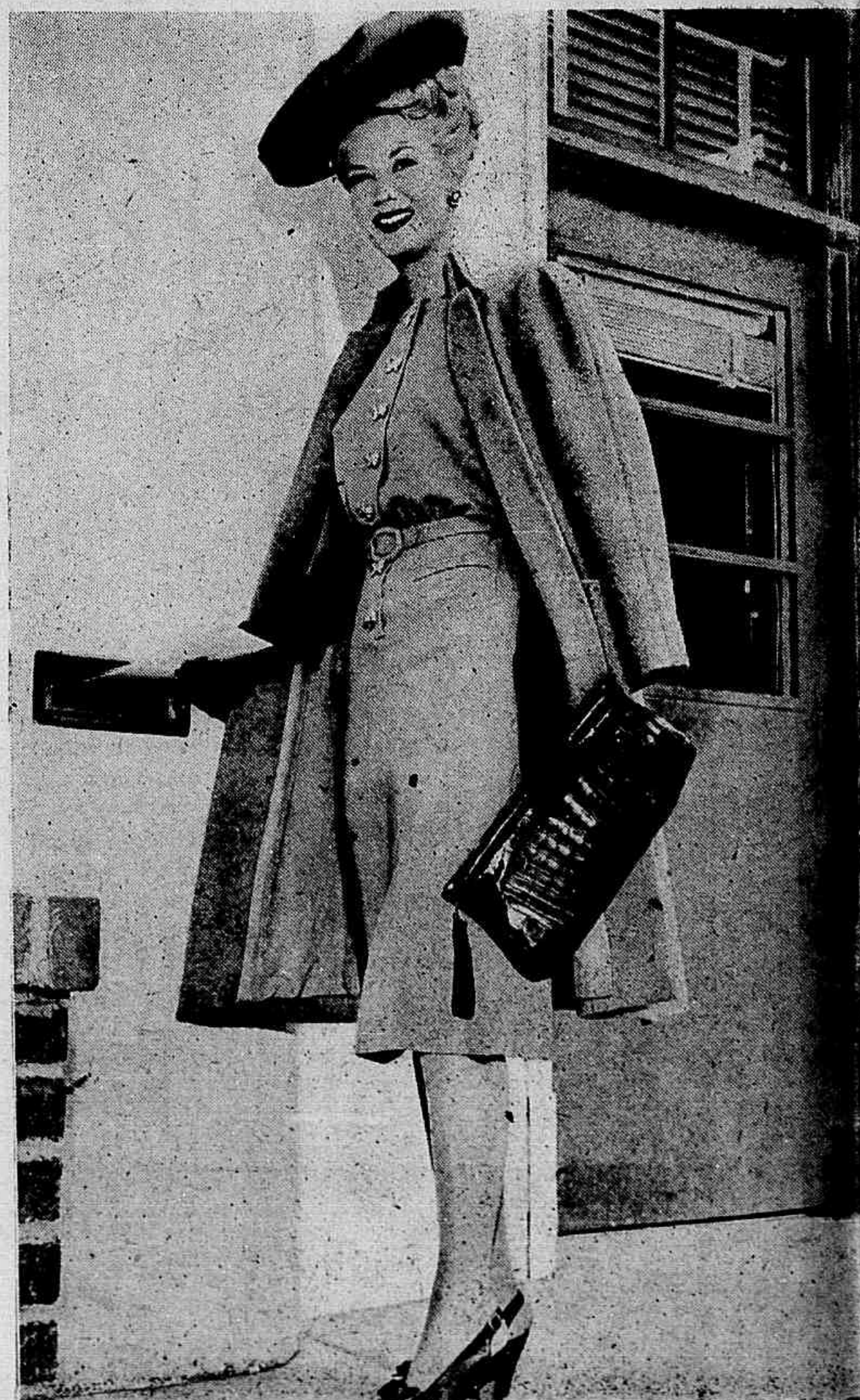
ALMIRANTE BARROSO, 5 ★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO.



Para a mudança de estação não haverá mudanças radicais da moda, e muito menos complicações, pois não seria justo preocupar-se a mulher com exibições exóticas, ou originalidades e inovações, quando a guerra continua pesadamente sua marcha de destruição, e todos os cerebros e todas as mãos devem mover-se ao ritmo marcial e triste da catástrofe. Os vestidos de inverno são sóbrios, como alguns modelos aqui inseridos, e pouco diferem dos vestidos de verão do tipo toilette, ou mesmo os de linho; apenas a fazenda é que difere entre a flanela, a lã e a seda grossa. O astracan e a pelúcia estão substituindo as peles de animais, naturalmente porque estes rarearam com a convocação dos caçadores para o serviço militar. O veludo também terá sua aplicação em chapéus, enfeites, bolsas, boléros e vestidos para a noite. O branco em lã e flanela é uma cor que está sendo preferida para os dias de inverno claros e sem garôa. O roxo em toda sua gama cromática terá uma indiscutível primazia para vestidos, chapéus e bolsas; contudo não é muito "distingue". O sapato roxo para os vestidos de sair poderá contudo ser usado à noite, como complemento de uma toilette cinza, bege, jade seco, ou mesmo de um tom de roxo pastel ou bastante escuro.

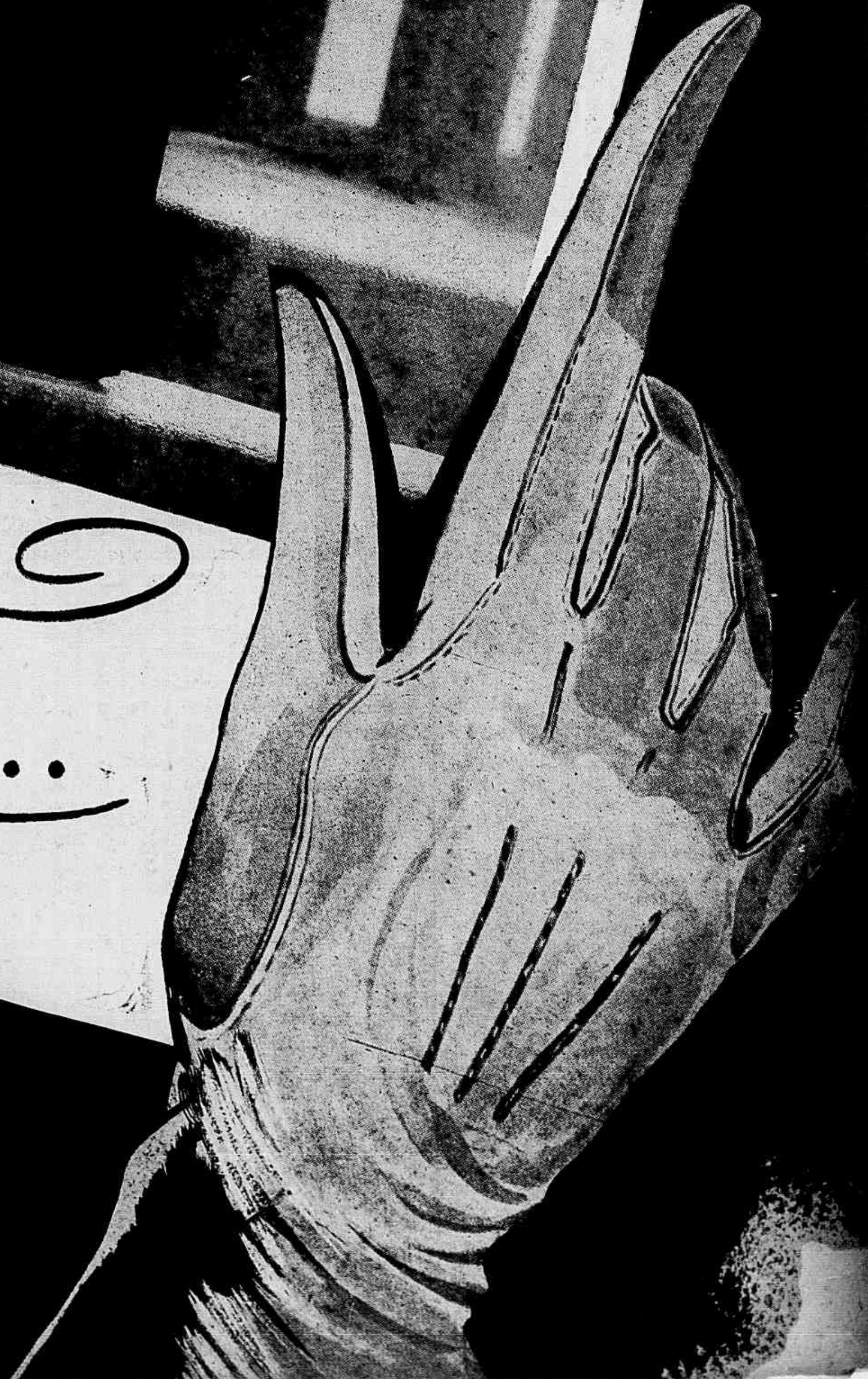
Os chapéus de antilope, castor, lébre, feltro e seda grossa, de linhas sóbrias, são os usados pelas "modelos"; as penas de qualquer gênero que não seja o "couteau", só se podem usar em chapéus para toilettes de *muilo vestir*, como dizem os castelhanos. Uma das melhores regras para a verdadeira elegância é *sobriedade*. Um toque de originalidade, um quê de atrevido em certas ocasiões; mas nada que faça sensação pelo exotismo ou pletora de enfeites. A mulher *chic* é discreta tanto nos gestos como na maneira de vestir.

DA ESQ. PARA A DIREITA: DEANNA DURBIN (UNIVERSAL), UM POUCO DIFERENTE, COM ESSA ATREVIDA CARTOLINHA DE CAMURÇA. O CASACO DE LÃ AMARELO LIMÃO, SAIA, LUVAS E MAIS COMPLEMENTOS EM MARRON HAVANA; BOLSOS SUPERPOSTOS, GRANDE GRAVATA DA MESMA FAZENDA DA SAIA. — LOUISE ALLBRITTON (UNIVERSAL), NUM BONITO CONJUNTO DE INVERNO EM LÃ AZUL-MARINHO. A BOLSA É DE ANTILOPE COMO O CHAPE'U. NOTEM O SAPATO DECOTADO MAS TODO FECHADO, PRÓPRIO PARA INVERNO. — AINDA LOUISE, NUMA TOILETTE ELEGANTE PARA O FRIO. SOBRE UM VESTIDO DE FLANELA O CASACO DE LÃ PESADA DA MESMA CÔR. O VESTIDO É ENFEITADO COM BOTÕES DE FANTASIA COM BOLSO EMBUTIDO NA SAIA. CASACO PESPONTADO COM A MESMA CÔR DO CONJUNTO DE BOLSA E SAPATO DE COURO DE CROCODILO E CHAPE'U DE ANTILOPE. NA PÁGINA À DIREITA: ELLA RAINES (UNIVERSAL), NUMA COMBINAÇÃO DE VELUDO E SETIM PARA BAILE E RECEPÇÕES.





AUTONO...





**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Queda
dos
Cabellos

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

**Agora muitos usam
DENTADURA POSTIÇA
com perfeita comodidade**

Coma, fale, ria ou cante, sem medo de que sua dentadura postiça se desprenda ou caia da boca. FIXODENT conserva as dentaduras postiças mais firmes e torna-as mais cómodas na boca. Este pó de sabor agradável não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa. Não provoca náuseas. É alcalino (não ácido). Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

**Alívio Para
As Erupções
Da Eczema**

Um dos mais importantes problemas do médico é o tratamento bem sucedido das dermatoses. Numa clínica de pele de um grande hospital, foi descoberto um novo e moderno tratamento científico: o emprego de BELZEMA, para eczemas, eczematides e psoríasis da pele.

BELZEMA tem sido aplicada com o máximo sucesso em casos de erupções obstinadas já muito antigas. Com o emprego de BELZEMA as coceiras cessaram imediatamente e com a continuação do tratamento, a pele tornou-se novamente limpa e macia.

BELZEMA não é visível nem sentida, quando aplicada. Não mancha a roupa e não requer ataduras.

Use BELZEMA hoje mesmo e veja como se sentirá aliviado. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se limpa e atraente.

BELZEMA

A praga dos vendedores ambulantes

(Continuação da pág. 28)

— Escute, moço, o senhor não vai fazer nada que me prejudique, não é? Si eu perco este ganha-pão não sei como viverei. Agora só me restam os bilhetes.

Seus olhos estavam cheios de lágrimas. A garganta do repórter apertou-se. Era só o que faltava, que acabássemos essa reportagem chorando.

— Tranquiliza-te, Atilio, nada te acontecerá. Escolhe aí um bilhetinho simpático. E' o terceiro que compro em toda a minha vida.

Fato curioso: os vendedores pareciam ter descoberto a nossa intenção de entrevistá-los e nesse dia nenhum nos importunou. E nós, que tanto falamos da praga dos vendedores públicos, não encontrávamos um só para remédio.

Onde está esta gente? A praga éramos nós, que os buscávamos por todos os cantos. E na rua de São José, quase na Praça 15, íamos passando sem perceber por outro vendedor de bilhetes. Diríamos melhor, por uma táboa sobre quatro rodas, onde um tronco, um frangalho de ser humano, olhava tristemente para tudo, com os bilhetes na mão. Foi grande o nosso embaraço para abordá-lo. Não tivemos mesmo coragem. Foi preciso que o fotógrafo iniciasse a conversa:

— Somos da imprensa. Queríamos que nos dissesse alguma coisa sobre sua vida.

Aquilo era quase uma maldade. Vida? Podíamos chamar vida àquele espetáculo de um trapo humano se arrastando pelas ruas?

— A vida não é muito boa. Venho todas as manhãs de Niterói para vender os meus bilhetes. Dá apenas para comer. E já acho bastante.

Aquele homem trabalhava, vinha todos os dias de outra cidade, para poder comer, chegar ao dia seguinte, que seria igual ao anterior, que se repetiria monotonamente, sem remédio, sem esperanças. Resolvemos dar por encerrada a palestra. Do contrário seríamos levados a escrever não uma reportagem, mas um tratado de filosofia pessimista, capaz de fazer com que Schopenhauer parecesse um Dr. Pangloss. E que Deus livre os nossos leitores dêsse perigo!

GUMEX, O CONHECIDO

Na outra esquina o espetáculo era mais alegre:

Uma pequena multidão fazia círculo em torno de um rapaz bem vestido, uma gravatinha borboleta, que falava e gesticulava animadamente, ao lado de um mostruário de artigos para unhas. Aproximamos cautelosos. Sabíamos que em geral os vendedores fogem da máquina fotográfica. Aquilo pode sempre trazer alguma complicação. Habilmente, o fotógrafo arranhou um claro para bater a chapa. Entusiasmado, o homem nem percebera a nossa presença. De repente olhou para o nosso lado.

— E' só um instantaneozinho, justificou-se o Arnaldo.

— Ora, à vontade! Pode bater!

E continuou imperturbável a sua arenga.

Não queríamos interromper o trabalho do nosso amigo. Marcamos uma palestra para daí a meia hora.

Gumex — como é conhecido — é também viajado. Já estive em diversos países da América. Começou a sua carreira em Buenos Aires.

— Mas sou brasileiro, nasci no Estado do Rio — explicou.

E' um entusiasta da sua profissão. Sempre se dedicou a isso, e conhece todos os segredos do "métier". Foi amigo de "Polar", e de "Novidades". Quem não conheceu esses dois "camelots"?

— E' preciso olho vivo e muita agilidade. De vêz em quando a polícia nos dá um susto. E note-se: sou sindicalizado e com todos os meus papeis em ordem. Acho que devia ter o direito de exercer a minha profissão. Pois o senhor acredita? Sou obrigado a ter meus secretários, os vigias, que ficam alertas, dando o aviso da aproximação do guarda. Apesar de todas essas dificuldades, gosto da minha vida. Tem lá os seus encantos. E' sempre bom a gente falar em público. E o certo é que nasci com queda para a coisa. Em Buenos Aires é bem diferente. Lá o "camelot" é quase um príncipe. Veste-se bem, faz a sua propaganda confortavelmente instalado num automóvel. Mesmo em São Paulo há maiores facilidades. Aqui todos fazem pressão contra nós, a começar pelo próprio comércio. Entretanto, quando a mercadoria está encalhada é a nós que recorrem. E sempre com bons resultados. Sabe? De ontem para hoje já vendi uns 80 polidores de unhas.

— De modo que você tem obtido pleno sucesso?

— Não é tão difícil assim. A questão é ter um pouco de psicologia. O "camelot" deve antes de mais nada espalhar a alegria. O povo sente-se atraído, e o produto se escôa.

Deixamos Gumex, depois de agradecer-lhe.

— Sempre às ordens, meu chefe, Gumex, o conhecido.

Podíamos continuar indefinidamente. Entretanto o que ouvíamos era o suficiente. Começamos a reportagem dispostos a arrazar os vendedores públicos. Acabamos amigos de todos. E lá se foi o nosso orgulho de nunca ter comprado um bilhete de loteria: compramos quatro. E si Deus quiser e os bilhetes não rogarem praga, um deles há de sair premiado.

O que se deve evitar

Dra. SILVIA ROGER

Marta de S.

Escreve você — "Estou preparada para fracassar na vida, porque, como fiquei orfã de mãe aos 10 anos, fui internada num colégio até os 20, pois meu pai viajava muito e eu lhe era um estorvo. Sou excessivamente tímida e não tenho nem amigas, nem jeito para adquiri-las. Que devo fazer?"

Minha amiga, conheço moças que, sem ter tido propriamente a sua sorte e tendo convívio social, são tímidas, contrafeitas, encolhidas. Um cientista japonês, autor de um livro sobre a maneira de curar a timidez, aconselha, entre outras coisas, exercícios respiratórios e, ainda, que a pessoa saia de casa todos os dias, procurando lugares frequentados e faça esforço para estar à vontade, olhar de frente os outros, corresponder a algum cumprimento mesmo que não conheça a pessoa.

Minha amiga, leia "L'Art de Vivre" de André Maurois, "Como conquistar amigos" de Dale Carnegie; são leituras boas e interessantes. Comece por alijar do seu vocabulário a palavra fracasso e seus derivados. Você sabe muito bem quem era Joanna D'Arc, a donzela de Orléans, como a chamavam. Crê você que essa camponesa de Domremy tinha mais qualidades do que você para vencer? E julga você que aquele tenebroso ambiente da Idade Média era mais propício às conquistas femininas do que este nosso século burguês e sem preconceitos? Por que se julgar desenraizada num mundo como o nosso, aberto a todas as experiências e aventuras? Por que não tem jeito para fazer amigas? Para isso não é preciso jeito, mas apenas boa vontade e espírito de solidariedade. Escolha agora mesmo, entre suas amigas ou, si quiser usar outro termo, entre suas conhecidas duas ou três mais alegres e acessíveis e convide-as a tomar um chá na cidade; diga-lhes que quer escolher um sweater, lá para fazê-lo ou outra coisa qualquer, e que não tem jeito de sair só. Ou então convide-as a tomar o chá em sua casa: será mais cordial e agradável. Vou arranjar-lhe um pretexto cívico dos mais admiráveis. Conheço um grupo de jovens da nossa sociedade que semanalmente (às quartas-feiras) se reúnem, para confeccionar roupas para os nossos soldados e marinheiros. Cada semana uma delas oferece o lanche. Não é admirável esse senso de camaradagem combinado com o senso prático de um sadio civismo? Elas são jovens como você, cheias dessa vibração de vida e bondade que lateja nas almas em floração. Não se compreende pessimismo em juventude, pois esta é a eclosão da vida em toda sua plenitude de beleza e de sonhos.

Querida Marta, leia os livros que lhe aconselhei, procure organizar o seu grupinho de jovens beneméritas e depois escreva a esta sua velha amiga.



DORMITORIO PARA AS CRIANÇAS

Na construção de uma residência familiar, antes dos efeitos artísticos das ornamentações, devem preocupar os seus arquitetos as condições higiênicas de seus aposentos em geral e, em particular, dos locais destinados a longa permanência de crianças.

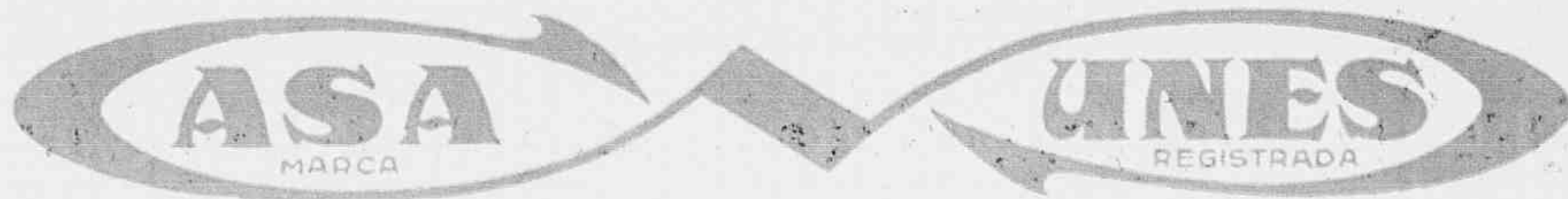
Neste dormitório de escolares, pequeno e sem nenhum luxo, foi levado em conta tudo o que poderia influir sobre a saúde de seus ocupantes.

Os móveis são simples e sem arabescos de torneados capazes de reter a poeira. Poltronas acolchoadas e cômodas para o descanso e o estudo, e camas altas e singelas.

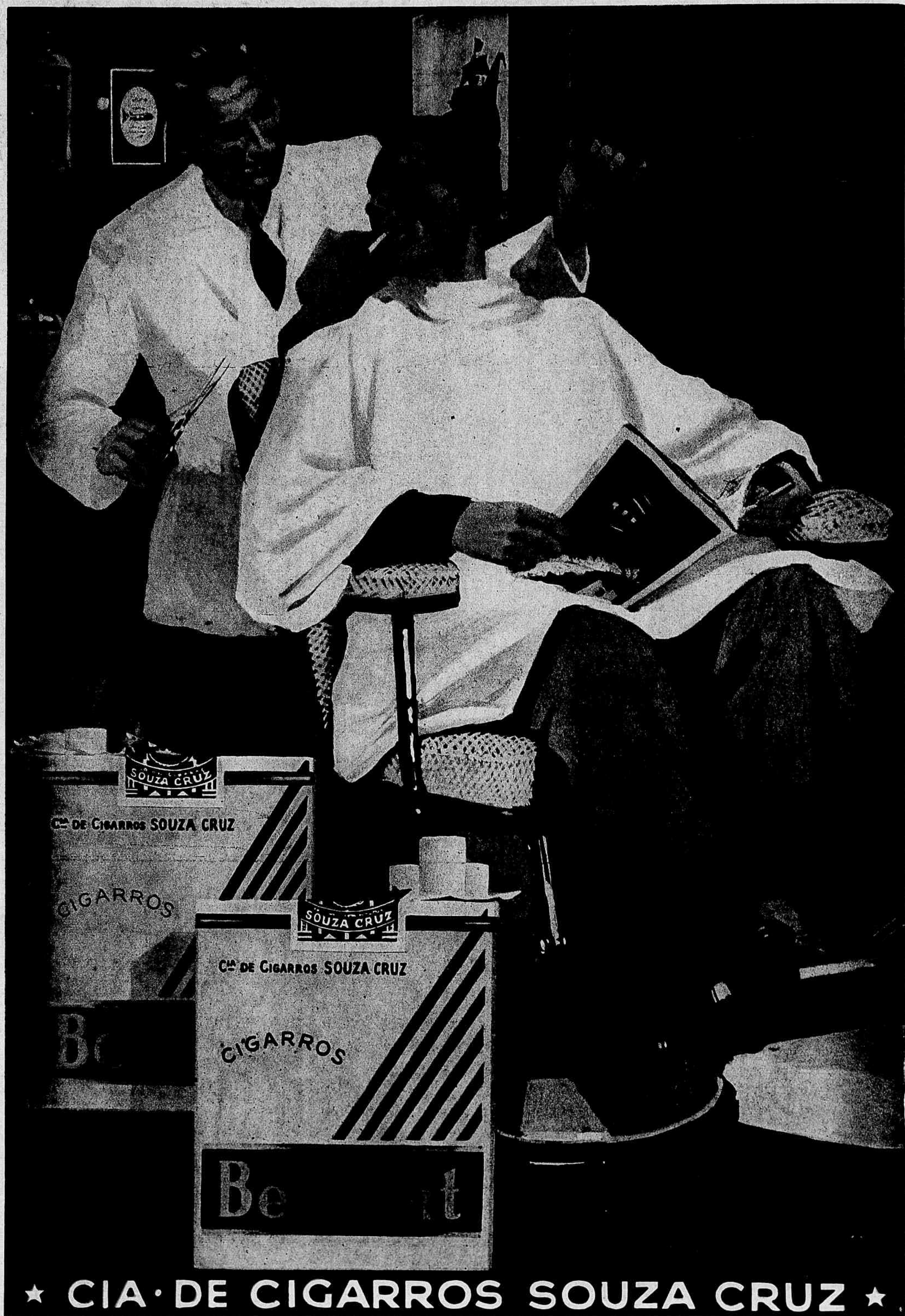
MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

**AGUARDEM O DIA 15 DE MAIO, INICIO
DA TRADICIONAL VENDA ANUAL**

DA



65 -- RUA DA CARIOCA -- 67 -- RIO



★ CIA·DE CIGARROS SOUZA CRUZ ★

REVISTA DA SEMANA

SUPLEMENTO DE GUERRA

13 DE MAIO DE 1944



O HEROI DO RAID CONTRA TOQUIO

O TENENTE GENERAL JAMES W. DOOLITTLE, COMANDANTE DA 8.ª FORÇA AEREA DOS ESTADOS UNIDOS, COM BASE NA INGLATERRA, AO MICROFONE, QUANDO NARRAVA COMO ESTÃO SENDO REALISADOS OS RAIDES DIURNOS CONTRA A INDUSTRIA DE GUERRA ALEMÃ, POR BOMBARDEIROS NORTE-AMERICANOS COM ESCOLTA DE CAÇAS. O GENERAL DOOLITTLE, QUE CHEFIU O ATAQUE AEREO A TOQUIO, FOI RECENTEMENTE PROMOVIDO PELO PRESIDENTE ROOSEVELT DE MAIOR-GENERAL A TENENTE-GENERAL

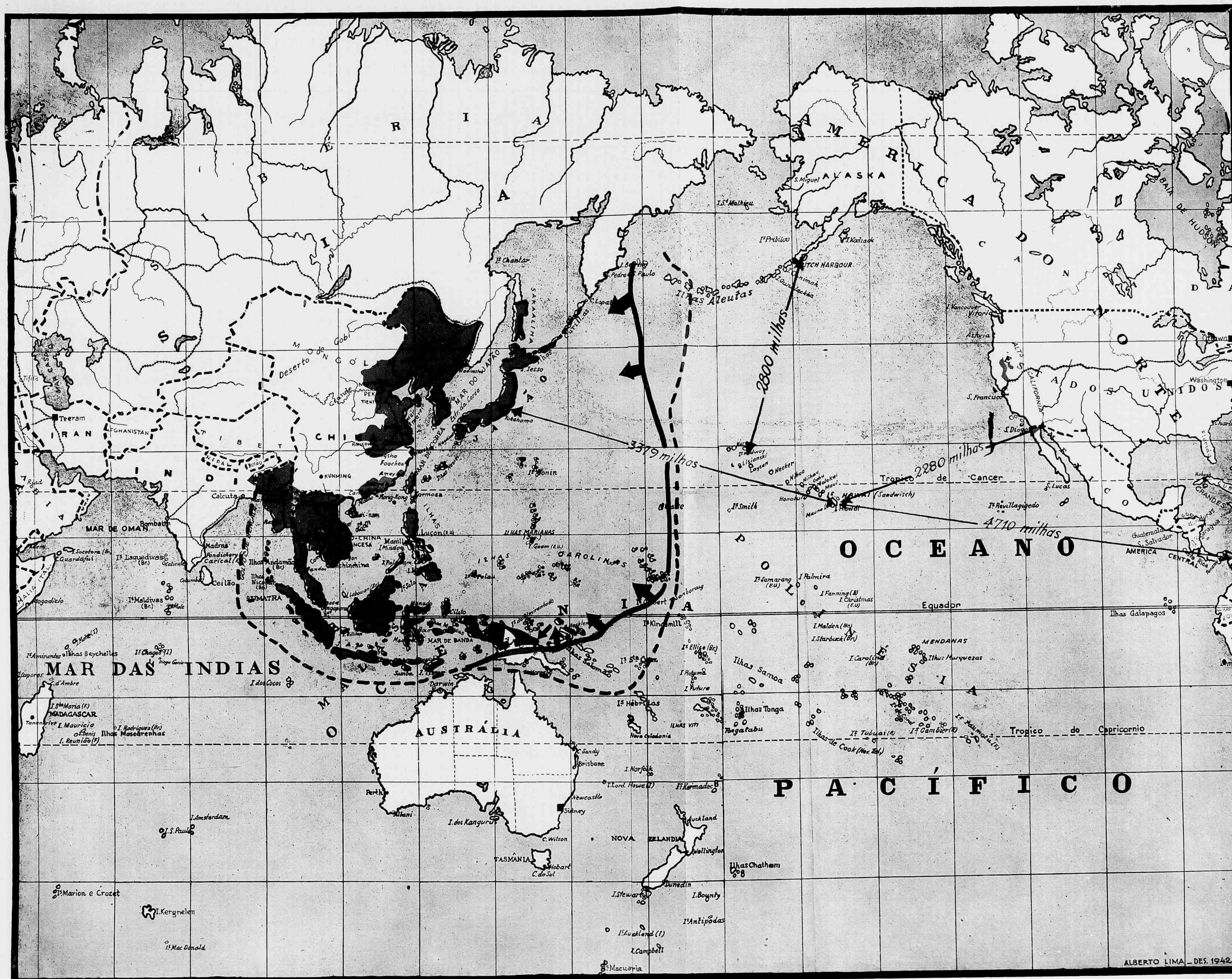
Aquela figura de um imenso pólvora que esbode seus tentáculos estragando tudo o que se encontra ao seu alcance, enquadrar-se admiravelmente a situação do Império Japonês. Entretanto, a elasticidade dessas tentáculos, parece ter atingido seu limite extremo, e ante os golpes seguros dos Aliados vão sendo gradativamente amputados. E no círculo que se estreita cada vez mais, em torno das cingidas dos imperialistas de Tóquio, podemos dizer que todos os caminhos levam ao coroação do monstro.

O Japão como a Alemanha, e meça a apresentar os primeiros sinais de fraqueza. Esses sinais, que se vão tornando cada vez mais evidentes, não deixam dúvidas quanto ao destino que está desenhando ao Mikado. Como na Alemanha, o Japão depende de alguns fatores vitais para o prosseguimento da luta. Entre estes, o principal é a facilidade de comunicações. Ora, naquele teatro de luta, essas comunicações são essencialmente as rotas marítimas. Portanto, o Japão depende fundamentalmente da sua esquadra, para o prosseguimento da luta. Os submarinos, a aviação e a esquadra de superfície anglo-americana, eficientemente auxiliada pelas unidades lusesas, vêm reduzindo a dia a dia o poderio naval japonês.

E' preciso notar a constante da qual a maior parte das duas esquadras está sendo empregada na Europa, onde se prepara o assalto definitivo à frota de Hitler. A produção espantosa e sempre crescente de navios aliados, de um lado, e a dificuldade de produção de navios japoneses, de outro, não deixam dúvidas quanto ao resultado da luta, quando todas as forças aliadas puderem, ser transferidas para o Pacífico, e ser desfecho o assalto definitivo contra a frota japonesa.

Aliás, no Pacífico com
na Europa, as operações
de caráter puramente de
fensivo, vão aos poucos
ganhando agressividade.

O último ataque americano a H. Lúndia e Alta na costa norte da Nova Guiné, são apenas o início de campanhas de maior envergadura que precederão o assalto final.



GR=15x

INDIA

A conquista da Índia

Outro sonho japonês que se desfaz

A transferência de Lord Mountbatten do teatro de guerra do Mediterrâneo para a Índia afirma de dirigir a resistência contra uma possível e provável invasão japonesa. É bem um índice da prevalência e da orientação dos ingleses. Mountbatten tornou-se famoso como especialista neste gênero de combates e vem adquirindo cada vez maior oportunidade na guerra atual e que não as operações anfíbias executadas pelos aliados.

Mais argutos que os alemães, os aliados perceberam que somente o emprego combinado das três armas: marinha, exército e aviação, poderia decidir a luta no oceano Índico. Tendo já agora o domínio incontestável dos mares e dos ares e passando à fase defensiva para a ofensiva seria necessário uma perfeita coordenação das três armas para levar a cabo a tarefa de aniquilamento do inimigo. Os nazistas fracassaram completamente nas suas tentativas de dominar a Inglaterra quer pela falta de submarinos, quer pelos tremendos bombardeiros aéreos. As marinhas aliadas esmagaram a campanha submarina que é agora apenas uma sombra do que era há dois anos atrás. Está garantida a segurança da navegação aliada. Esta vitória custa enormes sacrifícios, mas foi plenamente compensadora. A aviação germanica em franca decadência, consegue agora a muito custo realizar raids para efeitos de propaganda interna.

Ficou provado que isoladamente, nenhuma dessas armas conseguirá um resultado definitivo.

O espartano desembarque aliado na África e a própria invasão da Itália vieram demonstrar o grau de preparo e eficiência conseguidos pelos anglo-americanos nas operações dessa natureza.

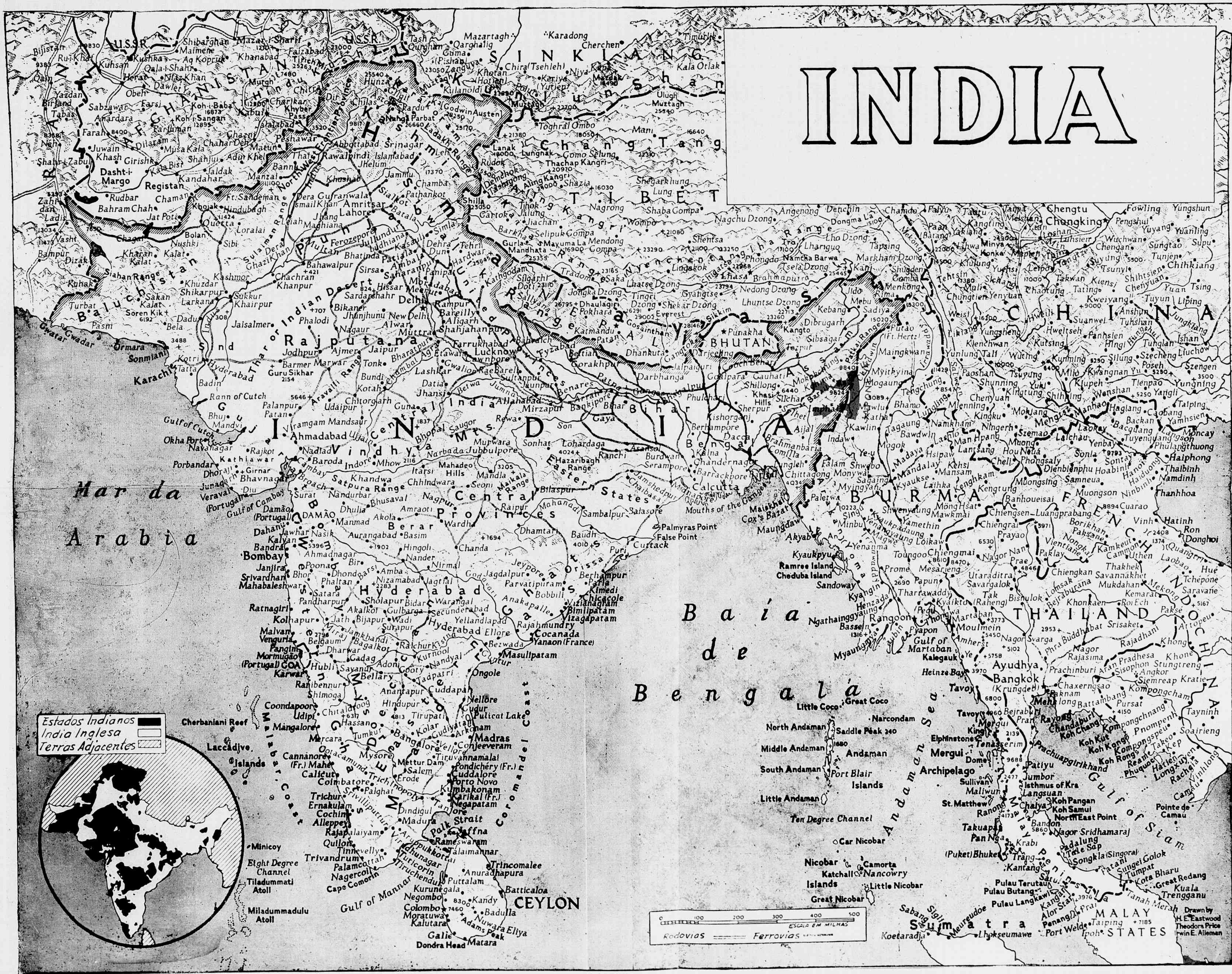
Estes desembarques vêm demonstrar as possibilidades de uma invasão em grande escala no continente Europeu.

No caso da Índia, não deve ter passado despercebida dos japoneses o abandono da nomeação de Mountbatten para dirigir as operações naquele teatro da guerra.

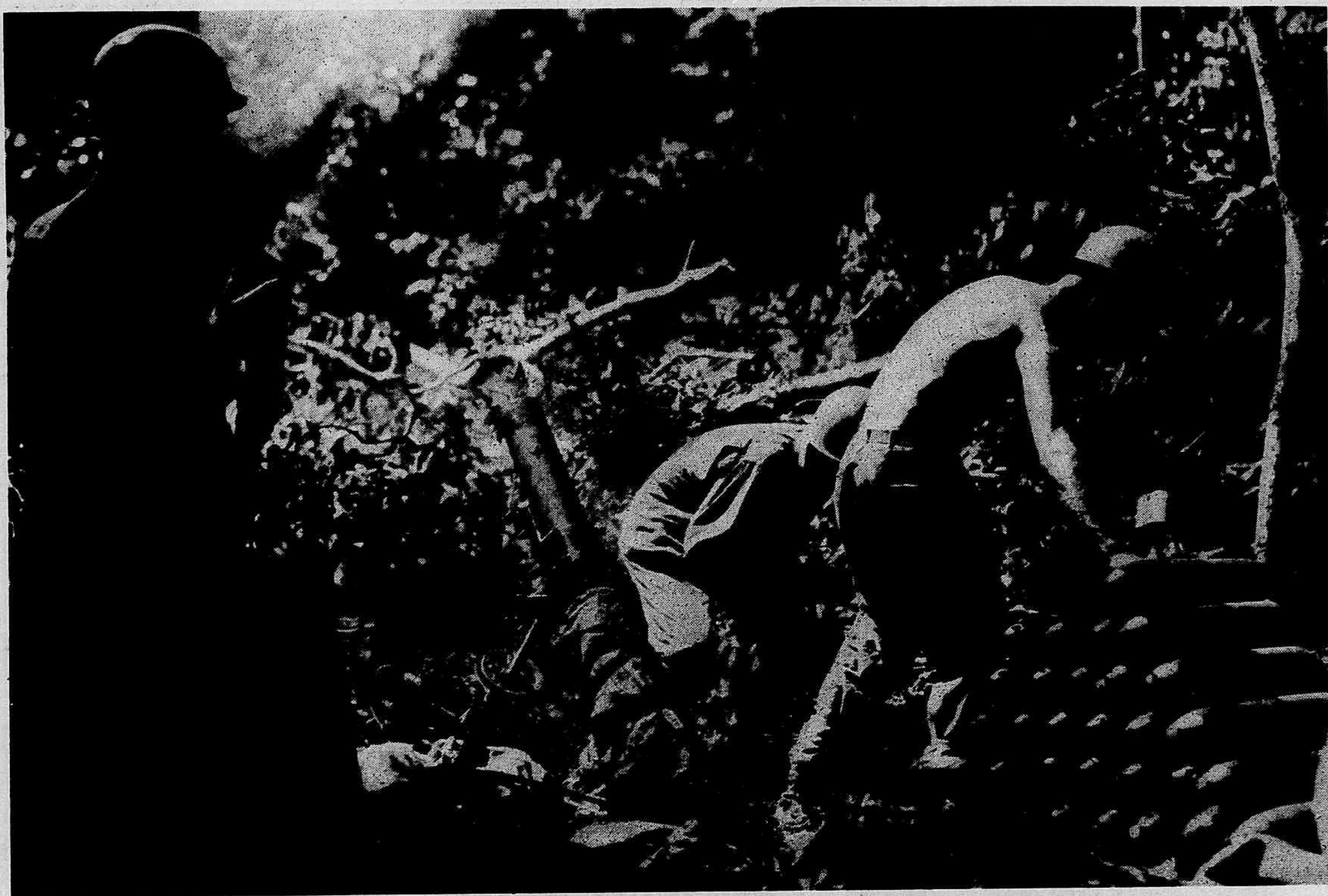
A esquadra inglesa do Oceano Índico não obstante a dispersão que foi imposta a "Home Fleet", é ainda poderosa.

Desembarques aliados em diversas regiões ocupadas pelos japoneses são uma prova da orientação do ilustre militar britânico.

O inesperado assalto japonês a Iloilo e a Cebu não surpreendeu as tropas indo-britânicas, como demonstrou a pronta reação das mesmas. Depois de estarem às portas dessas duas cidades foram os amarelos obrigados a recuar para as montanhas onde continuam a ser perseguidos pelos ingleses e indus. A luta neste setor deve assumir um aspecto decisivo e influir sobre as operações do Oceano Índico.



CENA DA CON-
QUISTA DE
ARUNDEL —
SOLDADOS AMERI-
CANOS ATIJRAM
COM UM MONTEI-
RO NAS DENSAS
"JUNGLES" DA
ILHA DE ARUNDEL,
A OESTE DA NOVA
GEORGIA, DURANTE
A OFENSIVA DAS
NAÇÕES UNIDAS
QUE RESULTOU NA
CAPTURA DE TODAS
AS ILHAS DO CEN-
TRO DO ARQUIPE-
LAGO DAS SALO-
MÃO AINDA EM
PODER DOS JA-
PONESES.



A BATALHA DE
TARAWA — UM
IMPRESSIONANTE
FLAGRANTE QUE
DEMONSTRA A IN-
TENSIDADE DOS
SANGRENTOS COM-
BATES TRAVADOS
ENTRE AS FORÇAS
DE DESEMBARQUE
AMERICANAS E OS
SOLDADOS JAPO-
NESES DURANTE A
CAMPAINHA QUE
RESULTOU NA CON-
QUISTA DE TARAWA
E DE TODO O GRU-
PO DAS GILBERT.
POR TODA PARTE
SE VEEM PALMEI-
RAS DE VORADAS
PELAS CHAMAS DA
BATALHA



VISTA PANORAMICA DE ROMA, A CIDADE ETERNA, OBJETIVO IMEDIATO DAS TROPAS ANGLO-AMERICANAS QUE LUTAM EM CASSINO E ANZIO. A SUA QUEDA SERÁ DE GRANDE IMPORTANCIA ESTRATEGICA E PSICOLOGICA, COMO O DEMONSTRAM OS PROPRIO ALEMÃES NA DEFEZA ENCARNICADA DAS ROTAS QUE LEVAM À CAPITAL ITALIANA. PARECE QUE A VELHA AFIRMAÇÃO DE QUE "TODOS OS CAMINHOS LEVAM A ROMA" ESTÁ SENDO DESMENTIDA OS CAMINHOS QUE LEVAM A ROMA SÃO BEM POUCOS E NELES SE TRAVAM ALGUMAS DAS BATALHAS MAIS ENCARNICADAS DA GUERRA.



EIS AQUI UMA FOTOGRAFIA DE KIEV, DE ORIGEM ALEMÃ, ENVIADA PARA NEW YORK DE BERNA, SUÍÇA, MOSTRANDO O ESTADO EM QUE FICOU ESTA CIDADE CHAVE DA UCRÂNIA DEPOIS DOS ATAQUES E CONTRA-ATAQUES A QUE FOI SUBMETIDA. KIEV FOI LIBERTADA PELO GRANDE GENERAL VATUTIN RECENTEMENTE FALECIDO, E NELA SERÁ ERIGIDO UM MONUMENTO EM SUA MEMORIA.